



João do Rio

**Psicologia
urbana**



João do Rio

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente

Renato Lessa

Diretora Executiva

Myriam Lewin

Centro de Pesquisa e Editoração

Marcus Venício Ribeiro

Coordenadoria de Editoração

Raquel Fabio

Centro de Coleções e Serviços aos Leitores

Ana Lúcia Medeiros

Coordenadoria de Acervo Geral

Anna Naldi

Divisão de Obras Gerais

Rutônio Sant'Anna



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

João do Rio

Psicologia Urbana

2ª edição com notas

Cadernos
da
Biblioteca Nacional

Rio de Janeiro



2015

Coordenadoria de Editoração
Av. Rio Branco, 219, 5º andar
Rio de Janeiro – RJ | 20040-008
editoracao@bn.br | www.bn.br

Editor

Marcus Venicio Ribeiro

Coordenação Editorial

Raquel Fabio, Valéria Pinto

Pesquisa e Notas

Iuri Lapa, Lia Jordão, Renata Aquino (estagiária)

Preparação de Originais

Débora Castro, Francisco Madureira

Revisão de Provas

Débora Castro, Rosanne Pousada

Projeto Gráfico original

André Lippmann, Rodrigo de Mello Alves

Projeto Gráfico Adaptado

Danielle Fróes, Eliane Alves, Matheus Antunes

Diagramação e Tratamento de Imagens

Danielle Fróes, Matheus Antunes

Assistentes Editoriais

Danielle Fróes (estagiária), Janilda Souza, Matheus Antunes (estagiário),
Rafael Andrade (estagiário), Taiyo Jean Omura

1º edição: 1911, Livraria Garnier Irmãos.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

J58p

João, do Rio, 1881-1921

Psicologia urbana / João do Rio. – 2. ed. - Rio de Janeiro : FBN,
Coordenadoria de Editoração, 2015.

240 p. : il. ; 12x19 cm. – (Coleção Cadernos da Biblioteca Nacional ; 12)

ISBN 978-85-333-0751-3

1. Discursos brasileiros. I. Biblioteca Nacional. Coordenadoria de
Editoração. II. Título. III. Série.

CDD- B869.5

Sumário

Apresentação
Iuri Lapa e Lia Jordão

7

Amável leitor...

27

O amor carioca

39

O figurino

85

Flirt

127

A delícia de mentir

161

Discurso de recepção
na Academia Brasileira

199

Apresentação

Psicologia urbana é a compilação de cinco conferências proferidas no Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX.

João do Rio – pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), talvez o maior cronista da cidade – aparece neste livro enfatizando um aspecto recorrente em sua escrita, embora nem sempre percebido: a ideia de *performance*. Conceito utilizado por historiadores da comunicação, como Walter Ong e Paul Zumthor, para denominar o agir comunicativo “literário” em sociedades predominantemente orais, a *performance* guarda a ideia da confluência no tempo entre o enunciado e sua recepção. Em conjunto com uma série de dispositivos linguísticos, o ato de comunicar ganha eficácia.¹

1. ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Campinas: Papirus, 1998 e ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Esses autores discutem as consequências de diferentes formas de comunicação, oral ou letrada, para uma série de aspectos do campo cognitivo e também do campo da expressão “literária” (diferentes formas de organizar o pensamento, expor ideias, perceber, apresentar e representar o mundo e as pessoas, etc.). Na intercessão entre sociedade oral e sociedade letrada, elementos orais ainda permanecem no âmbito da expressão escrita: as chamadas “marcas da voz”.

O Brasil do início do século passado não pode, obviamente, ser identificado como uma sociedade oral. Já tínhamos os campos literário e jornalístico consolidados, um longo passado de letramento ligado às tradições lusitanas e, até mesmo, o prenúncio da profissionalização do escritor (o próprio João do Rio é tido como o primeiro a viver exclusivamente do ofício de jornalista). No entanto, não seria exagero afirmar a permanência de uma forte oralidade entre nós, mesmo sem considerar o baixíssimo percentual de alfabetização da população na época.

Conferências e palestras sobressaiam nos ambientes letrados da época e podem ser vistas também como uma manifestação, no terreno erudito, dessa oralidade. Ainda mais no caso de João do Rio, em que a oralidade é tida como constitutiva do seu estilo literário. Essa característica pode ser notada pelo uso recorrente de afirmações breves entrelaçadas a exclamações, pelos contínuos enlaces narrativos com o leitor-ouvinte, pela “vulgaridade” do tom – parecendo que se está a ouvir uma conversa –, pelo uso constante de verbos ligados ao ato de *dizer*, além de outras exterioridades que sa-

lientam aspectos ligados à *performance* em textos impressos.

Se nos acostumamos a ler suas palavras impressas e a “ouvir” sua voz, nesta obra há a sensação ainda mais aguçada de sua fala, de sua oralidade e da oralidade de sua escrita. As falas originais foram transcritas. Da apresentação oral singular (nenhuma *performance* é idêntica a outra) para uma plateia (simultaneidade de caráter coletivo), elas foram condensadas para uma nova experiência receptiva. Saíram de uma experiência única para ganhar um novo suporte, a impressão, gerando nova forma de recepção (individualizada e silenciosa) do que foi apresentado. Curiosamente, sua forma de expressão literária retém os traços identitários que tanto caracterizam o autor, seu estilo e seus recursos narrativos, além de aguçar no leitor uma nova percepção do estilo fortemente oral do cronista.

Nessa série de conferências, o cronista nos conduz vividamente por aspectos do cotidiano da cidade, ainda em renovado processo de consolidação do seu status de referência para todo o país, já então sob a égide republicana, cosmopolita e subjetivamente afeita aos novos tempos. Um Rio de Janeiro que lhe parecia inacabado, algo em vias de ocorrer, inovações materiais e comportamentais, mas nada definitivo, nada ainda consolidado. Urbe incompleta, embora já em franca interação cosmopolita. Como parece acontecer com o próprio João do Rio, um escritor em processo, incompleto, em vias de acontecer, conforme ele se definia.

Sua autocrítica – mais na aparência do que em substância, pois há uma apropriação positiva desse

traço, conforme sugere a epígrafe tomada de Nietzsche – fica patente na conclusão de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, a última das conferências reunidas no livro, intitulada convenientemente “Discurso de recepção”. Sua aceitação naquela sociedade, diga-se de passagem, é um indicativo da forma como seus contemporâneos o percebiam. Valorizando ou não seu talento literário, talvez excessivamente prosaico (e oral!) para alguns, lá estava ele ombreando com o “escol mental do país”, como ele costumava definir os membros da instituição. Seu nome na Academia, de acordo com o próprio João do Rio, contrastava com o do único ocupante anterior da cadeira que lhe coube, Laurindo Rabello (1826-1864), e também com a do patrono Guimarães Passos (1867-1909). Ao invés de escolherem um nome que se afinasse literariamente com os dois, os imortais da ABL “preferiram o *espectador incompleto* dessa sociedade que se constitui”; “em vez da obra perfeita e de sabor conhecido [como a de seus antecessores], tomastes como exemplo da época na Academia aquele que fixa *tumultuariamente* alguns aspectos do *esplêndido espetáculo*”.

A cidade, de vida vibrante e dinâmica, envolta em movimentos de difícil apreensão, é a principal protagonista das conferências. Mas não a cidade concreta, que existe apenas como espaço. Tratava-se de problematizar a cidade habitada por pessoas que dão sentido a suas transformações, pois são elas os astros, os protagonistas desse “esplêndido espetáculo”. O cronista esmiúça e classifica a vida urbana diante de uma audiência que vive essa mesma vida. Suas falas se dirigem a eles, os

próprios responsáveis por sua constituição. Ele tipifica comportamentos – que para muitos deviam parecer como espontâneos, inovadores, não determinados – e apresenta conclusões para seus ouvintes-leitores.

Podemos apenas imaginar o desconforto meio cômico, meio sério, quase patético, causado por esse excesso de autorreflexão. Se nos fiarmos nos comentários sobre o livro publicados no jornal *A Noite*, de 24 de janeiro de 1912, as palestras, uma vez publicadas, geraram considerável impacto no público leitor:

Um livro como a “Psicologia Urbana”, é disputado, *toda a gente o lê, toda a gente o discute*, e o que é ainda melhor, *toda a gente o compra*.

João do Rio deve estar realmente muito satisfeito com o retumbante sucesso da “Psicologia Urbana”.²
(grifo nosso)

O cronista dessa vida urbana partilha seu olhar privilegiado com sua plateia e depois com seus leitores. Sua atividade, pode-se afirmar, ajuda a consolidar um repertório mental e simbólico da nova sociedade. Seu olhar de observador *profissional* está atento aos detalhes dos modos como os homens se adaptam e são moldados pela nova realidade da metrópole. Uma realidade “vertiginosa”, a reconfiguração de toda uma sociedade vivendo sob um novo regime político e ven-

2. O MOVIMENTO LITERÁRIO: Psychologia Urbana. *A Noite*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1912, ano 2, n.166, p. 1. v. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1912_00166.pdf>.

do seus centros de sociabilidade serem reconstruídos e outros serem criados. Como escreveu Pedro Nava, “uma cidade construída sobre outra que se chamava Rio de Janeiro, edificada, também, sobre a mais antiga do mesmo nome de Rio de Janeiro. Uma cidade americana (...) erigida sobre os escombros da cidade francesa que Passos construíra, derrubando a primitiva portuguesa”.³

A forma com que mirava a urbe e seus habitantes já lhe rendeu a alcunha de etnógrafo *honoris causa*,⁴ tanto por sua abordagem – um tipo de imersão semelhante a um trabalho de campo –, quanto por suas leituras sociológicas, antropológicas, filosóficas. O que ele vê são homens interagindo em busca da satisfação de seus objetivos e impulsos, mergulhados em um complexo sistema cultural, repleto de simbolismos e distintas formas de representação. Observação participativa, decerto, mas que conseguia gerar estranhamento naquilo que devia parecer normal e natural.

Um bom exemplo a esse respeito é a forma como ele discorre sobre o amor. Tendemos a pensar que este é o mais universal dos sentimentos humanos. A primeira das conferências de *Psicologia Urbana* trata o tema do amor por uma ótica particularista: as pessoas amam de modos diferentes, dependendo de onde vivem, da época, da classe social etc. Intitulada “O amor carioca”, João do Rio discorre sobre a forma como a cidade

3. NAVA, Pedro. Balão cativo. São Paulo; Cotia, SP: Giordano: Ateliê, 2000.

4. O'DONNELL, Julia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

lida com esse sentimento. Ele apresenta sua “metodologia” de modo que o leitor conheça os passos dados para tamanho empreendimento. Separou tudo que leu nos noticiários do Rio de Janeiro sobre o amor e foi guardando em um grande “saco de viagem”: “Com o tempo ao abri-lo verifiquei a média de como compreendia o amor à cidade. E, de repente achei-me com a vã fantasia de o dizer.” Uma tarefa das mais complicadas porque apenas os recortes de noticiário não dão conta. Imbuído de espírito investigativo, ele lança mão de todos os artifícios possíveis: informantes (filtrando o que lhe é dito porque em matéria de amor ninguém seria verdadeiramente confiável), indícios materiais e estatísticas, referências filosóficas e literárias sobre o tema e uma fina intuição:

Como o compreendemos nós [o amor]? Há variedades de compreensão nesse grave caso? Nós amamos de modo diverso que em França, em Espanha ou no Portugal? Há nuances? Serei eu capaz de as mostrar? Para fazer o processo verbal do estado afetivo de uma cidade, é preciso não perguntar apenas. Certas coisas não se confessam nunca. Em amor, quer da parte do homem quer da parte da mulher, há uma irresistível tendência a contar mentiras. É mesmo o único caso em que se mente sempre, mesmo quando se pensa estar dizendo a verdade pura. Por consequência era preciso surpreender os amigos, ser bastante civilizado para não ter ciúmes, ir aos hospitais, ao hospício, à cadeia, fazer estatísticas, pedir cartas já lidas e relidas, apanhar pedaços de diálogo, peitar

cocheiros, fazer de Sherlock Holmes e de aia íntima, e só depois de muito tempo apanhar os tais papéis documentativos do meu saco, revolvê-los — pedaços de coração, sangue coagulado, lágrimas mentidas, mortes, desvarios, cinismos, loucuras, nada, a vida — vir aqui, melodramático, e gritar:

Eis como ama a cidade! Eis o amor! Eis o dossiê anônimo!

Curiosamente, em certo contraste com este seu preâmbulo a um só tempo jocoso e “metodológico”, João do Rio conta que “nenhuma outra compreensão de amor é tão facilmente decifrável como a carioca”, posto que o amor vivido no Rio de Janeiro repousa sobre “dois princípios fundamentais”:

Um é a precocidade. Outro é esse receio de guloso sem ânimo para atacar, essa parada de canto e plumagem, essa confissão de farto cibato em que se não toca, copiada a um pássaro das nossas florestas, palavra que desceu e se popularizou, mas que será tão eterna como para o francês o é a palavra *chic* que pouco mais tem de um século. O outro é o *coioismo*. Sim, um coioismo nevrálgico, um coioismo que só pode ser definido por essa palavra pastrana que parece exhibir-se num bamboleio. Sim! coioismo.

Na época, a palavra *coioismo* tinha conotação bem mais rica do que os dicionários hoje registram. Uma das definições que persistiu aos dias de hoje para a palavra

coió diz: “assobio característico dirigido a uma mulher como galanteio ou provocação amorosa”.⁵ Pode-se depreender que se entendia por *coiosimo*, a partir do que foi apresentado na conferência, algo como um intenso desejo afetivo que não se concretiza.

Essa mesma ideia será esmiuçada, por outro viés, na conferência “Flirt”. A grafia original foi mantida nesta edição, de modo a deixar claro para o leitor que se tratava de (mais) uma novidade recém-importada da língua inglesa, com o sabor da época, único talvez, capaz de expressar as interações afetivas decorrentes da civilização urbana que então se constituía.

Vale a pena conhecer as primeiras repercussões do lançamento de *Psicologia urbana*. Passado pouco mais de um mês do lançamento do livro, uma leitora indagou ao autor da coluna *Um bom conselho*, publicada na *Gazeta de Notícias*, “o que é o Flirt?” O colunista então afirma que “para responder cabalmente não encontramos oportunidade melhor do que transcrever abaixo trechos da conferência de João do Rio (Paulo Barreto) sobre esse tema”;⁶ e seguem-se três citações da conferência em que nosso cronista decanta multifacetados aspectos desse novo hábito.

Ora, sabe-se que Paulo Barreto ocupava uma posição editorial de destaque nesse jornal. Terá ele se valido de sua posição para reverberar suas publicações?

5. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 755.

6. UM BOM CONSELHO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1912, ano 36, n. 53. p. 4 Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf2/103730/per103730_1912_00053.pdf>.

Em pouco mais de dois meses do lançamento do livro, foram nada menos que oito referências à obra! No caso das questões suscitadas pelo uso da palavra *flirt*, podemos pensar em duas possibilidades: houve de fato uma indagação oportuna da leitora ou a nota foi plantada para divulgar ainda mais o livro? Nas duas hipóteses, fica claro o poder retroalimentador das novíssimas expressões empregadas pelo cronista, aquilo que acima consideramos um convite à autorreflexão feito aos seus ouvintes e leitores, difundindo um repertório mental e simbólico para a nova sociedade em construção. O *flirt*, afinal, apesar de sua aparente amoralidade, é um gostoso jogo, que decorria das mudanças operadas pela “modernidade”. Comportamento social positivo, reflexo residual das transformações que ocorriam na sociedade ocidental.

A conferência se inicia com um desfile fantástico de referências ao ato de flertar – “as citações saltam aos enxames e aos propósitos, como de uma enciclopédia viva”, comentou Gilberto Amado (1887-1969).⁷ Seu enciclopedismo, porém, não é um desfile vaidoso de erudição. Um rico repertório de imagens e representações presentes no cabedal da literatura mundial acerca do *flirt* serve a um propósito específico. Algumas características dessa relação social vão ficando claras. Se o *flirt* é um jogo, uma “luta amorosa”, “uma batalha de flores entre pessoas de sexo diferente”, isso se deve ao fato de as pessoas viverem em um mundo em que a velocidade

7. AMADO, Gilberto. Paulo Barreto (chronica literária). *O Paiz*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1912, ano 28, n. 10.016, p. 1 Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1912_10016.pdf>.

e a vertigem provocam um estado de alma específico, deixando-as inquietas, ansiosas, querendo sempre mais, em estado de permanente agitação... Para o cronista, é um sintoma de uma sociedade neurastênica, doente: “O flirt é muito grave... Talvez mais grave do que toda a gente diz. O flirt é o resultado de um estado moral da sociedade inteira, é universal.” Haveria uma relação entre esse comportamento e as mudanças no ambiente social:

É a neurastenia. Da neurastenia resultou a delirante crise de esporte, da fúria, da força e das velocidades hábeis, que atualmente agita o homem. O *Flirt* é uma consequência dessa consequência; — é um esporte, é a “cabra cega” do amor, em que o homem tem os olhos vendados, é plasticamente curioso porque se faz renovador das atitudes no amor, a espiritualização *in extremis* dos sentidos, a velha luta entre mulher e homem numa paralela em que o encontro infinito está sempre aí e sempre infinitamente afastado...

Como não perceber ecos dos primeiros sociólogos em tais comentários? De Taine à Simmel, João do Rio parecia estar a par da literatura social, antropológica e filosófica. Não era apenas um repórter, como ele próprio chegou a se definir. Era também um homem de letras, uma dessas figuras necessárias a certa modernidade reflexiva, um cronista dotado da capacidade ímpar de revelar aspectos ocultos daquilo que é conhecido.

Em duas conferências, vemos um João do Rio mais cáustico que o habitual: “O figurino” e “A delícia de mentir”. Em ambas, o cronista parece querer mostrar o quão artificial é o mundo da sociabilidade, como as relações humanas são um jogo cheio de pequenas regras, banais e graves ao mesmo tempo, que os homens internalizam de modo perturbadoramente natural e acrítico.

Em “O figurino”, vemo-nos diante de uma sutil crítica ao mundo das aparências, da imitação e de certo superficialismo: “Estamos na era da exasperante ilusão, do artificialismo, do papel pintado, das casas pintadas, das almas pintadas.” O figurino aparece como metonímia do artificialismo a que os homens do Ocidente estariam cada vez mais se submetendo. A conferência parecia transbordar do cosmopolitismo que a capital da República emanava: eflúvios de Milão, Londres, Paris, os grandes centro da moda, os grandes nomes da costura familiares e conhecidos.

A moda, da qual o figurino é a melhor representação, carrega, no seu constante movimento de inovar-envelhecer, toda a carga da incessante obsolescência do mundo moderno. Um mundo em que se seguem as tendências para se obter distinção, e que, em troca, fica-se podado de qualquer identidade original. O próprio João do Rio brinca com seu desespero: “Por N. Senhor Napoleão! Pela coluna Vendôme! Retoma, menino, o teu próprio eu!”

O figurino, no entanto, parece ser também um mero ponto de partida de suas reflexões. O que o cronista quer no fundo discutir é a superficialidade do mundo moderno, sua transitoriedade, a crença irrefreável no

agora, na superioridade do momento:

O figurino é obsessão como ponto de comparação moral, que ataca os indivíduos, as classes, as populações. A sociedade moderna meteu-se numa roda que gira sem cessar e cujos raios são o como, o tão, o melhor, o pior, o igual. Não se deseja mais a eternidade nem nela se acredita, como na Grécia, como no próprio catolicismo. Também não se acredita na beleza pura, na beleza eterna. Deseja-se superar, ser o figurino, mostrar qualquer coisa diferente dos mais ou igual aos melhores nem que seja por alguns segundos. Só se acredita no bonito, no *chic* e no distinto.

Símbolo da “excessiva vibração dos nossos nervos, da nossa alma inquieta, da nossa futilidade” (de novo, a mesma “modernidade” em ação), o “figurino” pode ser encontrado sob as formas mais diversas; existe em todos os aspectos da vida, é renovação, é ponto de comparação, é o que se quer superar: está presente por toda a parte.

Se o figurino é, sempre a renovar-se, uma espécie de molde comparativo, em todas as profissões, em todas as coisas há figurinos? Há. O que são os princípios em política, em economia, em estética? Que são as teorias médicas, que de tempo em tempo desaparecem depois de mandar tanta gente bater a essa horrenda e grande porta, a única porta que se abre amavelmente para receber cadáveres, a porta do cemitério? O livre cambismo em economia é ou não

um figurino renovado como o penteado à grega? O romantismo foi ou não um figurino de Victor Hugo do que se tiraram moldes para todos os corpos?

Ele é um paradigma. Pode ser da ciência, da economia, da medicina, e até mesmo do vestuário. Ele é volátil, não existe como algo eterno, como uma verdade absoluta.

É a partir de certa noção niilista acerca da impossibilidade da verdade que João do Rio constrói sua conferência acerca da mentira. Em “A delícia de mentir”, revela-se o lado sombrio do cronista, a infame defesa da mentira como *leitmotiv* da humanidade, estando ela por toda parte a criar um mundo de ilusão e de fantasia. À medida que flui a conferência, vemo-nos diante de um desdobrar sem fim de situações em que os homens mentem e se expõem como mentirosos. Os homens, aqui, como metonímia da humanidade, porque a mulher – “a mulher é mentira desde a sua origem” – seria a própria mentira encarnada. Trata-se de uma fala de complexa interpretação. A conferência pode ter parecido absurda e um tanto perturbadora à época. Afinal, vivia-se o auge do otimismo científico, da crença cega na verdade, do positivismo arraigado.

Embora a conferência esteja envolta numa aura de desesperança, o ato de mentir é apresentado como uma “delícia”! A delícia remete à consciência da mentira, fazer dela um ato de inteligência, um ato volitivo exclusivo do homem. Saber reconhecer isto é encontrar a delícia que há na mentira:

- Então a delícia de mentir está em saber que se está mentindo? perguntarão os renitentes do ideal.
— Mas claro.

O ato de mentir é apresentado e desconstruído em todas as suas facetas: a mentira social, a mentira ilusão, a mentira ideal... Segundo o conferencista, a “vida é mentir aos outros e a si mesmo, a vida do homem é de tal forma a mentira que o homem é o único animal capaz de corar na superfície da Terra. Andamos de engano em engano, de ilusão em ilusão, de mentira em mentira.” Afinal, o “mundo é uma admirável construção de interpretações apenas” e nele “há um infinito desdobrar de ilusões que no suceder das épocas temos por verdades.”

João do Rio enfeixa diversos tipos de mentira, com variados graus de alcance e outras tantas implicações. Há mentiras fundadoras, existenciais, ideais. Elas operam no plano geral da percepção do universo e, a partir delas, o mundo não passaria de um “resultado de ginástica psíquica, de um fenômeno de autossugestão do homem. A Terra tal qual a vemos é a primeira mentira, a mentira inicial. Tudo o mais é um resultado ou de ilusão ou de imaginação.” Mas essa mentira também é capaz de gerar transformação, conhecimento, de se aproximar da verdade, mesmo que transitória e alicerçada sobre uma suposta visão falsa da realidade. A mentira tem uma pungente capacidade criadora, inspiradora e dinamizadora:

A mentira é a única razão por que o homem anda nos dois pés, olhando para cima. A mentira é a criadora da Terra. A mentira é a forja de todas as belas coisas, de todas as formas da vida, de todas as esperanças, de todos os ideais, a mentira é a imaginação dos vates, é a sugestionadora dos átomos — a Mentira, filha da Luz, formadora da ilusão...

João do Rio manifesta profundo interesse pela mentira mundana, ou mentira social. O convívio entre os homens é espaço fértil para se levar a cabo sua infame propensão: “em sociedade, a mentira tem vários nomes: boa educação, tato, gentileza, amabilidade, distinção.” A mentira seria “o cimento da sociabilidade”, o que garantiria a eficácia no convívio e na interação; sem ela, a existência estaria inclusive ameaçada – a existência individual, coletiva e cósmica:

[...] se não nos mantivessem ilusão e mentira, o homem seria para o seu próprio eu um monstro, a sociedade desabaria e nada, nada existiria sob este eco azul, que não é céu, não é azul, nem está por cima.

Certamente, esta seria uma verdade insuportável para uma grande quantidade de pessoas, ao menos para aqueles incapazes de se lançar no vazio, na ideia de nada, no absurdo niilista:

Quantos ficariam aterrados em descobrir a inani-
dade, o vazio, o vácuo, o horror do nada, e levam
a vida a enchê-la de ilusões como o tonel nunca

cheio da fábula. Outros, porém, veem esse esforço, louvam-no e tiram dele o lucro que é possível tirar, o lucro de compreendê-la. E é esta a delícia de mentir.

A conferência, afinal, parece um grande diálogo levado a cabo por meio de um largo conjunto de referências que se incumbem de provocar seus ouvintes-leitores e tirá-los de sua confortável posição; referências as mais variadas, dos mais eruditos círculos de letramento aos mais triviais casos conhecidos. O crítico do periódico *O Pharol* acertou ao afirmar ser o livro composto por “páginas brilhantes nas quais andam de conjunto banalidades e filosofia, ridículos e pitorescos”.⁸

Pouco foi escrito acerca das conferências que agitam a capital e outras grandes cidades brasileiras no início do século XX. E não estamos falando apenas das conferências literárias, essas são mais conhecidas (algumas também foram publicadas, como as de Bilac e de Coelho Neto).⁹ Havia conferências sobre todos os assuntos, conforme o próprio João do Rio conta: sobre o cume dos Andes, a evolução do açúcar, a virtude da ginástica, memórias de Coimbra e até mesmo a conferência de uma “Dra. Chiquinha no Instituto dos Advogados sobre o Divórcio!”

8. PSYCHOLOGIA URBANA: livro de João do Rio. *O Pharol*, Juiz de Fora, 2 fev. 1912, ano 47, n. 28, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf2/258822/per258822_1912_00028.pdf>.

9. BILAC, Olavo. *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912 e BILAC, Olavo. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924. COELHO NETO, Henrique M. *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

A ironia fina do cronista-conferencista está fortemente presente na apresentação do livro, “Amável leitor”, um diálogo direto com o leitor, igualmente transbordante de oralidade. Ele descreve a rotina de uma “dama elegante”, rotina envolta em alucinante velocidade, repleta de tarefas, vontades e compromissos; a agenda dessa dama é repleta de conferências para assistir; ela vai para uma e logo zarpa para outra; mas, no fundo, está pouco interessada nos conteúdos e mais afeita aos aspectos da sociabilidade promovidos pelos encontros.

A epigrafe tomada de Nietzsche – “A serpente que não pode mudar de pele, perece. De igual modo, os espíritos impedidos de mudar de opinião deixam de ser espíritos”¹⁰ – não poderia ser mais adequada ao tom de sua obra. Um elogio à incompletude e à transformação, este parece ser o chamado de João do Rio aos seus leitores, um convite para que se deixassem arrastar pelo fluxo de suas ideias, perturbações e dúvidas, num incessante jogo de opostos e em um texto denso e leve, erudito e vulgar, sério e jocoso.

10. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Le serpent perit quand il ne peut pas changer de peau. De même les esprits que l'on empêche de changer leurs opinions cessent d'être des esprits.

NIETZSCHE¹

1. “A serpente morre quando não pode trocar de pele. De forma análoga, os espíritos impedidos de mudar suas opiniões deixam de ser espíritos.” Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão. Trecho retirado de *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais* (1881).

Amável leitor...

Stendhal,² que era um grande observador, desconfiava muito do número dos seus leitores. Eu desconfio ainda mais, seguindo o exemplo superior. Terei cinco leitores? Terei dois? Terei um? Para a vaidade e a venda seria agradável ter 24 milhões. Mas, particularmente para a liberdade do escritor, para a franqueza completa, é muito mais agradável ter apenas um. Um leitor é o sonho, um único leitor é a maravilha. Diante de muita gente é preciso deitar importância, e um homem importante é quase sempre secante. Para uma só pessoa está-se à vontade e chega-se a pensar mesmo ter espírito, quando a falar mal dos outros. É uma agradável palestra íntima, a despreocupação de que não há muitos cavalheiros com inveja, com gana, com estupidez... Os antigos escritores portugueses, na dúvida que me alanceia a alma, faziam sempre um prefácio, elogiando o homem decidido a lê-los; e começavam assim:

2. Pseudônimo de Henri-Marie Beyle (1783-1842), o romancista francês autor de *O vermelho e o negro*.

– Amável leitor...³

Eu desejaria ter a segurança desses falecidos homens de letras, porque, com tranquila certeza, diariamente sentar-me-ia à mesa, chamaria o leitor amável, e assim seguro, discorreria na doce ilusão do seu bom conceito. Vícios, usos, costumes, defeitos, excessos alheios teriam o crivo e o tiroteio de frases esmagadoras quando a boa ação, tão rara de aparecer, não desse o ar de sua graça aborrecida. Porque é realmente muito aborrecido ao coração dos homens ler elogios às ações alheias.

Agora, por exemplo, eu teria tomado a criatura amiga:

– “Amável Leitor.

Como és único e paciente, podes concordar comigo. Concorda que nós temos o costume de falar mal da vida alheia. É uma doença, uma doença aguda. Só um pobre-diabo, sem importância alguma, é que poderá escapar à calúnia. Mas o fenômeno interessante é que, quanto mais notável é o sujeito, mais atacado é e mais caluniado. O grande homem do Rio seria aquele de que toda gente, mesmo sem o conhecer, dissesse horrores. Ter talento, ter capacidade, agir, brilhar, mostrar uma figura impressionante é aumentar a lista dos desafetos gratuitos, dos espiões dos nossos gestos, dos pobres-diabos que, não podendo negar um esforço sério e superior, atiram-se ferozmente contra o bandido

3. Entre os que utilizaram esse recurso estilístico, destaca-se Almeida Garrett, em *Viagens na minha terra* (1846).

capaz de ser melhor. O mundo não muda, e afinal, ao menos nisso, o Rio parece Atenas que desterrava Aristides⁴ apenas por ele ser bom demais.”

Diante desse introito amargo e erudito (por causa da lembrança de Aristides muito a propósito), o amável leitor poderia ter a liberdade de interromper.

– Isso é sério?

– Quanto há de mais sério.

– Vai fazer alguma conferência?

– Ah! Amável Leitor!... Não é exatamente isso. É talvez pior.

A cidade só tem uma preocupação – ouvir e fazer conferências.⁵ É preciso fazer conferências! É preciso fazer conferências! O delírio, a nevrose, a ânsia da cidade – conferências! Sempre conferências! Só conferências! Nós estamos no país das conferências. A princípio era apenas uma por semana, toda a semana ruidosamente aclamada e nevrálgicamente regular. Depois a moda fê-las duas em sete dias. Depois a necessidade de aparecer, as obras de caridade, aumentaram o número mais um ponto. Depois o lucro, a necessidade de cavar a vida e de reclamar as instituições exigiu mais duas.

4. O estadista grego Aristides, que recebeu a alcunha de “o Justo” (ca. séc. VI–V a.C.), foi condenado ao ostracismo. Após seu retorno a Atenas, ajudou a organizar a Liga de Delos em defesa das cidades gregas.

5. A própria Biblioteca Nacional teve, na década de 1910, na gestão de Manuel Cicero Peregrino, uma extensa agenda de conferências.

Agora, mais ou menos – temos umas dez conferências diárias. Oh! as conferências, a nevrose das conferências!

O dia de uma senhora elegante está virtualmente tomado pelas conferências. É acordar de manhã e ter uma conferência preparatória com a sua *femme de chambre*.⁶ Em seguida, uma pequena *causerie*⁷ gustativa à maneira de Savarin⁸ à hora do almoço. Outra conferência de *toilette* com a criada de quarto, meia hora de atenta atenção à dissertação da *première* sobre os tecidos da moda nos costureiros do tom e afinal o *mare magnum* da intelectualidade com toda a sua cambiante. É só escolher. Há conferência sobre “Os cumes dos Andes”, na Sociedade de Geografia, a da “Evolução do açúcar”, no Mostuário dos Vinhos, a da Associação Cristã sobre a “Virtude da ginástica”, a do conselheiro X, no Retiro, sobre “Coimbra do meu tempo”, a do Godinho sobre a “Cidade nova”, a do notável poeta Antunes⁹ sobre o *Beijo*, a do crítico musical sobre a ausência da música, a do jovem e já conhecido poeta Jojoca, no Club Esperança do Campinho, a da dra. Chiquinha, no Instituto dos Advogados, sobre o “Divórcio”, e há fatalmente, inexoravelmente, a dos primeiros, a de meia dúzia de cidadãos que tiveram a

6. Arrumadeira (Agradecemos a colaboração de Christianne Theodoro e Pedro Laperla na tradução das sentenças em francês).

7. Conversa ou discussão informal.

8. Jean Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), advogado e político francês, autor do pioneiro livro de gastronomia *A fisiologia do gosto*.

9. Provável referência a Juvenal Antunes (1883-1941), poeta português.

ideia de fazer isto aqui, há três anos, e que por isso mesmo continuam a fazer conferências, aos sábados, no Instituto.

Essas são as conferências numa língua geralmente entendida por todos. Há outras em línguas estrangeiras: a de M^{me} Chose,¹⁰ explicando o motivo por que veio ao Brasil, em francês; a de Clavaud,¹¹ falando da língua *d'oc* e da língua *d'oïl*,¹² também em francês; a do Centro Esperantista, em esperanto, e até se quiserem, na Academia Berlitz, uma em inglês.

A dama elegante toma o seu *coupé-automobile*,¹³ consulta o *carne* e, assustada, fala pelo fone de marfim ao *chofer*:

– Joseph, *troisième vitesse*...¹⁴

O automóvel voa e para à porta do primeiro edifício. A dama elegante salta. Há sempre à porta *repórteres* tomando nomes. Quando os jornais não dizem que vão tomar nomes, a conferência enfraquece tanto que os conferentes resolvem descompor os redatores dos mesmos jornais, feitos pela fatalidade também conferentes. A dama sabe disso. Entra, ondula, mostra o seu vestido, ouve três ou quatro minutos o conferente que fala, sai,

10. Dona “Fulana”.

11. Alberto Clavaud, linguista e diretor da Academia Berlitz, no Rio de Janeiro.

12. Dialectos franceses: a língua *d'oc*, conhecida também como língua occitana ou provençal e falada no sul da França, e a língua *d'oïl*, falada no norte e origem do francês moderno.

13. Modelo de automóvel esportivo, em geral com duas portas e dois assentos.

14. Terceira marcha.

o automóvel corre de novo, esbarra num *stop* súbito, a cena recomeça mais além e, no fim da hora, a corrida *esnobe* foi cumprida. A dama elegante volta à casa a conferenciar com o cardápio do jantar. Está arrasada, mas satisfeita. Trouxe do passeio vertiginoso impressões muito interessantes! Na sala nº 1, ouviu o conferente ler uns versinhos de Campoamor;¹⁵ na sala nº 2, o conferente assegurar que os lábios têm açúcar; na nº 3, o conferente mimar um discurso de homem gago; na nº 4, outro senhor asseverar que a vida é um sonho; na 5ª, o jovem X, um *flirt* delicioso, que não a deixou sequer ver a cara do gênio tagarelante; na 6ª, as Praxedes olhando o seu chapéu modelo, com uma inveja evidente; na 7ª, a certeza de que nos Andes há altitudes maiores que na Serra dos Órgãos; na última, à saída, os olhares curiosos dos cavalheiros, a variedade da gente de alto tom.

Todas essas impressões: Campoamor, os Andes, a saída, o *flirt*, o chapéu, as Praxedes, os lábios com açúcar, o homem gago dão-lhe assunto para uma pequena conferência impressionista durante o jantar.

– Que tal achaste a conferência sobre “A Margarida vai à fonte?” indaga o marido.

– Não cheguei a tempo de ouvi-la. Estive apenas na saída. Mas disseram-me que estive muito curiosa. O assunto era bonito?

– Lindíssimo. Eu não falto é à de amanhã na Escola de Medicina sobre as “Intoxicações morais”. Psicologia, sabes...

15. Ramón de Campoamor (1817-1901), poeta espanhol.

– Ah! é verdade... psicologia.

– Mas, essa história, atalha um conviva, de psicologia é cacete. Eu prefiro a que o Faustino vai realizar sobre o tratamento da couve-flor nas zonas quentes.

– E eu, diz o filho do dono da casa, a de sábado próximo sobre as danças lânguidas. Será verdade que a Sarah Pharah¹⁶ dançará a dança do ventre?

Um silêncio tomba. A dama elegante vai mudar de *toalete* para ir ao teatro e principalmente tagarelar nos intervalos. No Lírico¹⁷ há muita gente que boceja e tem uma vontade infinita de dizer que a grande atriz em *turnê* não presta. Mas, conferencia-se apenas sobre as conferências. A dama elegante fala mal das que ouviu e bem das que não ouviu. Sobre a conferência da “Margarida vai à fonte”, conversa meia hora sem parar. E recolhe, feliz, a conferenciar com o sono, para voltar no dia seguinte à nevrose do momento.

Oh! as conferências! Quem havia de dizer, há cinco anos, que esse mal incipiente se tornaria uma tão espantosa epidemia? Medeiros e Albuquerque¹⁸ voltara de Paris com a ideia das conferências à maneira do “Odeon”, falara a Olavo Bilac, e Bilac, no almoço

16. Dançarina de “danças exóticas”, segundo os jornais da época, apresentou-se em teatros cariocas no começo do século XX.

17. Teatro Lírico, antigo Imperial Teatro Dom Pedro II, situava-se onde hoje está o Largo da Carioca, no centro do Rio de Janeiro. Foi demolido em 1934.

18. José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), escritor e membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL).

oferecido a Luiz Mancinelli,¹⁹ por Luiz de Castro,²⁰ indagava de Alberto Nepomuceno,²¹ a meu lado:

– Dará resultado?

Dois sábados depois, o extraordinário Coelho Neto²² aparecia no estrado do Instituto, com a conferência escrita à maneira de Paris e de Londres, e alguns livros documentativos. Havia apenas meia casa... No outro sábado, falando esse poeta perfeito que é Bilac, o salão regurgitava. E a série foi um desdobrar de coisas eruditas, inteligentes, ensinadoras. Um dos conferentes, o sr. Bomfim,²³ chegou a dar na *causerie* uma teoria científica e complicadíssima do ciúme.²⁴ O talento admirável de Julia Lopes de Almeida²⁵ revelou mais uma faceta

19. Luigi Mancinelli (1848-1921), maestro italiano, passou longa temporada no Brasil.

20. Jornalista, teatrólogo e compositor brasileiro (1863-1920).

21. Maestro e compositor brasileiro, diretor do Instituto Nacional de Música (1902 a 1903 e 1906 a 1916).

22. Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), romancista, crítico e teatrólogo brasileiro, membro fundador da ABL.

23. Manoel Bomfim (1868-1932), intelectual e médico sergipano.

24. Segundo Rebeca Gontijo, a conferência de Manoel Bomfim sobre o *ciúme* aconteceu em 1905 no Instituto Nacional de Música. Na mesma época, Coelho Neto fez algumas conferências no mesmo local, o que leva a crer que o “Instituto” ao qual João do Rio se referiu nesse trecho era na verdade o “Instituto Nacional de Música”. Precursor da Escola Nacional de Música da Universidade do Rio de Janeiro (hoje UFRJ), funcionava no prédio da rua da Lampadosa, atual nº 52 da rua Luiz de Camões, que abriga hoje o Centro Cultural Hélio Oiticica.

25. Escritora carioca (1862-1934), defendia ideais feministas e abolicionistas.

de seu engenho; o padre Severiano de Rezende²⁶ fez um dos mais sacudidos sucessos mundanos, disqueteando, de batina e solidéu, sobre os cristos de fancaria da Arte Religiosa... Era um pequeno mal, elegante e distinto.

Mas, como fazer qualquer coisa neste país sem ser logo depois imitado? A imitação é instintiva no homem e mais que instintiva no brasileiro.

Logo, toda a gente quis fazer conferências, não simplesmente como quem publica um livro de versos ou dá um passeio de bonde, mas com uma atitude semiagressiva, vendo nos que tinham adaptado a forma das conferências francesas um bloco, disposto a fazer sombra à sua personalidade, digna de todo o respeito, como aliás todas as coisas humanas.

Ao contrário do que esperavam – esses cavalheiros só encontraram apoio e encorajamento. E, depois deles, a moda pegou e, literalmente, não há ninguém disposto nesta cidade a deixar de fazer a sua conferência.

Sim, antes de tudo, conferências! As damas de caridade tinham até então olhado para os homens de letras e para os que teimam em ser das letras, com o desprezo com que se olha um ser inútil. Hoje, esses cidadãos são pretextos úteis. Como construir a capela da Gávea? Subscrição? Já não pega! Façamos uma conferência, corramos a convidar o literato Umtal ou o distinto filósofo Cicrano! Aceitam ambos. Há duas conferências.

Sim, antes de tudo, conferências! Passam-se cadeiras de conferências como de benefícios teatrais,

26. Poeta simbolista (1871-1931) de vida boêmia, deixou o sacerdócio para dedicar-se somente ao jornalismo e à literatura.

espalham-se papeluchos no Lírico como de récitas de atrizes, a conferência é o primeiro recurso de todas as coisas. E são tantos os conferentes que já não é possível, na assistência de tais divertimentos, conversar senão de colega para colega, de confrade para confrade.

– Estou achando fraco o Fulano.

– É verdade. Quando é a sua?

– Amanhã.

– A minha foi adiada por causa da chuva. Mas depois de amanhã há cinco...

– Tenha confiança!

– Eu passei os bilhetes. E depois vou falar de uma coisa interessante.

– Eu também...

As coisas vão a um excesso tal que, ao entrar numa loja, tem-se a impressão de uma série de conferentes a perorar, em frente aos caixeiros; vendo passar os bondes, vêm à lembrança lotes de assistentes de conferências, diante de um criado de restaurante, receio vê-lo descarregar uma conferência sobre a lista.

Até os objetos inanimados dão impressões conferenciais. Diante do automóvel de um ministro outro dia quase o ouço distintamente dizer: *meus senhores*; cada árvore, cada coluna, cada montra é um assunto, um *tema*, e ao mesmo tempo um conferente.

Mas, deuses amigos, assim discorrendo, o amável leitor vê-me cair no contrassenso de fazer uma conferência contra as conferências!

É desagradável? Oh! muito... E para um homem discreto ainda pior é fazê-las que as ouvir.

Eu, entretanto, tive que as fazer também. Só fazemos aquilo que não desejamos – as mais das vezes... Apenas eram menos conferências vagas e poéticas e eram mais pequenos estudos de observação urbana. Certo os que os ouviram nem já se lembram do que disse. Guardei alguns, pois, para o encanto íntimo do amável leitor, e porque a vaidade obriga um conferente a publicar as conferências com a esperança de que um leitor vale mais que cem ouvintes.

À coleção chamei *Psicologia urbana*, apenas porque me pareceu observarem esses trabalhos certos estados d'alma da cidade, de modo aliás urbaníssimo. Aos estudos juntei um discurso de recepção na Academia, porque era ainda psicologia urbana urbanamente feita, e principalmente pelo desejo de mostrar que há no observador um fio de filosofia que acentuou através dos anos com continuidade. Os observadores notam o que aos outros passa despercebido. A princípio, talvez por uma espécie de hostilidade ao meio. Depois, por prazer, por volúpia. E de notar erros e ridículos, acabam por amar a humanidade exatamente por tudo que no começo os ferira. Enfim: *verba volant; scripta manent!*²⁷

27. “As palavras passam; os escritos permanecem!” (Agradecemos a colaboração do professor Thiago Pinheiro na tradução das sentenças em latim).

Para ler este livro, falado diante de tanta gente, eu desejaria apenas o amável leitor. O leitor sorriria, e com bondade:

– Vamos a ver se concordo contigo, conversador psicólogo.

Mas temo ter dois leitores. Quem sabe três? E, se essa calamidade me acontecesse, já haveria opiniões contrárias (nem todos os leitores são amáveis) não poderia conversar com tanta intimidade, seriam capazes de considerar impertinência o que é análise e em breve talvez até me apontassem como o pretensioso.

Não. Stendhal estava contente com os seus cem leitores para um romance.

Para comentar o romance da vida, eu desejaria apenas dez; para ler as conferências, depois de tantas conferências apenas um e amigo, daqueles a quem os portugueses de 1810 denominavam: Amável Leitor...

O amor carioca

Ao prefaciар um livro sobre a Evolução do Amor, um escritor galante permitiu-se abri-lo com uma anedota histórica. As anedotas históricas valem duplamente: fazem acreditar na história por causa da pilhéria e rir da pilhéria porque têm valor de verdade. O escritor contou que, de uma feita, celebrado ensaísta fora levar a Buloz,²⁸ diretor da *Revista dos Dois Mundos*, um artigo a respeito de Deus.

– De Deus? interrogou sério Buloz. Não posso publicar. É um assunto sem atualidade.

O cronista galante assegura que Buloz não diria o mesmo do amor. Nós – vós que me ouvís, eu que vos converso – estamos inteiramente de acordo quanto à opinião do cronista. O amor é em todos os tempos assunto de atualidade palpitante. Até mesmo quando se

28. François Buloz (1803-1877), além de ter sido um dos criadores da célebre e ainda corrente *Revue des Deux Mondes* (1829), também dirigiu a *Comédie-Française*.

não ama, fala-se do amor, com saudade, com medo ou com ódio. É um assunto que interessa sempre. É interessante porque exprime o instinto da vida e a juventude da alma.

Os gregos, de resto, já isso tinham dito de maneira excelente. Um velho sacerdote egípcio estando uma vez em Atenas pelo mês de Gamelion,²⁹ quando se realizavam as festas leneanas, exclamou:

– Sereis sempre crianças, ó gregos, porque sois a juventude do mundo!

E um grego respondeu:

– Só jovens somos porque sabemos amar!

Diziam assim os gregos, os únicos homens que souberam criar, entre outras coisas eternas, deuses eternos, intransitivos e intransitórios porque corporificavam em belezas de carne sentimentos e instintos que só acabarão quando o homem desaparecer da crosta terrestre e for a Terra astro morto no espaço infinito.

Certo nenhum de nós compreende o amor como o compreendia a gente da Hélade: de raro em raro fatalidade inexorável; normalmente Eros, grácil, filho de Citera, de Cipris a mansa,³⁰ menino terrível de carcás d'ouro e arco leve, frechando corações e espalhando no

29. De acordo com o calendário grego, o mês de Gamelion (entre janeiro e fevereiro) é o mês dos casamentos.

30. Eros, o deus grego do amor, era filho de Afrodite, a deusa grega do amor, da beleza e do sexo, também chamada de Cipris ou Citera, em referência ao local de seu nascimento.

ambiente sonoro o sonoro riso das facilidades. Todos nós estamos presos à invenção horrível a que comumente chamamos responsabilidades do código, ou ainda moral pública, ou ainda com maior hipocrisia: as conveniências sociais.

Mas, se não amamos como os gregos (ai não! que juventude como os homens tem o mundo uma só!), há, pelo menos, senão artes de amar – como as faziam em Roma Ovídio³¹ e vários eróticos poetas na libertinagem do século XVIII –, um grande desejo de continuar a amar, de sofrer com o amor e principalmente de analisar o efeito do amor nos outros. Essa análise fez o sucesso de Bourget, o êxito de Barrès, o triunfo também do sr. Georges Ohnet,³² e compõe anualmente essas infundáveis colunas de histórias de amor que formam o romance contemporâneo, a psicologar todos os amores imagináveis, desde os das duquesas de coração duplo aos das criadas de quarto sem coração.

O amor é a grande preocupação, a preocupação visceral, como disse um humorista. Eu tremeria de analisar mesmo esse sentimento se de fato não quisesse, limitando o assunto, mostrar como certa cidade compreende o amor. Há tantos livros, tantas frases, tantos versos, tantas filosofias, tantas psicologias! Não vive mortal que não tenha feito uma frase sobre o amor, e, em terra em que o sentimentalismo exerce tão grande influência, fatalmente essa palavra deve aparecer

31. Poeta romano (ca. séc. I a.C.–I d.C.), autor de *Heroides*, *Amores* e *Ars Amatoria*, mais conhecido como *A arte de amar*.

32. Paul Bourget (1852-1935), Auguste-Maurice Barrès (1862-1923) e Georges Ohnet (1848-1918), escritores franceses.

muita vez nos lábios do animal humano. Assim, eu não vos convido à repetição do quadro de Watteau, *ao Embarquement pour Cythère*.³³ E limito a viagem: – Viagem a observações de binóculo pelo país da nossa Ternura.

“Cada século, dizia Michelet,³⁴ tem a sua doença, e como o século XIII teve a lepra, o XII a peste negra, o XIX tem os dois polos da vida nervosa na ideia e no amor.” O século XX ainda anda mais polarizado. Era S. Paulo que afirmava: “Sem amor nós não somos nada.” Na viagem pela nossa ternura, se de longe uma voz como na canção indagar:

*Pâle voyageur, connais-tu l'amour?*³⁵

Cada um de nós pelo menos poderá responder:

*Comme toutes choses, en revantun jour!*³⁶

E por quê? Porque

O Amor é o Sal
Do sustento universal!
Sem Amor não haveria
Bom saber
De alegria.

33. O francês Jean-Antoine Watteau (1684-1721) pintou *O embarque para Citera*, representando o embarque de casais amantes para a idílica Citera (1717).

34. Jules Michelet (1798-1874), filósofo e historiador francês.

35. “Pálido viajante, conheces o amor?”

36. “Como todas as coisas, sonhando um dia.” Versos da canção popular francesa *Connais-tu l'amour?*, de Jean Baptiste Clément (1836-1903).

Como sem a luz do dia

Ou luz de candeia acesa

Não podia

Haver cor

Nas coisas da Natureza...

Eu entretanto não guardei definições – porque seria falar-lhes de crítica. Há dez anos arranjei um saco de viagem muito grande com pontas de metal. E escrevi por cima: Amor. Tudo quanto via, tudo quanto lia do noticiário do amor ia para ali guardando. Com o tempo, ao abri-lo verifiquei a média e como compreendia o amor a cidade. E, de repente, achei-me com a vã fantasia de o dizer.

Desde Platão a Léon Blum e Claude Anet³⁷ os escritores procuram a definição do amor. Chamfort, La Rochefoucauld, Balzac, Mallarmé, Byron, Keats, Swinburne,³⁸ quantos? Todos. Bourget define:

37. Pseudônimo de Jean Schopfer (1868-1931), escritor francês e tenista, campeão de Roland Garros em 1892. Schopfer adotou como pseudônimo o nome do rival amoroso de Jean-Jacques Rousseau, Claude Anet, que disputou com o filósofo o amor da baronesa de Warens.

38. Nessa sequência, João do Rio enumera vários escritores e intelectuais: os franceses Léon Blum (1872-1950), poeta e crítico literário na juventude e, mais tarde, primeiro-ministro da França (1946-1947), Nicolas de Chamfort, pseudônimo de Sébastien-Roch Nicolas (1740-1794), François de La Rochefoucauld (1613-1680), Honoré de Balzac (1799-1850), autor de *A comédia humana*, Stéphane Mallarmé (1842-1898); e os ingleses [lorde] George Gordon Byron (1788-1824), expoente do Romantismo e autor do clássico *Don Juan*, John Keats (1795-1821) e Algernon Charles Swinburne (1837-1909), que escreveu sobre temas sadomasoquistas e homossexuais em plena Era Vitoriana.

– Uma psicose sexual eletiva.

Stendhal exclama:

– O amor? Uma porcaria de que acusam as criadas de quarto para mandá-las embora quando elas se convencem da culpa...

É possível escrever volumes sobre o amor sem nunca ter visto o amor.

Como o compreendemos nós? Há variedades de compreensão nesse grave caso? Nós amamos de modo diverso que em França, em Espanha ou no Portugal? Há nuances? Serei eu capaz de as mostrar? Para fazer o processo verbal do estado afetivo de uma cidade, é preciso não perguntar apenas. Certas coisas não se confessam nunca. Em amor, quer da parte do homem quer da parte da mulher, há uma irresistível tendência a contar mentiras. É mesmo o único caso em que se mente sempre, mesmo quando se pensa estar dizendo a verdade pura. Por consequência, era preciso surpreender os amigos, ser bastante civilizado para não ter ciúmes, ir aos hospitais, ao hospício, à cadeia, fazer estatísticas, pedir cartas já lidas e relidas, apanhar pedaços de diálogo, peitar cocheiros, fazer de Sherlock Holmes e de aia íntima, e só depois de muito tempo apanhar os tais papéis documentativos do meu saco, revolvê-los – pedaços de coração, sangue coagulado, lágrimas mentidas, mortes, desvarios, cinismos, loucuras, nada, a vida – vir aqui, melodramático, e gritar:

– Eis como ama a cidade! Eis o amor! Eis o *dossiê* anônimo!

Eu jamais faria isso porque para fazer tal coisa sem ridículo e sem ser desagradável era preciso não ser nem muito moço, com ímpeto e loucura, nem mediocrementemente velho, com a raiva já de não poder continuar. Assim, como quando nasci, eu já tinha mil anos de desencantamentos, outra coisa faço. É uma viagem calma que iniciamos pelo coração dos contemporâneos. Algumas vezes, os viajantes terão o calor que o falecido Stanley³⁹ sentiu em África. Quase sempre como Cook ou Peary⁴⁰ enfrentaremos o movediço *iceberg* chamado Polo, e em cada um de nós a esperança viverá de encontrar o doce país dos beijos calmos em que as almas se transfundem.

Como compreendemos nós o amor?

– A não ser que você queira fazer diferenciações sutis, disse-me um cavalheiro, o amor é mais ou menos sempre a mesma coisa. Apanhe uma comédia de Terêncio ou Plauto,⁴¹ leia um canto de Homero,⁴² três tragédias gregas e verá que o amor de hoje é tal qual.

Era a opinião de um simples. Compreender o amor como os gregos seria para nós hoje uma infâmia – porque nós somos muito piores. Como o compreendiam na

39. Henry Morton Stanley (1841-1904), jornalista e explorador britânico, ficou famoso por suas inúmeras expedições à África.

40. Frederick Albert Cook (1865-1940) e Robert Edwin Peary (1856-1920) foram os primeiros exploradores a chegar ao Polo Norte, entre 1908 e 1909.

41. Dramaturgos romanos (ca. séc. II a.C.).

42. Poeta grego (ca. séc. X a.C.), a quem se atribui os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

Idade Média – cairíamos na fealdade. Como o compreendiam no século de Luiz XV⁴³ adaptaríamos a libertinagem. Basta, para ver a espantosa maneira por que evoluímos, considerar os poetas, tomando apenas dois. Anacreonte,⁴⁴ nascido em Téos na Ionia, e Goulart d’Andrade,⁴⁵ nascido em Alagoas, Brasil. Como o sentia Anacreonte? Ele o diz:

Um dia em que entrançava uma coroa, vi entre as rosas
o amor. Tomei-o pelas asas e mergulhei-o no vinho.
Depois, de um trago engoli-o. E ainda agora sinto em
mim, dentro de mim, as cócegas das suas asas.

Como o sente Goulart?

Estranha turbção, desconhecido enleio,
Um suave calefrio a percorrer um seio,
Um constante langor da súbita alegria,
A conjectura, o devaneio, a nostalgia
De uma ventura ignota, a aspiração nevoenta
Que não sabe o que quer, desconhece o que intenta;
Vago, leve anseio, em que a alma então se abisma,
Que é menos que desejo e muito mais que cisma...

E mais longe:

Amar e ter as mãos frias
E um vulcão dentro do peito,

43. Luís XV, o Bem-Amado, rei da França (1715-1774).

44. Poeta grego (ca. séc. VI–V a.C.).

45. Poeta e teatrólogo alagoano (1881-1936), membro da ABL.

É nunca estar satisfeito
Nas menores alegrias,
É sentir que é muito cara
A vida, tendo a alma a doer,
É fechar os olhos para
Mais olhar e melhor ver...

A diferença é radical entre as épocas. E também entre os povos, mesmo quando da mesma raça. Não precisamos procurar tribos exóticas. Basta tomar ao acaso gente conhecida. Os negros de Dakar têm uma opinião sobre o amor muito diferente da de qualquer negro no bulevar. Na Itália, compreende-se o amor de um modo; na Espanha, de outro; em Portugal, de outro. Há uma linha geral, uma noção teórica dessas coisas que os rapazes aprendem quase quando aprendem geografia. Em cada região, o homem e a mulher têm mais ou menos uma opinião assentada sobre o amor. Qualquer cidadão que tenha estado em Munique, por exemplo, sabe que as alemãs da Baviera são sentimentalmente pegajosas. A mulher portuguesa é considerada o tipo admirável de penetrante dedicação. O homem é, em compensação, seco e brutal. O amor cerebral de Paris, um amor sempre literário que vai da odelete fescenina⁴⁶ à grande tragédia, é sempre novo e sempre incomparável. Que digo eu? De região para região, no mesmo país, a compreensão varia. Tomemos dois tipos – o do norte e o do sul. O paraense ou o baiano amam como o rio-grandense-do-sul? Absolutamente não!

46. Poesia de conteúdo licencioso, considerada excessivamente obscena e por isso tratada como gênero literário “inferior”.

Antes de mais nada, apesar das brochuras francesas e do esnobismo, há o amor americano-do-sul, como há o europeu. Uma senhora às três primeiras frases de um galanteio conhece em Paris se é um europeu que lhe fala ou se um americano.

E o americano tem nuances como o europeu. Estamos tão educados, sentimos tanto a aproximação da alma que melhor se harmoniza à nossa na compreensão do amor que nem é preciso falar. Um homem pode estar tratando de um problema sério, de que dependa a sua vida mesmo. Passa uma mulher. Uma mulher que seja bonita, porque as feias são como os princípios de moral: – ninguém as olha.

As mais das vezes, o espírito do homem está longe, pensando em dinheiro, em honra, numa letra a pagar, em outra futilidade grave desse gênero. E entretanto o seu corpo volta-se pelo instinto (façamos uma frase poética) como o heliótropa para o sol. O mesmo deve acontecer ao sexo contrário, porque afinal as mulheres não são nem simples máquinas nem apenas animadas pelos diabos em penitência, como afirmaram certos teólogos sem espírito. Daí o prévio conhecimento. Temos a preferência. Há homens que gostam especialmente de francesas ou de espanholas, ou de brasileiras.

Nas mulheres o mesmo se dá. Por quê? Porque há o tipo – um composto especial de certas formas de interpretar o grande fogo propulsor... E assim, indo do maior para o menor, desde que encontramos individualidade numa cidade, logo lhe encontramos uma feição de amar.

Nenhuma outra compreensão de amor é tão

facilmente decifrável como a carioca. Nesta cidade, a compreensão de amor repousa em dois princípios fundamentais. Um é a precocidade. Outro é esse receio de guloso sem ânimo para atacar, essa parada de canto e plumagem, essa confissão de farto cibato⁴⁷ em que se não toca, copiada a um pássaro das nossas florestas, palavra que desceu e se popularizou, mas que será tão eterna como para o francês o é a palavra *chic* que pouco mais tem de um século. O outro é o *coioismo*.⁴⁸ Sim, um coioismo nevrálgico, um coioismo que só pode ser definido por essa palavra pastrana que parece exibir-se num bamboleio. Sim! Coioismo.

A precocidade é sabida. O sentimento do amor é como uma vaga libertinagem que toma crianças ao primeiro jato de ar nos pulmões. Eles parecem nascer com a ideia do instinto, antes do desabrochar desse instinto. As meninas aos quatro anos – é bem de ver que ingenuamente sem compreender a gravidade do assunto – já se fizeram para namorar. Os meninos absolutamente inocentes já têm predileções. Como é curioso vê-los, interrogá-los.

– Então, o Armandinho?

– Ele anda com histórias, mas é tão pequeno...

Pelo costume são os próprios pais que em ar de

47. Variação de *ciballo*: alimento de aves.

48. Derivado de coió, significa o “assobio característico, dirigido a uma mulher como galanteio ou provocação amorosa” (Cf. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001).

brincadeira falam de noivado. Eu conheci uma criança de cinco anos – é verdade que numa caixa de teatro – a que fui encontrar num camarim, trepada na cadeira da toalete, pondo *ruge* no lábio, defronte do espelho. Era o camarim da grande atriz, uma velha senhora que se esmaltava para não fascinar mais as plateias. Ela, filha da criada da grande atriz.

– Que faz a menina aí?

– Psiu! fez a menina, que falava devagar e muito explicado. Estou a ficar bonita para ver se o tenor José repara em mim. Tem uma voz linda, não acha?

A mãe veio e deu-lhe umas palmadas. Era um caso de perversão de palco. Com mais alguns anos talvez representasse como a Duse⁴⁹ ou a Lucilia Peres.⁵⁰ Mas é que as senhoras não repararam ainda num encontro de sexos inimigos em crianças.

– Vai brincar, meu filho.

– Vai, Olga, vai brincar com o Zeca.

Eles olham-se. Certo não pensam como nós. Mas que olhar de reconhecimento mútuo, que olhar com recordações! E há perguntas iniciais, há o desembaraço

49. Eleonora Duse (1858-1924), uma das grandes atrizes italianas de seu tempo, se apresentou no Teatro Lírico, no Rio de Janeiro, e no Teatro Santana, este em São Paulo, na primeira década do século XX.

50. Destacada atriz paulista (1882-1962), trabalhou na Companhia Dramática de Artur Azevedo.

de um – porque nunca há o desembaraço de ambos. Nem em gente grande. Em amor é preciso que um ataque e outro se defenda ou finja. Senão perde a graça.

– Gostas de brincar?

– Eu gosto.

– De quê?

De preferência é ela que pergunta, quando não é sentimental (em criança manhosa) e não prefere ser batida por ele – o conquistador. Dias depois, procuram-se; dias depois as próprias mães indagam.

– Como vai esse namoro?

Meses depois mudaram. Tudo acaba. *Paulo e Virgínia*⁵¹ era fantasia africana. E nos colégios, então, nas escolas mistas? A absorção confusa da ideia do amor é verdadeiramente espantosa. Os petizes falam de namoro com uma desenvoltura admirável. E as senhoras meninas também. Durante algum tempo assisti à saída dessas escolas. Os meninos saem juntos, em grupos. As meninas também. Solidariedade de sexo? Não! Brigadas de namorico. Esses grupos correspondem-se de modo geral em afeições. E os diálogos, os esquisitos diálogos de meninos de onze e doze anos, atiradiços, com meninas já de botão em flor a transformarem-se?

51. *Paulo e Virgínia* (1787), romance do francês Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), narra a relação amorosa pura e inocente dos personagens-título em um ambiente distante e paradisíaco.

– D. Mariquinhas está esperando o Conde?

– Que tem com isso?

– Está zangada?

– Não dou confiança a pirralhos...

– Pirralho é piolho de galinha.

E os grupos a rir um riso de inocência, até o petiz dizer:

– Deixe de fazer luxo, só porque o moço está ali...

Já tive em mãos a epístola amorosa de um cidadão de doze anos. Dizia assim: “Joaquina, não posso permitir que namores o Antônio. Quem gosta de ti sou eu. Dou-lhe na cara se tornar a levar-te flores com partes de que são para a professora. Espero-te na esquina ao sair da escola. Papai está admirado como eu não quero jantar há três dias. Carlinhos.”

Logo que encorpam um pouco mais, essas crianças vão aprendendo vagamente o que no paraíso se soube de repente e como nas mágicas. Há sempre uma grande inocência, porque o amor, em ser um sentimento natural, é sempre pelo menos para mim – inocente. O momento faz-se da indicação dos temperamentos. Para observá-los vale passear pelos bairros. Há petizes de quinze anos que saem à noite para fazer o giro das namoradas. Têm três e quatro, uma em cada rua, e ficam furiosos quando encontram o lugar ocupado. Já tive que separar dois pequenos que se esbofeteavam como loucos diante de um portão, donde prudentemente

desaparecera a deusa do sonho de ambos.

Que fazem eles? Que pensam elas? Nesse momento, pondo de parte mais ou menos carnalidade, eles acham que é obrigação e bonito; elas que têm de ser assim. Trata-se de uma espécie de exercício de voluntários especiais. O menino pede sempre o seu primeiro beijo sem estar em idade de compreendê-lo. A menina recebe o seu primeiro beijo relutando, mas talvez compreendendo um pouco mais.

Depois há a grande separação – o Amor, a compreensão do amor.

A mulher começa a compreender o amor – às vezes antes de o sentir, pela ideia do casamento, a necessidade de casar. Na baixa sociedade encontramos o ímpeto, a paixão. Por isso, dá-se o que a sociedade chama a perdição em muito maior número que na burguesia e na classe um pouco dinheirosa que entre nós é o *high life* e finge de fidalguia.

A nossa educação, graças a Deus, evoluiu bastante, de modo que a qualquer jovem é possível conversar do amor, sem receio de que elas desmaiem de pejo, só ao ouvir a palavra – o que para mim era muitíssimo pior. Interrogar os rapazes na idade em que eles entram na insulsez que se chama pândega e o namoro é um esporte como o futebol, não vale a pena. O homem no amor torna-se cabotino, mentiroso – dos dezessete em diante. Interrogar uma jovem seria mais agradável. Servi-me da intimidade em alguns lares e interroguei uma meia dúzia dessas jovens, absolutamente distintas e das melhores famílias e com um comportamento que

nem de longe faria lembrar Marcel Prévost.⁵² De uma guardo textualmente uma conversa, dois dias depois do casamento da irmã.

– Agora chega a sua vez.

– Vez de quê?

– De casar. Creio bem que você não quer ir para um convento.

– Ah! isso não. Mas é cedo.

– Cedo? Você tem dezesseis anos e eu sei que tem namorados.

– No plural.

– Sim, no plural!

– Que polícia.

– É ou não verdade?

– É, mas só para passar o tempo, porque as outras têm... O casamento é sério.

– Teria vontade de saber qual era o seu ideal.

– De polícia virou confessor?

– Olhe, um oficial de bigodes torcidos?

52. Romancista e dramaturgo francês (1862-1941), abordou a alma feminina em vários títulos polêmicos, como *As semivirgens*.

– Um oficial não quero, porque passam dias fora de casa em viagem; e eu acho que o marido deve ter obrigações para com a esposa, estar em casa à hora certa, diverti-la.

– E os bigodes?

– Ah! Bigodes, sim, porque acho feio a cara rapada.

– E como o desejaria, loiro ou moreno?

– Sei lá...

Então passamos em revista todos os rapazes conhecidos – eu para ouvir-lhe o comentário.

E todos quanto eu achava razoáveis ela os achava ridículos. O que significa que, a respeito da beleza masculina, as meninas têm uma opinião muito diversa da nossa.

Mas eu interroguei outras e tirei alguns princípios definitivos: – os homens fizeram-se para amar as mulheres; o homem deve amar só a sua mulher mesmo que ela não o ame; o homem deve trabalhar para a mulher sempre; as mulheres só têm por obrigação obrigar o homem a um certo número de papéis; os homens são uns idiotas interessantes com que elas se têm de haver, brincando com eles como as crianças com polichinelos. A beleza masculina é para a maioria inteiramente indiferente. Os espanhóis dizem que os homens, quanto mais feios, mais bonitos. Os homens que eu me esforçava de achar interessantes eram por votação secreta sempre indiferentes. Senti apenas a superioridade do

loiro, a superioridade do ousado, isso mesmo em certas ocasiões, e a superioridade dos menos inteligentes. Em questões de físico: o horror geral do gordo.

Uma dessas *demoiselles*, falando-se um dia de mãos (porque capciosamente apanhava essas notas em conversas que nada tinham com o assunto), disse-me as suas preferências.

– Pés pequenos e mãos finas para homem, não acho bonito. A um rapaz ficam muito bem mão grande e pé grande.

Essa menina, que me disse isto, é linda, é inteligentíssima e vai casar com um rapaz que tem mãos pequenas e pés pequenos.

O resultado dessa precocidade não se torna difícil. As meninas casam dos dezesseis em diante e há rapazes, Deus de misericórdia!, que aos dezessete já têm família. Mas, para mim, de começar muito cedo com inteligência para analisar, dá-se na grande massa, quer dos homens, quer das mulheres, o que se poderia denominar o espanto temeroso do amor. O homem brasileiro, e principalmente o carioca, é um tímido no amor. Há os chamados temíveis, os arrogantes, os ousados, os conquistadores, os que as famílias temem. Examinai de perto os atos desses exatamente. Haveis de notar que cada bravata esconde uma timidez, e que são eles sempre os primeiros a ficar admirados das próprias ações – quando as realizam...

Daí o coioismo, um coioismo doloroso. O homem segue a mulher admiradíssimo; está acanhado diante

desta, é dominado por ela. Falam de atavismo moral, prendendo o caso ao tempo da colônia, mas a evidência é que são como folhas ao vento, sem ímpeto interior no normal. As mulheres estrangeiras sentem perfeitamente o fenômeno e ficam para dominar. O coioismo pode ser brincadeira, mas é suscetível de todas as interpretações.

Assim, a analisá-lo como compreensão do amor em vários círculos sociais, cheguei a verificar:

1º Que o amor, a paixão, cada vez mais só existe admirável e exuberante na gente desclassificada, nos pobretões, nos ordinários, nos fora da sociedade.

2º Que, quanto mais alta é a sociedade, mais estorvos matam o amor.

3º Que, quanto mais civilizado é o meio, menos compreende o amor, senão como fenômeno social com um lado prático e um lado mau que é preciso evitar.

4º Que, quanto maior é a cultura e a civilização, menor é o amor.

O amor não existe bem nas classes cultas e na alta sociedade, composta de esnobes da civilização. Basta analisar um pouco para se compreender como o amor aparece cada vez menos nas classes superiores. Desde os casamentos.

Os casamentos, na alta sociedade, dão o exemplo do cálculo da falta de paixão, das conveniências, às vezes mesmo quando há um rapto. E as loucuras, as divinas

loucuras? Não há. Ou quase. O *coup de foudre*⁵³ é uma noite de baile, depois de muitos meses de indiferença, em que ambos acham que se ajeitarão na vida a dois. O amor ante noivado é uma ginástica de dar que falar mal aos outros sem fazer nada. Ou quase. Entramos no *à peu près*,⁵⁴ no quase, na dúvida, na análise...

A civilização incompleta, como a temos hoje, é, de fato, sendo o colete de todos os sentidos, a estiolação do amor, pelo menos do grande amor ardente que se chama paixão.

A paixão é querer! É uma fogueira que arde,
É espasmo, sacrifício – amor devotamento,
Que para bem gozar suplica o sofrimento,
Que só tem um desejo, o da pessoa amada,
Que não quer placidez, mas a tormenta irada
Nas doidas convulsões de rubro cataclismo,
Amor espinho, amor tortura, amor abismo...

Os homens educados com viagens e cursos na Europa pensam talvez como aquele sujeito de Chamfort: “Há duas coisas que eu sempre amei doidamente: as mulheres e o celibato.” As meninas certo não têm a opinião do presidente Taft⁵⁵ contra o casamento: “As moças julgam nula a própria existência antes do casamento, quando é precisamente o contrário.” De modo que toda aproximação é um cálculo, ele defendendo-se, ela atacando. Daí excesso de *flirt*, imoralidade progressiva e ausência de amor.

53. Amor à primeira vista.

54. Indefinição.

55. William Howard Taft, presidente dos Estados Unidos (1909-1913).

Na gente bruta não se pensa e não se calcula para amar. O amor não gosta de pensar. Pensar é envelhecer. O amor foi sempre menino. Pode-se compreender o amor refletindo: – Não; não fujo com ela porque o dinheiro não chega até o fim do mês? Nunca! Essas criaturas têm a carne livre, o espírito livre. Abraçam-se, não pensam. Um sujeito do *high life* que vá passear por aí pelas ruas de trabalhadores e de gente anônima, vendo rapazes de lenço ao pescoço e rapariguitas de vestido de chita, por mais Bourget que tenha na cabeça, ficará humilhado. Só uma cousa na vida humilha verdadeiramente: a felicidade alheia no amor mesmo quando nós somos incapazes de a sentir... E Eros, no Club dos Diários, jogador de pôquer, em Botafogo analista, sacode aí simplesmente uma torrente de fogo. Ama-se de fato – ama-se com os dentes, com as mãos, com o sangue, com paixão. As raparigas nasceram para aquilo, sabem isso e também sabem que na terra nada é melhor. Os rapazes não contam com enxoval. Às vezes, crianças de dezesseis anos, sem real, não estão ligando; e entram, e tomam, e raptam, e brigam. Não há ideia de mentira nem de dinheiro, não há fraude. É animal, dirão. É o que nós não podemos fazer, digo eu.

A vida para eles é amar, dar vida, apodrecer, florir, amar. O sentimento lança-os à reprodução; e, na miséria, os pequenos, desde muito pequenos, já gostam, já exigem, já querem. É aí que as meninas de quinze anos tomam veneno, por não poder ter só para elas o seu rapaz; é aí que raparigas loucas despejam sobre o corpo latas de querosene, ateiaram fogo e deixam-se queimar porque ele não gostava mais; é aí que rapazolas inva-

dem casas e matam e matam-se. Há tanto amor e tanto ódio que, esfaqueando a mulher, como ainda outro dia, tomam da mesma faca, enterram-na no peito, cheia do sangue dela, e lá dentro reviram a lâmina, remexem, revolvem até caírem sem vida. É aí que se ama sem mundanice, pelo amor, não resistindo quando se gosta, morrendo por gostar. Os versos de amor, os lances do renascimento de Itália – tudo eles vivem sem o saber e por isso parecem-me belos na sua mocidade, a mocidade que têm da harmonia da natureza e tanto recorda a árvore, como o animal, como a luz. Entre eles o amor ainda não sentiu a desigualdade. Nem é preciso fingir nem conservar um sentimento quando não o possuímos, nem pensar num gesto antes, durante e depois de fazê-lo. Dar um beijo? Agarra-se e dá-se. João de Deus exprimia bem essa espontaneidade primaveral.

Um beijo?

Pede-se e dá-se.

E ninguém perde nada com isso, nem o padre deixa de dizer missa. Para amar não são precisas palavras. Cyrano não daria nunca um beijo em Roxane;⁵⁶ era um cansado do amor. O poeta amoroso é uma fadiga da natureza. Lembro-me que nunca na minha vida tive uma impressão de ressurgimento de símbolo tão intensa como certa noite de luar, na rua do Areal, há uns sete anos. Era apenas uma casa de porta e janela.

A rua deserta na hora alta. O luar batendo de chapa

56. Protagonistas de *Cyrano de Bergerac*, peça do dramaturgo e poeta francês Edmond Rostand (1868-1918).

nas fachadas sujas, lustrando a rua dessa viscosidade de desejo, com que o luar faz aluados a todos nós. À janela, uma criança deliciosamente bela pousava os braços num abandono, sobre os ombros de um rapaz que estava de fora e era a própria graça jovem, de cabelo anelado, moreno, o corpo fino. Romeu! Julieta! Todo o poema imortal. E eu recordava a cena do balcão, as frases de diamante e de rosas, os dous meninos perdidos de amor em versos que são como a própria ternura... Parei à esquina. Eles pareciam em êxtase. Que amor! Era decerto a filha de lavadeira com o ajudante de carroceiro. Mas tão bonitos, tão puros! Que diriam eles? Fui a aproximar-me, devagar, como à espera do bonde. Eles, de resto, nem davam por mim. Afinal parei, a dous passos, na mesma calçada. Ele dizia para ela:

– Burrinha! Burrinha!

E ela, de raro em raro, num suspiro:

– João!

Nada de frases. Mas também nada de pensamentos maus; de infâmias contra o amor. Ela mulher, ele homem. Diverti-me a estudar as resultantes daquele momento. Podia chegar o pai e ela apanhava. E ele também. Podia haver oposição da família. Mas a vizinhança acharia natural, ela fugiria com ele, e teriam muitos filhos. Pancadas, taponas, sangue, gozo, mas o grande alalá do amor, amor natural sem

*sans dessus*⁵⁷ e monóculo, amor instinto viril, que nos espanta tanto quanto o vemos de perto e que nos conquista de modo tão empolgante.

Mas, se deixarmos as baixas camadas e volvermos à nossa, é uma delícia. Entramos no domínio da frase e da análise. Quando se observa a própria paixão, remetendo o sentimento para o laboratório de análises, o coração é uma víscera e começa a “arte de fingir”.

Oh! nada mais crispante do que ouvir um desses rapazes da sociedade que estão na época das boas fortunas. O artificialismo tece-os. Já não é vaidade, é fatuidade. Eles representam, são cabotinos ingênuos, dão-se ares daquilo, só porque é bonito. Paixão? Absolutamente nenhuma. Desejo às vezes, e, isso mesmo, talvez apenas aparência, coioismo. Após dez anos de observação, cheguei a concluir que 99 por cento das senhoras de quem se fala muito mal são honestas; 99 por cento das meninas inconvenientes meteriam inveja, pelo seu comportamento, a Santa Thereza. A maioria desses cavalheiros, que nos salões fazem a guarda de honra das “*leading beauties*”, desejam apenas, “apenas” aquela exibição pública. Se lhes abrissemos a cabeça, veríamos que eles estão pedindo a Deus para não haver mais nada, com medo de serem impolidos. E as senhoras por causa das más línguas, da carta anônima, da conservação da própria beleza, repeliriam o menor ultraje, que em curtos momentos é apenas violência, e às vezes nem violência é

57. Sobressalto.

O amor, que até os mares sublima,
Anda por tudo espalhado,
Brilha nos astros de cima,
Canta nas aves do prado,

Tem nas classes superiores tantos empecilhos que naturalmente morre.

A primeira é a má língua, a má língua, que em Paris pode ser o *debinage*,⁵⁸ mas aqui é o mexerico famélico, a calúnia soez, a indignidade da carta anônima e das conversinhas das criadas de copa.

– Então, fulana, ontem veio com o bacharel!

– Que escândalo!

– Já data do baile das Gouveia. Conversou com ela toda a noite.

Ai! pobre de quem cai! E todos caem nessa polícia de cachorrinhos desdentados e ladradores, que não tendo mais o que fazer atacam a vida do próximo. Então é preso por tê-los e preso por não os ter. Mathias, fino, elegante, rico vai casar com uma menina feia e tola. Hum! é um arranjo. Mas como a enganará! Mathias casa e é fiel. As insinuações perversas redobram. Ninguém diz que ele ama a esposa. É coisa!... M^{me} Fulana, com trinta e cinco anos, protege o casamento de João com a linda menina Souza. Todo mundo assegura que M^{me} Fulana é amante de João. Dizem isto até ao marido que não deixa de ficar incomodado. Mas João casa, e

58. Maledicência.

M^{me} Fulana e o esposo são padrinhos do enlace.

– Que cinismo, que terra!

– Mas cinismo de quê?

– De Fulano, do João e até da menina que com os seus ares de ingênua saiu-nos melhor que a encomenda!

É todo um drama de depravação mental, que às vezes as próprias vítimas de idênticas calúnias passam adiante. A calúnia é uma mentira que já tem dentes...

Eles chegam a acompanhar, a seguir, e a insistir em nomes de cara ou a fazer perguntas.

– Vi ontem v. ex. conversando no chá da Cavé.⁵⁹
Estava animada... não?

É ainda uma triste feição do coioismo, essa primeira. A segunda é que tanto o homem como a mulher desejam, mas têm medo – e sempre mais em proporção à inteligência e à cultura...

A grande dificuldade para saber a opinião das mulheres é que o egoísmo esqueceu por completo de achar interessante o que elas dizem. Outrora a mulher era uma propriedade, era um bibelô que apanhava quando não se portava bem. Depois a pouco e pouco a nossa fantasia foi criando modas e achando-lhe necessidades. Por fim, ficamos inteiramente dominados. E, entretanto, com um certo temor, dispensamo-las de falar.

59. Fundada por Charles Auguste Cavé, é a mais antiga confeitaria da cidade do Rio de Janeiro.

Todos os poetas do mundo não fazem outra coisa senão cantar a sua beleza e as emoções que o menor dos seus gestos lhes produz; os romancistas escrevem páginas de psicologia sobre o que homem sente e o que a mulher deve sentir. Mas da mulher não há nada, absolutamente nada. Ou os homens têm medo de um juízo muito desagradável sobre a nossa tolice, ou uma pretensão de moral que é ainda um vestígio do egoísmo antigo. Porque é perfeitamente humano que o homem podendo dizer porque gosta, porque casa, porque se sacrifica, porque mata, porque chora, porque ama, podendo mesmo dizer quanta mentira lhe vem à cabeça, a mulher também possa informar o mundo dos mesmíssimos sentimentos.

Mas não senhor: nós que inventamos e atribuímos à mulher, com a grosseria natural de observação, uma série de clichês idiotas a que damos o nome de psicologia, nós achamos mau que uma senhora contasse as suas emoções, ou que se pudesse ter, por exemplo, o estudo d'alma exato de uma noiva contado por quem fosse noiva e não noivo, o que é muito diferente. Neste capítulo, porém, a mulher recua, porque não foi chamada, e o homem pavoneia-se. Para qualquer cavalheiro que lê versos e lê romances seria um escândalo encontrar esses versos de senhora dizendo: amo-te, querido, como ama a brisa... Que mulher! E esse homem leria as mentiras dos poetas mais cabeludas achando *muito bonito* e muito exato.

É o nosso exercício, é a situação. Também o homem acha perfeitamente natural enganar a esposa, pintar o sete, divertir-se, e a sociedade passa-lhe a mão por cima,

mas ah! da senhora que queira ter o mesmo direito. A sociedade arma-se até os dentes de ira, e mesmo quando o esposo possa ser coletivista é o desastre. O fenômeno é geral. Não há rapaz que não tenha duas namoradas pelo menos e ainda mais o que não conta, mas que ficaria indignado se uma das raparigas tomasse também um de sobressalente. E as esposas também, são esposas para perderem todos os direitos. Ainda agora é bom aqui. No interior uma menina casa aos dezesseis anos e no dia seguinte é matrona, está proibida de dançar, de conversar com rapazes, de ter amigas solteiras. Aqui, quantos cidadãos vemos que se dão ares de conquistadores na rua, e que só deixam a esposa sair com os filhos, as criadas e ainda eles por contrapeso.

Ah! É o ciúme... isso chama-se o ciúme. Em casa ninguém entra e, à menor suspeita:

– Mulher desgraçada, que fizeste da minha honra?

Ora, são eles de fato a causa do erro social e desse semiestrangulamento do amor. Porque afinal são eles que chamam a mulher de parte fraca, dando-lhes o papel de ser tentada para fazerem o de conquistador. Por consequência isentam de culpa a criatura que desde Adão vem pregando partidas ao homem, sempre desculpada, até por Deus, que, como as senhoras sabem, atribuiu a Satanás virado em serpente um ato de que Satanás se julgaria incapaz, com medo de perder-se.

Apesar disso, porém, elas examinam, observam e dão tanto prazer quando mostram um agrado... Não

serão nunca verdade aqueles versos de De Vigny:⁶⁰

*Et se jetant tout deux un regard irrité,
Les deux sexes iront chacun de son côté.*⁶¹

Mas, para a mulher, noiva, esposa, ou amante, nas classes elevadas, nas classes cultas, pela sua natureza dada à análise, pelo seu meio que obriga a dissimular, pelos homens, o amor é um blefe tormentoso que se aflora apenas de raro em raro e que às vezes estraga a vida para todo o sempre.

Em amor só se é honesto quando não é de propósito. Os homens pensam em negócios, em complicações, no dinheiro. Maurice Barrés, que acha o ardor dos sentidos muito diferente do amor, diz entretanto que o amor para os espíritos *blasés* pela mentira cotidiana é uma espécie de dentada que os faz sentir a vida.

Sim, de vez em quando vem um ímpeto. Mas a sociedade com o seu feitio não compreende senão o ignóbil e nunca o amor. Para os sujeitos bem-postos, amor é velhacaria e exibição, diversão ou perversidade, *cavação* ou maneira de aparecer. Alguns mesmo nunca compreenderam a verdadeira significação da palavra.

O homem casado com uma senhora distintíssima tem vários motivos de variantes. Em 99 casos sobre 100 é exibição – porque é de bom-tom enganar a esposa

60. Alfred Victor de Vigny (1797-1863), poeta romântico francês.

61. “E, lançando-se um olhar irritado,/ Os dois sexos morrerão, cada um em seu lado.” Trecho do poema *La colère de Samson*. João do Rio erra na transcrição do poema. Os versos corretos são: “*Et, se jetant, de loin, un regard irrité,/ Les deux sexes mourront chacun de son côté.*”

e pôr dinheiro pela janela afora. Na centésima é velhacaria d'alma. Em resumo, fatuidade e desejo de mentir. Um homem conquista muitas senhoras. O que a mulher começa por amar no amor é a lisonja. Por isso é que elas vão com palavras. Em 99 casos sobre 100 é diversão. Noutro, perversão de sentidos. Fala-se do amor como se fala de coquetéis e das fitas de cinematógrafo. O amor é um almoço que não vale os *hors-d'oeuvres*⁶² e a sobremesa. E eles chamam certas afeições de amor como, por exemplo, certos infectos fabricantes de vinho chamam ao seu produto de champanhe.

Não é amor, é representação. Certo há ainda o conquistador, o homem *a femme*, o platônico, o sentimental, o idiota, o esportivo. Certo há a dama *dernier aéroplane*,⁶³ a romântica, a inquieta, mas tudo isso levado pela pressa de automóvel, com poeira, *panes*, circuitos, e pó de arroz. É evidente a decadência. O d. Juan mesmo é um tipo detestável, cada vez mais detestável. E d. Juan hoje paga.

Em compensação, há o tipo da Mulher-d. Juan, a senhora por que é de obrigação todos os cavalheiros se apaixonarem. E como isso é platônico, vê-se bem a que fantasia de falta de praticantes chega a religião do amor entre os cultos...

Imaginem um homem perguntando pelo correio com que traje deve casar ao meio-dia, se de casaca ou de sobrecasaca. Esse homem não merece que a noiva pelo menos desmanche o casamento?

62. Antepasto.

63. Talvez, usando termos atuais, "mulherão", ou, ainda, mulher antenada com a moda.

As senhoras, por consequência, examinam, tendo que amar no seu meio. Se perguntam a opinião de alguém, é certo: o homem que tem a sua simpatia não passa de um biltre. Daí não perguntar a ninguém e viver, na atitude passiva de ser conquistada, e não saber a quem melhor e se o seu amor tem um objeto que corresponda.

Casar com quem? pergunta a moça, nos seus sonhos. Não imagina o físico do homem, senão em segundo lugar.

É a posição e é o grau de cultura. O homem é rico, está bem empregado, é doutor, amigo do ministro, tem a proteção do Pinheiro Machado.⁶⁴ Só depois é que se sabe como é ele. Um dia, antes ou depois de noiva, ela ama. Pelo único motivo que deve imperar no amor? Não. O seu meio não o permitiria. Há casos de convento e casos de suicídio das que teimam. Vem então o motivo de cultura, das roupas, de certa graça quando os “não preparados”, e os não alta sociedade são os únicos que amam. E aí temos as paixões mentais.

Esse fenômeno da civilização da maior cultura revela-se de modo curioso no desejo que as mulheres de educação regular ou superior têm, como último refúgio do ideal para com os poetas e homens de letras.

É sabido que os homens, mesmo os de letras, têm uma especial implicância com a espécie femina cada vez mais

64. José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), senador, foi um dos políticos mais influentes na República Velha. Assassinado cerca de três anos depois da publicação de *Psicologia urbana*, teria profetizado o golpe mortal em entrevista a João do Rio: “Morro na luta. Matam-me pelas costas, são uns ‘pernas finas’. Pena que não seja no Senado, como César...”

prolixa das literatas, das escultoras, das poetas, enfim de toda mulher que toma uma carreira liberal. Enquanto elas têm talento apenas para flertar com eles, sim senhor, vai tudo muito bem. Quando elas querem agir – são histéricas, desequilibradas e é de ver a grosseria com que as tratam a sós e a mofa com que a elas se referem quando com outras senhoras, que por sinal gostam muito, sabendo-se do princípio de que uma senhora acha sempre desculpável ouvir falar de uma outra que tem prendas de que ela não faz uso.

Em compensação, o homem de ideal, principalmente o poeta, aqui, menos de que em outra qualquer parte entretanto, é o sonho de todas as meninas e de todas as senhoras. Algumas, as da chamada alta sociedade, têm um certo receio de se comprometer. Um casamento, sem dinheiro, com um poeta que não é do *highlife*, sendo ao mesmo tempo filho do dono de uma casa de negócio ou de um fazendeiro! Mas no fundo a tentação vibra. Como eles falam bem! Há versos que valem bem um vestido. Notem que eu não digo um adereço, apenas um vestido. E que chama e que ardor! Ser a inspiradora dessa irradiação de rimas, acariciar-se de estrofes, vestir-se de versos que são como gemas, que são como sedas, que são como rendas, e iluminam, e cintilam, e imaterializam, e possuem numa visão evocadora, com arroubos de sátiro e súplicas de místico.

– Aqueles versos do Luiz Guimarães...⁶⁵

65. Luís Guimarães Júnior (1845-1898), diplomata, poeta e romancista, membro fundador da ABL.

– É verdade. Dizem que são dirigidos à linda M^{me} X.

– Mas como ele a ama...

Um vago ciúme, um vago desejo de ser também heroína, um vago receio da boca desta cidade, meu Deus! que leva à janela falando mal da vida alheia, mesmo sem nada...

E entretanto as que realizam esse ideal é como se olhassem o céu do alto de uma montanha e caíssem no lamentável terra a terra. Uma criaturinha que ouve versos prontos e dias depois de casada sente que o poeta a deixa para compor com dificuldade, em mangas de camisa, por causa do calor, que o vê irritado, que o vê comer, que o vê um homem pior do que os outros cai de um quinto andar. Porque os poetas ou são D'Annunzio,⁶⁶ que amam, enganam, passam adiante, multiplicam as traições, tendo a máxima de que um poeta ama mais num instante que o burguês num século (o que é materialmente uma fábula) ou são o *pot-au-feu*⁶⁷ vulgar, o poeta burguês que só monta Pégaso para o público e abstém de poesia o lar, prudentemente, com uma superioridade irritante.

– Que chá ruim! Onde o mandaste comprar?

– Onde se compra sempre.

– Ainda ontem tomei um excelente na casa da

66. Gabriele d'Annunzio (1863-1938), poeta, dramaturgo e político italiano.

67. Guisado.

viscondessa de Fontes Villela.

– Pois vai tomá-lo lá.

– Olha esta poesia que fiz a propósito. Que tal a achas.

Ela está despeitada, ela que foi a Viviana desse Merlino!⁶⁸

– Assim, assim, diz.

– Ora, minha querida, exclama ele irritado. Nada de pretensões. Querem ver que já entendes de poesia?

A psicologia é curiosa. O artista não pode amar nunca senão pouco e por crises. Está preso a sua arte quando o é de fato, e o é pior que um burguês vulgar quando não passa de um cabotino. Tudo nele é exagero. A fantasia fica muito além de onde pode ir a realidade. E ela, além dessa imperdoável desilusão tem a de senti-lo vaidoso a seu lado sempre e a de senti-lo muito mais amante da poesia e dos outros do que seu.

Gonçalves Dias, aliás, exprime muito bem tal estado d'alma:

Amor, delírio, engano – sobre a terra
Amor também frui a vida inteira
Concentrei-a num só ponto: amá-la sempre.
Amei-a. Dedicção, ternura, extremos

68. Vivien e Merlin, personagens originadas dos romances do ciclo do Rei Artur, aparecem na literatura em diversas versões de relação amorosa.

Cismou meu coração, cismou minha alma,
Minh'alma que na taça da ventura
Vida breve d'amor sorveu gostosa.
Eu e ela ambos nós na terra ingrata
Oásis, paraíso, éden ou templo
Habitamos uma hora; e logo o tempo
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
Doce encanto que amor nos fabricara...

Os poetas! Conheci um que tinha dois sonetos: um para as meninas loiras, outro para as meninas morenas. Uma menina loira teve a tolice de acreditar e casar. O poeta continuou a distribuição de exemplares, com a assinatura do autor, de ambos os sonetos, apesar de ter um filho. Um dia a senhora, que já não tinha ilusões, mas de neve toucado o sol dos cabelos sofreu o seu maior golpe: pelo correio, mandado por um pai colérico o mesmo soneto que a decidira a casar-se, e que o poeta enviara a outra menina.

– Peça ao seu marido, escrevia o velho com espírito apesar da fúria, que tenha vergonha de editar só o soneto das morenas a ver se lhe guarda ao menos a fidelidade do loiro.

Ele faria isso por mal? Talvez não. Eles em geral fazem das suas deusas como que projeções do próprio eu. O que eles cantam é o próprio eu, é o seu talento, é a sua força, é o seu verso. Em todos os versos, mesmo nos mais malfeitos em que se pede para ser até a sola dos sapatos das senhoras só há uma verdade: a convicção mentirosa, a ilusão do que eles são incomparáveis – o narcisismo.

Mas casar com quem? Entregar o seu coração a quem? As mulheres têm no Rio a alma mais inquieta do que em qualquer outro lugar. O poeta não serve e é a exceção. O bolsista? O mundano? O negociante? Conheci uma senhora muitíssimo inteligente, casada com um poeta, que escrevera as *Estrelas perdidas*. O poeta morreu ao cabo de cinco anos, e eu verifiquei que ela chorava pouco. Muito tempo depois encontrei-a num bonde. Estava casada com um negociante de feragens, que só tinha de mau o ser ciumento – mas *com senso comum*, frisava ela.

– A minha vida é calma, disse-me. Nunca se tem o ideal completo. Não passo uma semana, acredita? que não leia as *Estrelas perdidas* do nosso defunto Horácio. Recorda-se? Elas foram quase todas escritas para mim. No dia de finados, eu e o Antônio...

– Que Antônio?

– Meu marido. Vamos sempre ao cemitério levar-lhe cravos vermelhos.

– E é feliz? indaguei.

– Quem o é?...

– E se ele voltasse?

– Ah! não, fez ela. Os poetas de longe. Está muito bem onde está.

Em compensação, outra conheci a quem o marido

amava como um louco, sempre, sempre. Diziam-na a mais feliz das mulheres. Morreu. Fui dar os pêsames ao esposo que parecia um tigre em fúria solto no salão.

– Resignação, doutor.

– Resignação, fez ele num ímpeto de soluços. Mas meu filho, diga-me, com quem hei de eu agora brigar todos os dias?

Um dramaturgo francês já disse com verdade.

– Como a gente se odeia quando se ama!

E de fato. Para a Grécia, amar era a divina brincadeira. Para nós é a tortura, a preocupação, a briga, o amargor. As cores vão se tornando mais sombrias à proporção que mais se ama. O delírio é a treva, o ciúme. E o ciúme não é o amor. É a anormalidade feroz.

O Ciúme é o desejo de posse suprema, de propriedade máxima. Quando um sujeito se julga amado, anda como se o resto da humanidade se incomodasse com a sua felicidade. Quando o sujeito já não é querido, vexe-se como se fosse crime ter desmerecido, como se fosse um tolo roubado, como se o orbe exigisse satisfações e o enchesse de ridículo. A mulher tem obrigação de ser sua para a eternidade, e, apesar de na vida só ser eterna a renovação, o homem fútil quer para ele o preito eterno da escrava. E nesse desespero, que é através dos tempos e cada vez mais o Único Grande e Perpétuo Desespero do homem, o pobre escabuja, estorce-se, ruge, mata, fere, chora, grita, morre diante da esfinge indominada e indominável.

Como, porém, é possível até mesmo limitar as situações dramáticas da existência, a variedade infinita dos ciumentos – todos os homens da terra pelo menos uma vez na vida – pode-se prender a três tipos gerais.

E ainda aí surge, mesmo no Ciúme, a lei da fraqueza refletida do amor, da covardia à proporção que a cultura é maior. Desses três tipos o primeiro é o que mata, o que afirma o integral direito de posse mesmo contra a criatura amada. É o tipo forte, tipo dominador. O segundo é o que se suicida. O terceiro é o que nem mata nem morre e continua...

Eu conheci dois tipos de homem representativos das duas últimas espécies. O primeiro era um rapaz de dezoito anos, da Beira-Baixa, inculto e forte. Via-o trabalhar no teatro, sério, respeitador, e porque menos metido, mais simpático. Se era possível ajudá-lo com recomendações a empresários, sempre o recomendava. E o rapaz agradecia. Certa vez chegou-se a mim.

- Queria pedir-lhe um conselho.
- Que he há?
- Eu gosto de uma menina.
- Então que tem isso?
- Ela é costureira e muito namoradeira. Tem outros.
- Ora! Faça você por agradar.
- Mas se ela, depois?... Eu gosto da verdade.

Interessei-me pelo amor, e ele, não tendo mais quem o ouvisse sem ironia, contava-me o seu romance. Começou por espancar os outros, conquistando assim as atenções; depois meteu-se de dentro, quis casar e dar ordens. A costureirita zangou-se e pô-lo a andar. Ele continuou a persegui-la, durante seis meses longos. Ao cabo desse tempo contou:

– Hoje falei-lhe. Fui positivo. Disse-lhe: ou casas comigo, ou mato-me.

– Ah! mariola! Queres embrulhar a pequena!

– Não, senhor. Pensei muito. Assim por assim, a vida sem casar com ela é impossível. Ou ela deixa, ou eu dou um tiro no ouvido. Até já comprei o revólver.

Conversava essas coisas calmo, quieto, sem violência. Não acreditei. Uma semana depois perguntei:

– Para quando o suicídio?

– Nesses oito dias, se ela não me der o sim.

Dez dias depois, por acaso, numa redação, lia o romance de um repórter a respeito. O pobre rapaz fora à casa da menina e obtivera a negativa. Então, encaminhou-se para o quintal e tranquilamente detonou o revólver na têmpora esquerda... Era o grande tipo do sacrifício, o tipo lírico do egoísmo desesperado, arrancando a vida por não poder dominar.

O outro era um sujeito baixo, inteligente, gordo, a amar como só os gordos sabem amar – perdida e concentradamente, guardando a paixão como um fogo lento, que ninguém vê. Quatro anos havia tornara-se o escravo de uma dama ardente e bela como um sol de verão. Nessa qualidade a dama aquecia todo mundo e fazia-o suar e sofrer e penar no duro trabalho, para comprar-lhe confortos, enquanto ela ia além. Depois de muito variar, a dama atirou-se mesmo aos amigos íntimos da casa. Era impossível que ele não visse. E o cardo do ciúme – o ciúme, quem sabe lá o que isso é? –, até então na treva, plantou-se na sua alma. Vi-o ficar pálido, pelancudo, com a face cavada; vi-o andar pela rua com o ar fatal e vago – ar que muito mal assentava na sua alegre gordura; vi-o mudamente desesperado. E como tenho piedade no coração para os infelizes a quem o Amor estraçalha, provoqueei-lhe a confidência, uma vez, a jantar, num deserto recanto do Silvestre.

– Mas que é isto? Vejo-te à beira da tumba, homem.

– Que é isso? respondeu ele. Tu bem sabes.

– Eu?

– Ora! Se eu fui o último a saber!

– De quê?

– Dela...

Calei-me. O pobre olhou-me.

– Sim, a ti posso falar sem parecer ridículo, sem essa

estúpida convenção que faz de um desgraçado motivo de palhaçada e de troça; a ti posso falar da minha infelicidade. Ela engana-me. É horrível! Ah! Sinto-o no próprio sangue, e a raiva, o desespero, a angústia estrangulam-me. Vejo-a sair, sei para onde vai, e vem-me uma dor tal que o coração estala e bate, pequenino, tão pequenino que até parece a morte. É com os meus amigos agora. Dize-me, dize-me o que devo fazer?

Era após a sobremesa. Havia luar, paisagem. Achei aquilo meio romântico, meio cômico. Parecia uma peça de teatro. Respondi com prudência.

– É delicado.

– Qual delicado! Preciso tomar uma resolução.

– Só agora?

– Todo tempo é tempo.

– Pois separa-te!

Ele olhou para mim, congesto, arregalando os olhos.

– Ou então mata-a. É uma solução. Ou mata-te. É outra. De qualquer forma – acabas!

Ele circunvagou o olhar e de repente em pranto.

– Não, não! Se a deixo, ela vai ser só dos outros. Se a mato, oh! não! nunca! Se me suicido, sou eu a desaparecer, sem esperança, inutilmente. E não tenho coragem de fazer-lhe mal, de dar-lhe um desgosto, e não posso

passar sem essa mulher! Ao menos, assim, estou perto, vejo-a, cheiro-a, sei de quem ela gosta. É atroz. Tenho o peito como golpeado e incendiado, mas talvez acabe por gostar dos preferidos a ver o que neles a ela agradou...

E descemos do Silvestre os dois, ele com os olhos vermelhos de chorar, eu muito triste, certo de que o pobre homem acorrentado iria dali direito a tentar o amor, com a mesma causa do seu cruciante penar.

Qual dos três é o mais simpático; o que mata, o que se suicida ou o que continua, continua, continua com o milhafre do ciúme a bicar-lhe a alma? Não sei. Não vale indagar. São os três desgraçados. E desgraçados porque na eterna inconstância da vida fazem do Amor motivo de triste pensar, e de máximo egoísmo, quando esse prazer deve ser transitório e múltiplo para se eternizar e quando o verdadeiro egoísmo é o de não possuir senão a si mesmo – para não se perder perdendo a presa.

Assim, o amor no Rio é precoce, de um ardor imprevisto na baixa sociedade e tímido e fraco e covarde como nenhum outro à proporção que se eleva a gente na escala social. Esse coioismo como a precocidade esmaga um pouco a compreensão do amor. Os homens não amam, e as mulheres – que parecem adoradas, vivem na ânsia de encontrar a sua alma irmã. Eu poderia ter cantado tragédias e libertinagens. Preferi apontar pontos graves. Presentemente perdemos a compreensão do amor pela desigualdade geral, o desequilíbrio evidente. Para amar, contam que é preciso ser igual. Nietzsche diz na *Aurora*:

O amor quer poupar a quem se dedica toda a sensação de ser estranho, e é por consequência cheio de assimilação e dissimulação. Engana sempre e representa uma igualdade que não existe. Esse fenômeno só é simples quando uma das pessoas *se deixa* amar, não julga necessário fingir, deixando ao outro todo o trabalho.

Não é o meio de que se usa geralmente? Quando ele gosta mais, faz tudo. Quando ela gosta é ele o agradado.

João Grave⁶⁹ não acha isso amor e diz: “Quando o homem e a mulher não se sentirem mais amarrados um ao outro, amar-se-ão verdadeiramente.”

Dumas filho,⁷⁰ o psicólogo, escreveu:

o amor, devendo ser o fim sintético e estético da vida, exige uma verdadeira educação que racionalmente começa na infância: amor pelos pais, amor ao próximo, amor das grandes ações, do que é belo e nobre, e amor das artes. Para amar é preciso exaltar o que há de melhor dos nossos sentimentos. A mulher instruída exprime melhor, a mulher do povo prova mais...

São opiniões literárias. Eu também tive vontade de organizar uma espécie de *cour d'amour*⁷¹ a perguntar

69. Escritor e jornalista português (1872-1934), colaborou em vários órgãos da imprensa brasileira.

70. Alexandre Dumas, filho (1824-1895), escritor francês, autor de *A dama das camélias*.

71. Tribunal do amor.

aos homens importantes e às senhoras o que pensavam do amor. Haviam de ser deliciosas as respostas do marechal Hermes,⁷² do barão de Paranapiacaba,⁷³ do general Pires Ferreira.⁷⁴

Mas recuei a tempo, lendo um apólogo da velha poetisa Moushaki Shibú.⁷⁵ O apólogo é o seguinte: era uma vez um *samurai* que, depois de ter viajado o mundo, imaginou saber muito. De volta a Ieddo, convocou uma grande reunião de senhores, sábios, mulheres, gente de toda casta, para, dizia ele, discutir coisas de amor e fazer uma espécie de código, como em outros países havia. No dia aprazado só chegaram os senhores e os que se intitulavam sábios. No campo haviam ficado lavradores e pastores; nas oficinas, operários e artesãos. Quanto a mulheres, chegaram apenas as velhas. O *samurai* não se conteve que não verberasse a indiferença da gente de sua cidade a respeito do amor. Mas a reunião fez-se e senhores e os sujeitos que se diziam sábios e as velhas deram opiniões abalizardíssimas.

Ao voltar porém a Ieddo o *samurai*, de espanto seus olhos pareciam não ver o que viam. Todas as *mousmés*, as mulheres novas, estavam nos braços dos zagais e

72. Hermes da Fonseca, presidente do Brasil (1910-1914).

73. João Cardoso de Meneses e Sousa, barão de Paranapiacaba (1827-1915), foi poeta, jornalista, advogado, tradutor, professor e político brasileiro.

74. O marechal Firmino Pires Ferreira (1848-1930) destacou-se na Guerra do Paraguai e foi senador por quase toda a Primeira República.

75. Provável referência à escritora aristocrata japonesa Murasaki Shikibu (ca. 978—ca. 1014 ou 1025), que escreveu o extenso romance *Genji Monogatari* (1007).

campônios, dos operários e artesãos... Então o *samurai* compreendeu quanto eram inúteis leis de amor.

Porque o amor é a borboleta azul que passa sugando o perfume pelo prado em flor, a borboleta de que os sábios não sentem a poesia, que os senhores não sabem ver, que as velhas odeiam e que só os simples gozam porque não pensam, sentem.

Não serei eu como o velho *samurai*? Loucos que somos em falar de amor quando o amor é a própria vida! E para dizer o quê? Para dar-lhe defeitos, para analisar o pobrezinho que sorri e é tão mau e que afinal nos traz desde o paraíso numa intermitência de infernos e de paraísos através dos tempos, uns secos como folhas secas, outros sangrando, outros rindo, mas todos, todos vítimas suas, vítimas do Amor que a sociedade amarrou para perverter.

Tenhamos diante de nós o exemplo do *samurai*. Nada de pretensões. Os meninos e as meninas hão de andar a namorar – a precocidade. Os homens hão de estar pelas portas a ver passar senhoras: o coioismo. Para que analisar o amor? Basta sonhá-lo.

A esta hora talvez se desenrolem tragédias de sangue e morte: o ciúme.

Pâle voyageur, connais-tu l'amour?

Comme toutes choses, en revant un jour!...

Minhas senhoras, que tolíce a minha! Não seria tão melhor não falar do Amor? Começa a gente rindo e acaba triste, querendo ser alegre. Porque o Amor é dos males sem cura...

O figurino

Não sei se algum dos senhores conhece os versos de Cesário Verde⁷⁶ intitulados: *O sentimento de um ocidental*. Esse sentimento desenrola-se à luz do gás, durante um passeio a pé.

Batem os carros d'aluguer ao fundo
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países,
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Mas continua a andar, e cai no centro da moda:

Cercam-me as lojas tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos:
E lembram-me ao chorar doente dos pianos

76. José Joaquim Cesário Verde (1855-1886), poeta português.

As freiras que os jejuns mataram de histerismo.
Num cutileiro, de avental, ao torno
Um forjador maneja um malho rubramente:
E de uma padaria, exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem:
Casas de confecções e modas resplandecem,
Pelas vitrines olha um rotoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos revérberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que, espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética; entre luxo
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha de bandós! Por vezes
A sua traine imita um leque antigo, aberto
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros,
Plantas ornamentais secam nos mostradores:
Flocos de pós de arroz pairam sufocadores
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros...

Ora, precisamente, em Paris, num dos meses últimos do último inverno, saindo ao entardecer de visitar

Doucet,⁷⁷ eu, que aliás não medito livros com pretensões a exacerbar, parei um tanto assustado com o que se passava em mim. Via o que o poeta canta elevado à milionésima potência, e sentia-me como aquele rapaz do conto de Wells,⁷⁸ que por circunstâncias especiais é feito crítico dramático, sem nunca antes ter visto representar. Nos primeiros dias Egbert diz coisas contrárias e certas – por ignorância. Depois, insensivelmente, tais são os protestos, começa a repetir o que os outros dizem. Tempos passados é um cabotino insuportável sabendo que o é e não podendo mais ser o seu próprio eu. Fora mais ou menos Cesário Verde.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados.

Mas, insensivelmente acabava Egbert naquele trecho da rua da Paz.⁷⁹ Era curioso e era uma pena. Segurando a bengala com o cartão para baixo, o *tub* no alto da cabeça, a luva, o gesto exatamente como qualquer outra pessoa em evidência desde o rei da Inglaterra ao menino Brulé⁸⁰ do Athenée, eu caminhava como o gordalhudo príncipe Orloff, crispava o beijo num sorriso de desprezo americano, e ia por ali: *como toda gente chic*,

77. Jacques Doucet (1853-1929), estilista francês, fundou uma das primeiras casas de alta costura de Paris.

78. Provável referência ao personagem Egbert Craddock Cummin de *The obliterated man*, conto do escritor inglês H. G. Wells (1866-1946).

79. *Rue de La Paix*, um grande centro de produção e comércio da alta costura de Paris.

80. André Brulé (1879-1953), ator francês.

espécie de cooperativa de atitudes alheias, atacado da grande e fundamental doença: a fúria imitativa, a maçaquice universal.

Saía do Doucet para ir tomar chá no Ritz, na praça Vendôme, cuja coluna se destacava ao fundo, na semipenumbra. E ao passar pelos vidros das montras, espiando-me (porque eu me espiava a ver se ia bem, se estava correto), senti-me tão idiota (não foi a primeira vez nem será a última) que de repente parei, reagi.

– Por N. Senhor Napoleão! Pela coluna Vendôme! Retoma, menino, o teu próprio eu!

E ainda com esforço olhei a rua da Moda, a grande artéria da Elegância. Naquele pedaço urbano entre duas praças, a loucura, na sua forma mais violenta e mais geral, poisara a tenda do supérfluo, a tentação da terra, a irradiação incomensurável do esnobismo e da perdição. Se um ente normal – ainda os haverá sob a influência antiqüíssima da lua? – ao sair da banalidade monstro dos bulevares, ao descer da riba esquerda, por ela passar, talvez nada distinga. Entretanto, os que estão ali são os habitantes do país do Gosto, são os vesânicos das elegâncias caras que fizeram daquele pedacito da cidade a sua capital; entretanto, a Moda, a curiosa e deliciosa fada que em si reúne todas as fadas das lendas desde Titania⁸¹ a Viviana, ali encerra o eterno insatisfeito e inaudito ideal, talvez rápido, mas sedutor, inebriante, irresistível.

Eu sentia nas *limusines* paradas à porta dos

81. Titania, a rainha das fadas da peça *Sonho de uma noite de verão* (ca. 1590), de William Shakespeare.

costureiros o ritual dos andores; percebia naqueles prédios de fachada de pedra os palácios dos Soberanos da Moda, dos homens que reduzem a espécie humana à sua vontade; via as montras dos ourives, dos que expõem, Clerc quase no bulevar e meio brutal, Carter, Bernhenn, Lamarcher, Polack, Melerio, dit Melier, Fontana,⁸² quantos! como se visse as tendas dos *ex-votos* num sonho fabuloso, e via passar a turba rápida: franceses e turcos ricos, ingleses e exploradores romaicos, gente do Levante e gente da Índia, armênios, brasileiros, argentinos, espanhóis, russos – como numa catedral de um comprimento imenso a turba dos fiéis. Quando uma porta abria e dela surgia para o automóvel uma criatura envolta em zibelinas de 100 mil francos, com um chapéu que *chez* Lewi custaria talvez cinco bilhetes de mil, uma criatura representando discretamente a grossa soma, e linda, e fina, e frágil, ânfora esgargalada do Desejo sutil, todas as misérias humanas no meu cérebro fundiam-se na admiração de ver, no desejo de ler aquilo, na ânsia de concorrer também para a *féerie*⁸³ dos milhões da futilidade.

Então, recuperando o meu ser naquele ambiente de artificialismo, no reino do *chiffon* e das Pedrarias – de súbito uma ideia, um princípio filosófico, uma lei de psicologia social, uma dessas observações que classam épocas, escolheu o meu cérebro ainda conturbado e lá se formulou.

82. Joalheiros e joalherias famosas em Paris, entre elas a casa Mellerio dits Meller, criada em 1613 e ainda em funcionamento.

83. O espetáculo.

— Tudo no mundo é cada vez mais figurino. O figurino é a obsessão contemporânea. Se os antigos falavam de quatro idades, sendo que na última, na de ferro, fugiu da terra para o azul a verdade, nesta agora o figurino impera. Estamos na era da exasperante ilusão, do artificialismo, do papel pintado, das casas pintadas, das almas pintadas. E esta era será até ao fim do mundo...

Talvez, antes de mim, já alguém tivesse sentido a verdade da observação. Naquele momento, entretanto, julguei-me o predileto do acaso. O acaso, segundo Royer-Collard,⁸⁴ é o ministro da Providência. A Providência enviara-me pelo acaso, o prazer de fundamentar uma lei grave.

Certo quando se tem em mãos um jornal de modas, vendo os últimos modelos de chapéus e os desenhos das derradeiras criações de vestidos, não há quem acredite nessas figuras com poder para obsedar o próximo. Nem eu próprio. Ninguém. Mas os figurinos, as estampas que mostram as metamorfoses da moda são apenas a simples prova de impressão, a notação ideoforme de um dos sintomas da moléstia: a contínua, rápida e incessante transformação de toaletes — porque em nenhuma outra época cortes e feitios envelhecem tão depressa e tão depressa são substituídos como agora.

O figurino é obsessão como ponto de comparação moral, que ataca os indivíduos, as classes, as populações. A sociedade moderna meteu-se numa roda que gira sem cessar e cujos raios são o como, o tão, o melhor, o pior, o igual. Não se deseja mais a eternidade

84. Pierre Paul Royer-Collard (1763-1845), político e filósofo francês.

nem nela se acredita, como na Grécia, como no próprio catolicismo. Também não se acredita na beleza pura, na beleza eterna. Deseja-se superar, ser o figurino, mostrar qualquer coisa diferente dos mais ou igual aos melhores nem que seja por alguns segundos. Só se acredita no bonito, no *chic* e no distinto. E como a posição, o dinheiro, o nascimento, a sorte enfim, colocam certas e determinadas pessoas, como certos pais no momento psicológico, de ser o figurino, o ponto máximo – a maior parte irresistivelmente imita o figurino, os mais inteligentes, com uma certa raiva de ainda não serem imitados, os outros, o mundo, sem perceber. É a imitação consecutiva e permanente, a macaquice desesperada, mas como que regularizada no próprio desespero, que faz a moda, a transformação uniforme das populações no uso dos chapéus, no corte dos vestidos, é a mesma imitação que faz nos quartéis a mudança de fardamento, cria opiniões e tendências, põe em foco certos tipos, inventa certas maneiras de estar e de pensar, é a mesma lei que rege o esnobismo e guia de fato a terra – é a lei do figurinismo.

Assim, o figurino existe em tudo – em arte, em política, em esporte, em religião, nos usos, nos costumes, como nas toaletes. Há cortes de política que caem no goto tanto quanto a falecida risca da calça; há criações religiosas de um efeito tão decisivo como as saias *fourreau*.

Vem um Puvis de Chavannes⁸⁵ e usa em pintura a

85. Pierre Cecile Puvis de Chavannes (1824-1898), pintor francês impressionista, notabilizou-se por pintar painéis em grandes dimensões.

simplicidade emotiva. Uma porção de gente logo começa a imitá-lo, e temos um figurino de estética. Dá-se a guerra russo-japonesa.⁸⁶ O Japão vence. O Japão passa logo a exemplo, a figurino em tudo e mais alguma coisa. — “Aí tem o exemplo do Japão!”, dizem os políticos, e é Japão a todo propósito e mesmo sem propósito algum. Um belo dia aparece um sujeito jogando o diabolô. — “É o último esporte, proclamam os jornais, para crianças do tom.” E aí temos o diabolô figurino de jogos infantis durante a estação. O catolicismo jamais acabará enquanto os esnobes dos dois mundos não tiverem uma pessoa de importância, uma pessoa *chic* capaz de lançar outra moda religiosa, que faça condes, tenha missas e talvez mesmo Deus.

As grandes cousas explicam-se pelos pequenos motivos. O mundo moveu-se à vontade de Napoleão. As correntes das modas são indicadas pelo tipo do figurino, o ser que gosta de ser falado, ligado às organizações comerciais. As guerras fazem-se assim. Tudo assim na terra se faz. A humanidade poderá parecer insignificante para muitos, vista de tal modo. Eu considero-a deliciosamente organizada porque todos os seus grandes surtos de inteligência, todas as suas conquistas de energia, surgem, vicejam, esplendem através dessa camada de inveja, pretensão, rivalidade, despeito que cria o Figurino — símbolo da excessiva vibração dos nossos nervos, da nossa alma inquieta, da nossa futilidade.

Se o figurino é, sempre a renovar-se, uma espécie

86. Conflito pela posse da Coreia e Manchúria, de 1904 a 1905.

de molde comparativo, em todas as profissões, em todas as coisas há figurinos? Há. O que são os princípios em política, em economia, em estética? Que são as teorias médicas, que de tempo em tempo desaparecem depois de mandar tanta gente bater a essa horrenda e grande porta, a única porta que se abre amavelmente para receber cadáveres, a porta do cemitério? O livre cambismo em economia é ou não um figurino renovado como o penteado à grega? O romantismo foi ou não um figurino de Victor Hugo do que se tiraram moldes para todos os corpos? E assim, por exemplo, a teoria do analfabetismo triunfante não é positivamente uma moda social lançada pelo imprevisto figurino político?

Evidentemente, só as modas fáceis pegam: o chapéu-panamá, o romance naturalista, os vestidos *sans dessous*,⁸⁷ o analfabetismo – (nada mais fácil do que não saber ler e usar um chapéu-panamá). Mas os figurinos existem, os figurinos multiplicam-se. No gênero do *Chic Parisien* podiam-se fazer cinquenta ou sessenta publicações mensais de figurinos de ideias, sentimentos, princípios, opiniões. Todos teriam e têm admiradores capazes de talharem-se por eles, dizendo:

– Está bem? É o figurino de Cicrano!

E como neste artificialismo de democracia naba-besca desenfreadamente gastando, os instintos são sempre os dos carneiros que se sentavam no trono de Luís XVIII⁸⁸ – quando o figurino aparece que não

87. Sem forro.

88. Luís XVIII, rei da França (1814-1815, 1815-1824).

se pode copiar, esse figurino tem a admiração feita de ódio humilhado e perece tragicamente como Luís da Baviera,⁸⁹ figurino de rei esteta, como Oscar Wilde,⁹⁰ figurino do paradoxo – porque são figurinos exemplares únicos, inimitáveis.

Mas, meus senhores, é sabido que a nossa interessante herança do antropeide, a imitação, não pode nas grandes massas ter um caso superior por modelo. O grande homem que dá na vista, a grande dama que chama a atenção ficam lá em cima. É possível querer ser a rainha Alexandra, o jovem rei de Espanha, Santos Dumont, Blériot, Pasteur, Rostand, M^{me} Du Ghast, a duquesa da Uzès ou M^{me} de Noailles, ou Eduardo VII.⁹¹ Mas para imitá-los ninguém vai escrever os versos de hamadriade sensualizada de M^{me} de Noailles, nem o *Cyrano*, nem arranjar monoplanos, nem atravessar a Mancha, nem tornar a nascer para ser rei, soberano, majestade.

89. Luís II, rei da Baviera (1864-1886), conhecido por sua excentricidade.

90. Escritor e dramaturgo irlandês (1854-1900).

91. Afonso XIII, filho póstumo de Afonso XII, da Espanha, foi declarado rei ao nascer; o inventor Alberto Santos Dumont (1873-1932); o aviador Louis Blériot (1872-1936); o cientista Louis Pasteur (1822-1895); Edmond Rostand, autor de *Cyrano de Bergerac*; a feminista Camille du Gast (1868-1942), que praticava atividades não usuais para mulheres, como balonismo e paraquedismo, e foi a primeira mulher a competir em torneios automotivos; sua amiga Marie Anne de Rochechouart de Mortemart, duquesa de Uzès (1847-1933), a primeira mulher a tirar carteira de habilitação na França; Anna Elizabeth de Brancovan, condessa de Noailles (1876-1933), primeira poeta francesa a receber condecorações da Académie Française; Eduardo VII, rei do Reino Unido (1901-1910), e sua esposa Alexandra (1844-1925).

Os figurinos de correntes gerais são adotados, sem que a massa se aperceba. O homem é essencialmente fútil. O que primeiro o fere e para sempre se fixa como impressão é o exterior. Ele vai pelo exterior. Copia os gestos, as atitudes, as frases e as roupas – o que lhe dá logo na vista.

A rainha de Inglaterra cumprimenta com o braço levantado porque tem um tumor na axila. Logo toda gente começa a cumprimentar assim. O duque de Chesterfield põe o polegar na cava do colete. Logo as elegâncias masculinas se permitem essa inconveniência. Há gestos que ficam princípios, de tanto serem copiados. Na nossa vida oratória, por exemplo, Joaquim Nabuco arranhou um gesto superior de falar com a mão esquerda no bolso da calça. É uma tradição hoje diplomática. Todos têm o gesto Nabuco. E assim o chapéu enterrado na cabeça e assim vários outros feitiços de atitudes e mesmo de tendências. É a cópia, é a macaqueice do esnobe.

Ora, precisamente, não há nada que dê mais na vista do que a roupa: um vestido de senhora, um chapéu, um fraque de talhe diverso. Daí, para quem quiser estudar a evolução da nossa superioridade, a observação de como através dos séculos o vestuário se torna cada vez mais a preocupação principal da humanidade, o estudo dessas cousas. Nunca folhearam por acaso um livro de gravuras que trate do vestuário através dos tempos? Mas aí há elementos para se compreender a crescente importância da *toalete* na Grécia, em Roma, em Bizâncio, na Idade Média. A pouco e pouco o vestuário vai deixando de ser a coberta da nudez para

ser um caso gravíssimo, um dos casos mais sérios da vida. A pouco e pouco o Figurino cronometra épocas, é atestado, é documento, é testemunha. E começam a surgir as figuras da elegância, os precursores dos dândis e dos leões: Alcibíades,⁹² Petrônio.⁹³ Basta ver a diferença que existe entre a Atenas anterior a Péricles⁹⁴ e a Alexandria de Ptolomeu Soter;⁹⁵ basta comparar a mesma Alexandria com a maravilha d'ouro da Cidade de Constantino;⁹⁶ basta lembrar o traje das mulheres de Salomão⁹⁷ e o quanto só num vestido gastava a Dubarry⁹⁸ amante de um rei, e assim até nós em escala ascendente, para sentir que já não se ama a beleza nua, ou a ideia nua. Mais – que já assim é impossível compreendê-las. A importância das roupas é tal que o ser humano, seja homem ou seja mulher, é hoje compreendido como um composto de carne, osso, pano, com olhos, monóculo, cabelos, chapéus, mãos, luvas, anéis, pés, meias, botas – segundo a moda.

No século passado, de modo tão extraordinário os nossos nervos se afinaram, fez-se a nossa futilidade de

92. General e político ateniense (séc. V a.C.).

93. Escritor romano (séc. I), autor do romance *Satyricon*.

94. Chefe civil e militar de Atenas (séc. V a.C.), onde estabeleceu, pela primeira vez na história, a democracia.

95. Fundou, em Alexandria, a dinastia ptolomaica (séc. IV a.C.–III a.C.), marcada pelo florescimento cultural.

96. Constantino I (séc. III–IV), imperador romano, refundou a cidade de Bizâncio, batizada de Constantinopla após a sua morte.

97. Terceiro rei de Israel, possuía um harém com mais de 700 mulheres.

98. Jeanne Bécu, madame du Barry (1743-1793), foi amante de Luís XV.

tal forma séria, que o traje tomou definitivamente a atenção.

É do século XIX a criação oficial do dândi, tipo de figurino de homem; é do século XIX a criação da musa, tipo de figurino feminino. A observação acentuou-se na forma definitiva, que resume e condensa as outras. Todos os ideais partem da roupa, tudo vem e vai da toaleta. Michelet diz solenemente:

– Eu daria três escultores clássicos por uma modista que sente, interpreta e retifica a Natureza!

Taine, Hippolyte Taine,⁹⁹ que no *Graindorge* aconselhava a gente a tapar a cara e a espalhar o pensamento, Taine assegura com a sua alta autoridade:

– O aparecimento da calça foi uma das maiores transformações da história!

É a síntese do mundo no Figurino, definitivamente ligando o homem aos panos e só lhe compreendendo a alma pelo casaco. Não se perguntou mais: É honrado? É digno? Pergunta-se: Está bem-posto? Não se repara nos atos, repara-se nas toaletes e nas joias.

Há quem queira explicar com motivos extravagantes a excessiva falta de escrúpulos da sociedade moderna, a facilidade que os destruidores da ordem social encontram atualmente. Ora, de fato só há um motivo original: a preocupação do fato, a doença da exteriori-

99. Historiador francês (1828-1893), autor de *Notes sur Paris. Vie et opinions de M. Frédéric-Thomas Graindorge*.

dade, o Figurino, que é a consolidação da *vanitas vanitatum*¹⁰⁰ bíblica. As mulheres aumentam de valor, à proporção que vestem com mais elegância e luxo. As milionárias americanas não teriam um adorador, se andassem como carvoeiras. Um homem na moda inspira confiança até a sua própria pessoa, mesmo quando não passa de um refinado malandro. A frase daquele pai de família com fome que pede emprestado o fato de um cavalheiro – “só para ir pedir um emprego” – é característica. A humanidade inteira faz questão da roupa em primeiro lugar.

O figurino do homem surgiu na Inglaterra com George Brummell.¹⁰¹ Era neto de um confeitiro. Ao rei de Inglaterra que por ele teve uma espécie de fascinação fez as maiores impertinências. Deixou, apesar da sua limitada cultura e da sua curta inteligência, o figurino clássico do dândi: fleugma, desprezo absoluto por tudo e por todos, além da sua própria pessoa, insolência, a teoria nova da elegância masculina. Foi o primeiro professor de uma matéria para a qual Paris ainda não achara o nome: *chic*. Levava três horas diante do espelho a arranjar um laço de gravata impecável. A seu respeito há uma verdadeira biblioteca, e todos os autores são concordes em afirmar ter ele o que Byron denominou:

– Uma certa conveniência esquisita em matéria de vestir.

100. Vaidade das vaidades.

101. George Bryan “Beau” Brummell (1778-1840), considerado em seu tempo um ícone da elegância.

O seu princípio era:

– Um homem bem vestido não deve ser notado.

O seu traje de *soirée* era invariavelmente: casaca azul com botões unidos, colete branco, calças negras, abotoando embaixo sobre as meias de seda de riscas, a gravata sem uma ruga, um claque. Jacques Boulanger, um dos seus últimos biógrafos, diz que ele se impunha como figurino exatamente por isso. Se fosse espalhafatoso e excessivo, troçá-lo-iam. Como, porém, parecia dirigir-se aos conhecedores, neste mundo esnobe todos queriam ser entendidos e obedeciam-lhe os ditames servilmente. Os fornecedores se diziam seus como das majestades. E, como excesso, ele saía de cadeirinha forrada de cetim branco com os pés pousados numa pele branca. A sua vaidade era tão inaudita que as suas pilhérias viravam insolências.

Com o rei Georges IV¹⁰² a jantar um dia, chegou ao arrojo de dizer:

– Beng, chama o criado.

O rei tocou a campainha obedientemente, e quando o criado chegou:

– Faça avançar a carruagem do senhor Brummell.

No clube, indagaram-lhe um dia:

– Brummell, onde jantaste hoje?

102. Rei da Inglaterra (1820 a 1830), conviveu intensamente com o dândi George Brummell.

— Na casa de um sujeito chamado R. Parece com desejos de que lhe dê atenção. Por isso ofereceu o jantar. Convidei Albaney, Pierrepont e alguns outros. O jantar esteve excelente. Mas, meu caro, imagine o meu espanto quando vi que R. tinha o descaro de sentar-se à mesa e jantar conosco?

Era o Figurino no seu fastígio. Todos os biógrafos de Brummell contam-lhe a história, as suas anedotas, mas esquecem as consequências, as grandes consequências morais deixadas pelo Grande Figurino.

Sabem o que foi Brummell no mundo? O golpe decisivo da subdivisão dos sexos no traje.

Inconscientemente, involuntariamente, de acordo. Mas definitivo. Esse pobre homem, que morreu miserável, quase mendigo, atacado de paralisia geral, deu-nos as tábuas da elegância máscula, elegância feita de linhas perpendiculares, de negruras, tão pouco modificável que é a variação infinitamente pequena do invariável. O homem usava sedas, veludos, plumas, fitas, rendas, joias, tudo quanto usam as mulheres. A nova lei separou no traje os sexos.

Um fidalgo, por exemplo, da nossa Minas de Vila Rica traria cabeleira empoada presa por uma fita de gorgorão, o chapéu de três pancadas, camisas de rendas com colarinho baixo, gravata bordada, colete de cetim, bordado com lantejoulas e comprido com abotoaduras de pedras, casaca de veludo, com portinholas e canhões dobrados, calção de seda largo apertado por fivelas d'ouro sobre a meia de seda pérola, sapatos pretos pontiagudos com fivelas de cravação de pedras, bastão

grosso de castão e ponta d'oiro, relógio em cadeia de coralina.

Se esse homem surgisse e visse os nossos elegantes? Se Buckingham,¹⁰³ que propositalmente espalhava diamantes do gibão a valsar, visse o *chic* de Eduardo?¹⁰⁴ Teriam a sensação de um outro mundo.

Só resta uma fantasia ao traje do homem após Brummell: o colete. É a última voluptuosidade feminina do traje exterior. E essa mesma amarga às vezes. O coronel Ambrosino Herédia¹⁰⁵ foi entre nós vítima dessa luxúria.

Mas, talvez exatamente por isso, deu-se a mais forte crise de figurinismo de que há memória. Os homens incitaram as mulheres ao luxo e entraram em detalhes mínimos do seu próprio traje verdadeiramente obsecados. E o tipo do figurino centraliza uma ronda que copia e é ao mesmo tempo copiada. Nós não estamos apenas à espera de copiar o figurino que mais nos seduz: somos também figurinos para pessoas inferiores a nós e por sua vez talvez essas também o sejam para outras. Afonso Celso¹⁰⁶ conta, no seu romance *O invejado*, o caso de um pobre homem em nada diferente dos outros e que entretanto é invejado de criança à morte

103. Referência provável a um dos membros do ducado de Buckingham, criado no século XV.

104. Rei do Reino Unido Eduardo VII.

105. Artur Ambrosino Herédia de Sá, deputado federal pelo Distrito Federal (1897-1905), portava sempre um impecável colete branco.

106. Afonso Celso de Assis Figueiredo (1860-1938), autor também de *Porque me ufano do meu país* (1900), considerado o primeiro *best-seller* nacional.

por um companheiro de todos os dias. Na imitação do figurino não há bem inveja, há o querer ser igual com a ideia de que isso depende de pouco. Na fraqueza humana do querer ser igual é que se firmam os fabricantes.

– Oh! que bonito! Onde compraste? Fica-te bem!

– Ah! se eu pudesse ter um chapéu do tamanho do da Margarida!

As senhoras do tom acreditam que as guerras de costureiros só se dão no seu mundo. Os homens elegantes estão convencidos de que só a sua rodinha segue o figurino e interessa-se pelos objetos. Mas o que sentem eles sentem todas as mulheres e todos os homens. É preciso ir descendo na escala da falta de dinheiro, que é neste país, como em outros, a escala social, para ver que na classe média, e nos fornecedores da fama nos armarinhos de segunda ordem, a propósito de uma *cassa* há as mesmas lutas, a mesma preocupação que entre damas ricas. Não só na média. Nas estalagens, entre essas meninas tão ridículas para nós outros nos seus trajes pobres e sem gosto há como nos grandes salões *fashinoble*, *professional beauties*, dândis – figurinos afinal, pontos de comparação. O sentimento, a ideia é a mesma. Apenas o figurino da *haute gomme*¹⁰⁷ é um e o figurino da ralé é outro. Tanto se julga satisfeito com uma casaca do Davis ou do Cook, o colete em V e os sapatos rasos um jovem do escol, como de calça bombacha, casaco curto, tacão reiuno, lenço azul ao pescoço e chapéu no alto para não comprometer o tope-

107. Alta sociedade.

te, um malandro qualquer. Tanto triunfa com uma deliciosa robe de *liberty* rosa, encrustada de rosas d'oiro, com o seu colar de pérolas rosa, M^{me} de S. como, com os mesmos conquistadores, as mesmas amigas invejosas, apenas de vestido de *voile* de um mau gosto crispante, a Mariquinhas do seu Antonio. Psicologicamente, para o estudo do fenômeno, do figurinismo, elas são as mesmas. Há talvez para os exigentes ainda uma diferença: nesses lugares caluniosamente chamados de maus, ainda não existe o cronista. E o que sobra, em Figueiredo Pimentel,¹⁰⁸ cronista de elegâncias, a M^{me} S. falha por completo a Mariquinhas.

Em qualquer meio onde se entre, há sempre o ser de destaque pela graça, pela beleza, que os outros imitam. Encontrei em Paris vários apaches que eram *Le Beau*, tal qual como Brummell se apelidava; encontra-se aqui uma porção de *caras lindas, de bonitinhos* e outros que têm a sua corte de admiradoras também.

Mas como não ser assim? O sentimento de admiração do figurino é tão intenso, que muita gente que só por vestir exatamente como o seu modelo, fica valendo mais.

Quantas pessoas há que arranjam o chapelão do sr. Raul Pederneiras e andam fingindo de Raul pelas ruas? Tenho encontrado alguns. São todos caricaturistas maus e às vezes discípulos da vítima. Conhecem decerto outro caricaturista, o sr. Calixto,¹⁰⁹ tão co-

108. Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), cronista e romancista, mantinha, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, a seção "Binóculo", que ditava regras de comportamento e figurino. Nessa coluna, criou a expressão "O Rio civiliza-se!" para se referir às reformas urbanas realizadas pelo prefeito Pereira Passos.

109. Raul Paranhos Pederneiras (1874-1953) e Calixto Cordeiro

nhecido pelos desenhos como pelo figurino que representa: calça presa sob o sapato, caveiras nos punhos, nos peitos, gravatões, *badine*, sapatos com fivelas. É complicado. Pois este que lhes está falando já pegou em plena rua um Calixto de mentira tomando-o pelo verdadeiro tão inverossimilmente parecido era.

É o delírio do Figurino? É. Devem ter notado que, quando um homem surge à tona, logo aparecem tipos com ele muito parecidos. É possível explicar o fato dizendo que antes não seria possível reparar em tal. Mas não é só parecer usar o mesmo corte de roupa, a mesma cor das gravatas, o mesmo modo de pentear...

Paul Acker,¹¹⁰ num artigo sobre o príncipe de Sagan,¹¹¹ um dos últimos dândis da França, augura que é impossível na vida contemporânea o dandismo, porque os homens vestem todos da mesma maneira e há uma preocupação geral de asseio e moda, acompanhada pelos grandes armazéns. J. Ernest Charles¹¹² explica que o dandismo degenerou em esnobismo.

[K.Lixto ou K-lixto] (1877-1957), dois dos maiores caricaturistas e ilustradores cariocas de seu tempo.

110. Romancista e jornalista francês (1874-1915).

111. Charles Guillaume Frédéric Boson de Talleyrand-Périgord (1832-1910), oficial da cavalaria francesa, considerado um dos grandes dândis de seu tempo.

112. Pseudônimo de Paul Renaison (1875-1925), crítico literário e jornalista francês.

*...Convenez que si tous ces dandys sont frères, on ne s'en aperçoit pas au premier regard. Toutefois, il y a dans leur existence une certaine tension qui les distingue du commun des hommes. Cette tension permanente n'est plus possible à nos contemporains agités. Le dandysme s'est donc disséminé; il est devenu le snobisme, qui n'est que le dandysme impersonnel des foules ou si vous préférez, des élites. On prend une attitude pendant l'espace d'une saison; on s'enthousiasme pour des idées que l'on croit rares, on les propage immédiatement par l'admiration sans bornes que l'on exprime pour elles; et on les fait tomber ainsi dans le vulgaire. On va d'un engouement à l'autre... On a toujours la même ardeur à se singulariser; mais tout le monde l'a en même temps et de la même manière. On passe d'autant plus vite d'un snobisme à un autre. Le snobisme n'a plus ni individualité ni durée. Il ne permet que pour très peu de temps le règne de qui que ce soit.*¹¹³

113. “Vamos admitir que, se todos esses dândis são irmãos, isso não se percebe à primeira vista. Todavia, existe em seu modo de vida certa tensão que os diferencia das pessoas comuns. Essa tensão permanente não é mais possível aos nossos agitados contemporâneos. O dandismo, portanto, se espalhou. Transformou-se em esnobismo, que, na verdade, é o dandismo impessoal das massas ou, se preferir, das elites. Tomamos uma atitude no espaço de uma estação; ficamos entusiasmados por ideias que acreditamos ser raras e as propagamos imediatamente pela admiração sem limites que sentimos por elas. Agindo dessa forma, nós as vulgarizamos. Saltamos de paixão em paixão. Temos sempre a mesma ânsia de nos singularizarmos. Mas todo mundo sente essa ânsia ao mesmo tempo e da mesma maneira. Passa-se ainda mais rapidamente de um esnobismo a outro. O esnobismo não tem mais individualidade nem duração. Ele apenas permite, por muito pouco tempo, o reinado do que quer que seja.”

E alargando esse princípio é que se poderá compreender a extensão da moléstia moral do século: Figurino.

Não há dúvida que a preocupação do Figurino vem dos inteligentes, dos intelectuais. E nisso os homens são muito inferiores às mulheres, porque são eles, como se costuma dizer com as conspirações, os principais autores do movimento. As mulheres não têm espírito de classe. Se tivessem, os homens já teriam sido vencidos pelo feminismo. O homem, ao contrário, tem na alma, pelo menos, uma quarta parte de carneiro. Antes de criar uma individualidade própria, a sua primeira tentação é um figurino de classe. Vemos os pirralhos a dizer que querem ser alferes ou oficiais de Marinha. Não sabem o que isso é. A questão é o figurino. Nos que decidem entrar para o Colégio Militar ou para o ex-Ginásio não sabem senão que a farda de um é mais bonita que a de outro. Adolescentes, já rapazes, o orgulho da farda, do fato especial da classe, torna-os arrogantes. Nas universidades, por exemplo. Não se imagina a insolência com que os meninos de Coimbra andam pela garota Lisboa, em cabelo e de capa negra ao vento. Como os senhores sabem, para esse período da mocidade há também o figurino tipo do artista sem vintém, confeccionado em Montmartre: cabeleiras, chapelões, barba em ponta, calças largas, jaqueta.

Os meninos universitários andam como a dizer:

– Arreda, que eu sou doutor de Coimbra!

Os *rapins* movem-se decretando:

– Afastem-se, que aí vai um artista!

Passada essa primeira fase, vem ao homem inteligente, em geral, com a independência e o dinheiro, o desejo de fazer o seu tipo, ou conforme a sociedade em que entrou, ou original seu, inédito.

Se Buffon¹¹⁴ escrevia com punhos de renda, Carlyle¹¹⁵ levou, num livro inteiro, a fazer reflexões difusas sobre o vestir; e nós vemos, principalmente entre os escritores, os condutores das multidões, a obsessão.

Não há escritor que não queira ser elegante, elegante e figurino. As exceções fazem a regra. Em Paris, quando se lhes nota a falha de não guiarem a moda masculina, apontam sempre os escritores, os artistas *arrivées* como exemplo. Veja V. M. Paul Bourget, veja o notável Barrés. E o Abel Hermant.¹¹⁶ Cada um tem inconfundível o seu estilo, o seu figurino.

Mas neste período, de Brummell, até nós, acontece o mesmo em todos os países. Byron era um dândi; Musset¹¹⁷ pertencia ao grupo do Café de Paris, o grupo dos leões. Eugène Sue¹¹⁸ era modelo de elegância, apesar de ser socialista; Barbey d'Aurevilly,¹¹⁹ o célebre

114. Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), naturalista francês, levou 40 anos para publicar os 44 volumes de sua *Histoire naturelle*.

115. Thomas Carlyle (1795-1881), escritor e historiador escocês. João do Rio se refere, provavelmente, à obra *Sartorresartus: the life and opinions of Herr Teufelsdröckh*, de 1836.

116. Romancista e dramaturgo francês (1862-1950), crítico das maneiras da *belle époque* francesa.

117. Alfred Louis Charles de Musset (1810-1857), poeta e romancista, um dos expoentes do Romantismo na França.

118. Escritor francês (1804-1857).

119. Jules Amédée Barbey d'Aurevilly (1808-1889), romancista francês.

Barbey das “Diaboliques”, levou a mania do dandismo ao extremo ridículo. Garrett¹²⁰ usava carmim, pó de arroz e espartilho. Quando chegou à velhice, pintou também os pelos. Não lhe bastava ter escrito as *Viagens na minha terra* e o *Frei Luiz de Souza*. Queria também ser figurino.

Há tempos, os que admiram o gênio de Balzac e leram as suas elegâncias um pouco gigantescas ficaram a saber que o autor da *Comédia humana* escrevera mesmo um volume em 1826 com este título interessante:

*L'Art de mettre la cravate de toutes les manières usitées, enseigné en seize leçons et précédé de l'histoire complète de la cravate, depuis son origine jusqu'à ce jour, ainsi que de considérations sur l'usage des cols, de la cravate et de l'emploi du foulard, par le baron de l'Empesé, ouvrage indispensable à nos fashionables, orné de trente-deux gravures explicatives, et du portrait ressemblant de l'auteur.*¹²¹

O gênio adivinhava a época que inventaria tempos depois...

E, contemporaneamente, se todos os artistas mostram

120. Almeida Garrett (1799-1854), escritor e dramaturgo português.

121. “A arte de colocar a gravata de todas as maneiras usuais, ensinada em dezesseis lições e precedida da história completa da gravata, desde sua origem até nossos dias, bem como considerações sobre o uso de golas, da gravata e o emprego do lenço de pescoço, pelo barão de Empesé, obra indispensável às pessoas elegantes, ilustrada com trinta e duas gravuras explicativas e com o retrato do autor.”

nas descrições preocupações de elegância e de moda, pessoalmente não são senão figurinos. Oscar Wilde, o gênio só comparável a Shakespeare, passou a vida criando Figurinos, espécie de Brummell mental. “O único ponto de contato entre o homem e a natureza, dizia ele, é a botoeira florida.” Deve-se ser uma obra de arte ou vestir uma obra de arte. E a conta do alfaiate era para ele a conta que mantinha o crédito. Como encontrasse todo dia um mendigo naturalmente malvestido, o Sacerdote do Artificialismo levou-o a um alfaiate de primeira ordem mandando fazer-lhe uma roupa de mendigo, isto é, de pano sujo velho, com remendos, mas admiravelmente bem-talhada:

– O homem tem o direito de andar com uma roupa velha, mas nunca com uma roupa mal cortada!

Francis de Croisset¹²² usa uns casacos tão cintados que vieram a chamá-lo sr. Trentesix de Corset. Ernest La Jeunesse¹²³ traz anéis em todos os dedos, e, como cadeia do relógio, um colar que pertenceu a Felipe II. Jean Lorpain¹²⁴ tinha o sombrero cinza como Gautier¹²⁵ o colete vermelho. Willy é conhecido pela sua cartola de aba reta e as suas escandalosas luvas brancas. D’Annunzio possui um guarda-roupa que

122. Pseudônimo de Franz Wiener (1877-1937), dramaturgo belga.

123. Ernest Léon La Jeunesse (1874-1917), escritor e crítico literário francês.

124. Pseudônimo de Paul Alexandre Martin Duval (1855-1906), escritor francês que teve grande influência sobre João do Rio.

125. Pierre Jules Théophile Gautier (1811-1872), escritor, jornalista e crítico literário francês.

nem o do imperador Guilherme. Só casacas há trinta e seis. O criado prepara-as à noite, com as botoeiras floridas de diversas maneiras. O autor do “Piacere” escolhe aquela, cuja botoeira mais lhe agrada. Bernstein, um fino judeu, é tão conhecido pelas suas peças como pelo seu tipo *smartset*.¹²⁶ Rostand, o rei dos cabotinos, arranjou definitivamente além da sua justa fama poética, o tipo físico de destaque: o figurino a imitar com o seu chapéu espanhol e a sua sagrada gravata a 1830.

Nós lemos as páginas desses homens e ficamos a imaginá-los criaturas tão diferentes! E são. Apenas o figurinismo cria-lhes um tipo exterior e esnobe. Cheguei a dar-me com um escritor que com muito reclame fazia êxito com o seu primeiro livro de troça feroz sobre aquela sociedade *vermoulue* do *grand train*¹²⁷ de Paris. Só lhe faltava um duelo para a sacração – duelo já se sabe com fotografos e sem gota de sangue. Por ele, soube, por exemplo, que o duque Montesquiou de Fézensac,¹²⁸ da mais pura nobreza de França e notável poeta, espartilhava-se e tinha os calções internos guardados de rendas de Mallines. Por ele, soube que Pierre Loti,¹²⁹ o Loti que as senhoras amam, as rainhas recebem, que é um fenómeno, organiza-se como um boneco de jornal de modas colorido.

126. Alta sociedade elegante.

127. De estilo de vida luxuoso, porém retrógrado.

128. Marie Joseph Robert Anatole de Montesquiou-Fézensac (1855-1921), poeta francês, inspirou personagens como o barão de Charlus de *Em busca do tempo perdido*, romance de Marcel Proust.

129. Nascido Louis Marie Julien Viaud (1850-1923), foi escritor e oficial da Marinha francesa.

Pois uma vez fui buscá-lo para jantar. E o homem apareceu-me de casaca, peitilho e a cabeça amarrada numa porção de panos.

– Que é isso? *Migraine?*¹³⁰

Qual! Estou assentando o cabelo com vaselina! É um cabelo rebelde. Não há meio de dar como se usa agora com a risca no meio. Preciso de uma hora de pressão...

Não tive a menor surpresa. Esperamos a pressão conversando de cousas elevadíssimas: Santos Dumont, os dirigíveis, o planeta Marte, os cometas. O autor de um livro de troça ao esnobismo sentia que não seria viável enquanto não fizesse a risca no meio!

Essa preocupação do Figurino, temo-la nós também em esferas elevadas. O barão do Rio Branco, quando alguém lhe é apresentado, apanha o sujeito num rápido olhar das botas ao chapéu.

Viu a poeira das primeiras, notou o corte do casaco, as mãos, a gravata, tudo. É a sua primeira avaliação de diplomata. E tem razão.

Estou que um laço de gravata basta para documentar o grão social de um cidadão; e diplomatas, segundo dizem os rebeldes, há muitos que só valem pelo fato. Já o poeta dipsômano Raul Braga,¹³¹ como um secretário de legação lhe pedisse para não lhe tocar na roupa, resumiu copiosas opiniões, exclamando:

130. Enxaqueca.

131. Poeta e jornalista cujo alcoolismo era notório, falecido em 1905.

– Mas por onde hei de te pegar, se não tens mais nada?

O Figurino porém, a mania do Figurino coordenada, é um incentivo para a educação social, a educação espontânea pela cópia. Um menino aprende a escrever cobrindo pauzinhos, isto é, aprendia porque hoje toca a máquina e brevemente nem isso será preciso. O homem que copia outros, em geral uma classe superior, quando é bem guiado, dá resultados excelentes. A educação é relativa. Mas um sujeito que nunca usou luvas, uma dama que nunca andou com os chapelões admiráveis de agora ficam mal a primeira vez. Assim imitam, copiam, cobrem os pauzinhos do *chic* e vão aos poucos limitando as expansões da natureza, porque o *chic* é o estrangulamento da espontaneidade. O homem enriqueceu, está em casa uma visita. Irá recebê-la como? Lembra-se de como o amigo o recebeu, calça as botas. À mesa ele olha o que os outros fazem, atento. Um jantar de gente fina é um curso de como se está à mesa, sem palitar-se, sem estender os braços, sem encher o prato, sem encher o copo, usando para um prato a faca e o garfo que é preciso deixar de certo jeito, noutros o garfo só, noutro a colher apenas. No primeiro dia é uma tortura – porque o natural é comer com a mão, só usando da faca. Depois vem o hábito. E um homem nesta fase, já devem ter reparado, à mais pequena falta, parece que cometeu um crime.

Não me esqueço de um jantar em certa casa distinta em que éramos apenas quatro: a esposa do senhor do

lar, o senhor do lar, homem inteligente com ideias avançadas e um desses *parvenus*¹³² ricos, um pobre homem que após os quarenta ia emprestar alguns dinheiros para poder entrar na sociedade. Logo que serviram a sopa, o homem desdobrou o guardanapo e meteu-lhe a ponta pelo colarinho adentro. Ficou de babadoiro. Naturalmente os outros não fizeram isso. À segunda colherada, vi-o roxo. Tossiu e tirou o guardanapo. Era a influência do Figurino. O resto do jantar, enquanto o meu amigo falava num negócio torrencial de quedas d'água em que os seus capitais deviam servir de enxugadoiro, o homem com prudência só começava quando os outros já se tinham servido – para fazer exatamente como a gente. Ao fim, porém, o meu amigo com a compota no prato eternizara a explicação das quedas. O homem pegou do garfo, pegou da faca e para fazer alguma coisa trinchou o pêssego.

– O sr. Almeida sem colher para comer o pêssego! exclamou a dona da casa, pensando numa falta do criado.

O sr. Almeida levou um tal susto que deixou cair o talher no prato, ficou cheio de calda, vermelho, a balbuciar perdões.

Dois anos depois encontrei-o distinto e sem rubores. Tinha aproveitado o Figurino como corretivo.

E o exemplo dos homens é principal porque não há como a mulher para adaptar-se ao luxo, ao bom, ao *chic*.

132. Emergentes, novos ricos.

Ruskin¹³³ chamava as mulheres seres perceptivos. E são. Uma semana de figurino fá-las figurinos elas próprias.

O Figurino tem mais o ser a grande ação da Moda. Os homens concentraram-se, restringiram-se e resolveram incitar o luxo das mulheres, a pompa da toalete, todos os seus sentimentos de arte, todos os seus recursos para fixar a lei que em toda a parte vive neles, num desdobramento estético.

Oh! É preciso ter estado na Cidade Luz para compreender a Moda e a criação de um Figurino. Há Londres, há Milão, há Viena, há mesmo a Alemanha inteira. Para essa obra delicada e formidável, porém, só Paris. Alguns meses antes da Grande Semana, o fim da Primavera, artistas notáveis desenham por quantias enormes os novos tecidos. Os fabricantes tiram chapas de proporções mínimas e mandam para os grandes costureiros. É a escolha. Os padrões não aceitos são atirados ao Sena, misteriosamente para que não os copiem. Chegam os tecidos novos, precedidos de modelos novos de todas as coisas desde as meias até as luvas. São os arautos do Vestido e do Chapéu, a grande obra de arte feminina. Os tecidos já estão prontos. É a invenção sobre a matéria-prima. E faz-se a renovação geral da Moda para a Mulher e para o Homem.

Para o homem, os alfaiates vêm de Londres e hospedam-se no Scribe ou no Meurice¹³⁴ para receber encomendas, quando não têm agências fixas em Paris.

133. John Ruskin (1819-1900), poeta, desenhista e crítico de arte britânico.

134. Tradicionais hotéis parisienses; no Meurice, os irmãos Lumière apresentaram ao público sua invenção, o cinema.

O cerimonial da moda é tão complicado ou mais que o de qualquer corte europeia. Para lançar o muito ousado vão os modelos, mulheres formosíssimas para os prados. Para lançar o que fica estão os artistas no palco, os grandes artistas, de ambos os sexos. Se em Marte não houve a serpente inventora da folha de parra para desenvolvê-la depois num delírio de futilidade e dinheiro, os homens de Marte ficariam incapazes de compreender a grande obra.

Tudo é regulado como num palco. Espera-se a deusa. Como se inventou o casaco saco? Porque o conde d'Orsay¹³⁵ atravessou um dia o Hyde Park¹³⁶ com o casaco de um barqueiro para abrigar-se da chuva. Por que a sobrecasaca com chapéu de coco era proibido e agora é moda? Porque Eduardo usou-a no Derby. Por que está a agradar o modelo *cloche*?¹³⁷ Porque Marthe Régner¹³⁸ usou-o. Assim o remodelamento é a um tempo.

Os homens ficam nos detalhes, em mudanças de corte e de padrão. Os figurinos são os mesmos: Eduardo VII, o duque de Morny,¹³⁹ o príncipe Orloff, e nos teatros o decadente Le Bargy¹⁴⁰ com a sua elegância a *quatre épingles*¹⁴¹ e Brulé, o dos coletes de transpasse com um botão só nas casacas. Os jornais falam nos ecos, alguns pagos, outros como de interesse geral.

135. Alfred Guillaume d'Orsay (1801-1852), dândi francês.

136. Parque real no centro de Londres.

137. Sino.

138. Marthe Régner (1880-1967), atriz francesa.

139. Charles Auguste Louis Joseph de Morny (1811-1865), político francês.

140. Charles Lebargy (1858 -1936), ator e produtor francês.

141. Impecável.

Os fornecedores são os mesmos. Os colarinhos devem ser cortados no Trammelet, as camisas e as gravatas no Charvay, no Doucet, as bengalas devem custar no Brigg o dobro do que custam em qualquer outra parte. Os alfaiates estão do outro lado da Mancha.

– Parece que não está bom, diz o rastaquera.

– Oh! M.! mas é exatamente como do príncipe de Sagan!

E quando o arrasta-coiros é muito abrilhantado:

– Tal como o de M. Le Bargy, *le grrrand comedien!*

É pouco. Os homens voltaram-se ao figurino da mulher, esse ser sempre misterioso que a poetisa Delarue-Mardrus denomina: *la bête divine*.¹⁴² E é positivamente um *complô* universal para fazer da mulher um símbolo de todas as belezas, de todos os requintes, de todos os desvairamentos a que renunciámos. Os milionários arruinam-se: os fidalgos pulam as cercas das conveniências; os americanos, os príncipes russos, os egípcios levam como oferendas o seu oiro para a criação da mais estranha justaposição da ilusão que é permitido ver, sentir, palpar e até amar. O luxo do Oriente não se pode

142. Lucie Delarue-Mardrus (1874-1945), jornalista e poeta francesa, usou a expressão em 1906 para se referir à mulher em um artigo escandaloso publicado no *Le Matin*: “*Une femme-poète déclare que la femme n’est qu’une bête-divine*” (Uma poeta declara que a mulher é apenas um animal divino).

lembrar porque é luxo fiado de sangue, de ideias de arte, de inteligência. Parece que a humanidade de calças, já sem apetite são para amar a beleza pura, cai de joelhos e roja, oferecendo coisas maravilhosas.

– Perfuma-te! pinta-te! Conserva a saia, conserva a echarpe, conserva o mistério. Deixa-te ficar assim, tu que assim és o meu único ideal.

É a estética. M^{me} Roy Deveraux disse que a mulher é o traje porque o estilo na sua essência é uma emoção e não uma concepção. O figurino alma, emoção, essência, concepção! Sim. E harmonia também. E graça aérea. Uma mulher bem vestida é hoje a suprema arte do gênio latino. E isso devido aos homens. Paris deve ter cerca de duas mil casas de costura. O primeiro homem que montou um ateliê de corte feminino foi o inglês Worth,¹⁴³ que aliás não cortava coisa nenhuma, deixando o trabalho ao sócio francês. Hoje, alguns lustros depois, talvez mais de metade dos *ateliês* de costura sejam dirigidos por homens verdadeiros artistas, verdadeiros estetas, e também verdadeiros *homme du monde*. Ouvir Redfern¹⁴⁴ falar é tão sério e tão grave como palestrar com La Gandara,¹⁴⁵ o pintor das elegâncias femininas.

143. Charles Frederick Worth (1825-1895), considerado o pai da alta costura, produzia suas roupas na *Casa Worth*, a mais prestigiada de Paris.

144. John Redfern, pseudônimo de Charles Poynter (1853-1929), estilista e dono da casa de alta costura *Redfern & Sons*, com filiais em diversas capitais da Europa.

145. Pintor francês (1861-1917), foi retratista de boa parte da alta sociedade francesa.

Esse costureiro de princesas disse, e é Carrillo¹⁴⁶ que nos conta: a linha é a minha obsessão. Os seus vestidos sílfide chegam a vestir castamente as portadoras de coroas reais como as figulinas de Tânagra.¹⁴⁷ E, além dos vestidos e das frases lapidares, não faz um vestido sem estudar a pessoa, sem um longo exame de esteta. À criaturinha bastante selvagem que lhe fosse perguntar o *quantum* da sua criação responderá indignado:

– *Pas avec moi, madame! A la caisse!*¹⁴⁸

Porque todos devem estar de acordo que as mulheres devem ter toaletes estranhas e todos sabem que não são elas a pagá-las. Qualquer livro dessas casas mostra a elevação fenomenal dos débitos. Wanda de Boncza,¹⁴⁹ que era figurino como hoje o é Cécile Sorel,¹⁵⁰ deixou na burra dois milhões e ficou devendo mais. Paquin,¹⁵¹ o costureiro das grandes *cocotes*, quase rebenta várias vezes apesar dos lucros fabulosos, porque lançava por conta própria e com aparato as mulheres belas. Afinal rebentou a vida deixando três milhões, e M^{me} Paquin

146. Enrique Gómez Tible, conhecido como Enrique Gómez Carrillo (1873-1927), escritor e diplomata guatemalteco. Seu livro *A alma encantadora de Paris* (1902) inspirou João do Rio a escrever *A alma encantadora das ruas* (1908).

147. Estatuetas de barro da Grécia Antiga que representavam principalmente mulheres esbeltas e elegantemente vestidas.

148. Não é comigo, madame! Dirija-se ao caixa!

149. Atriz francesa e modelo de cartões-postais.

150. Celine Émilie Seurre (1873-1966), comedianta francesa, notabilizou-se por suas roupas extravagantes.

151. Nome pelo qual ficou conhecido Isidore Jacobs, um dos criadores, em 1886, da *Maison Paquin*, em Paris.

trata de conservar a linha do marido. Se os costureiros são assim e se assim são com requintes de artista todos os fornecedores da indumentária feminina, os escritores, os poetas, os pintores, os desenhistas levam a sonhar coisas indizíveis para sagrar o ídolo. Mallarmé, um dos primeiros poetas da França, redigia por prazer uma seção de modas nos jornais. Foi ele quem inventou o chapéu *lumière* e era ele quem falava quase com volúpia do corte das mangas e da combinação dos tecidos. Sâr Peladan,¹⁵² o místico, o mago, autor das etopeias e de estéticas arrevesadíssimas, escreveu quase um princípio da moda sobre a desproporção para defender os deliciosos chapéus modernos, que são a mais leve obra colossal da indústria artística. E Anatole France¹⁵³ nunca se contrariou tanto como quando lhe disseram que Georges Ohnet descrevia melhor a *toilette* das suas heroínas. E essas coisas, que todos sabem em Paris, conta-as Gomez Carrillo no seu leve estilo.

Como resistir? A mulher tem sido, através dos séculos, a vítima das nossas manias. Hoje ela é como a Nossa Senhora do Artificialismo, o Figurino em que congregamos todos os nossos ideais de beleza e opulência. E, assim transfigurada, irradia em Paris a Grande Imagem, a Incomparável Boneca com o seu divino sorriso. Quem é? Uma grande dama? Uma atriz? Uma *cocote* notável? Um modelo? Para que saber? É a Parisiense! Na mais feminina das cidades

152. Le Sar Mérodack Joséphin Peladan, pseudônimo de Joséphin Peladan (1858-1918), escritor e ocultista francês.

153. Jacques Anatole François Thibault (1844-1924), escritor francês.

ela devia ser Imperatriz. Ei-la; que está, à hora da *essayage* – *chez son couturier*.¹⁵⁴ Provou, palrou, saiu. Vai ao Rumpelmeyer¹⁵⁵ na sua limusine. Quanto custa? Em apetrechos de toalete, águas perfumadas, instituto de *beauté*, pinturas, pastas, maquilagem, brunidores, gastou o suficiente para uma semana de gente pobre ser de festa. Em tecidos vaporosos dos *dessous*,¹⁵⁶ há com que comprar o descanso de dois ou três meses das operárias neles empregados. São tecidos aéreos, com crispações de fios, são nuvens brancas de rendas. As meias dizem-nas último modelo, as botas custaram 150 francos num dos primeiros *bottiers*¹⁵⁷ – o ordenado de qualquer *commis*¹⁵⁸ de livraria. Com o que elas quase não mostram, dizia um diretor de teatro *à côté*,¹⁵⁹ comprava-se a lotação de uma pequena sala. E o vestido? Quanto custaria o vestido? Oh! problema! Evidentemente é um *tailleur* dos três ou quatro notáveis especialistas do gênero. E pode bem ser um vestido de veludo cor de castanha, ou verde relva, ou verde folha. Sempre mais de mil francos. Logo mais, para o teatro, apesar de nevar, ela vestirá um modelo de artista notável. Oh! *machère! épatante!*¹⁶⁰ Mas o seu *mantô* é de zibelina, no mínimo vinte mil francos, e as suas pérolas, um colar de tríplice

154. Hora de provar a roupa no ateliê de seu costureiro.

155. Rede internacional de restaurantes, o *Rumpelmeyer* de Paris foi aberto em 1903.

156. Os pobres.

157. Fabricantes de botas.

158. Vendedor.

159. Ao lado.

160. Oh, minha querida! Arrebatador!

volta, três ou quatro anéis mais, vão pelos cem mil.

E ainda há o chapéu. É conhecido o caso daquele marido que requereu divórcio documentando o requerimento com as contas da modista. O juiz espantou-se.

– Mas só em chapéus a senhora gasta mais que seu marido ganha!

– Não sou eu a única! respondeu ela.

O Figurino belo é aquele que nasceu hoje; o horrível é o que não se usa. Há dois moldes que são sempre perturbadores – o vestido *princesse* e o chapéu qualquer que ele seja. Hoje a moda é o desnudamento pelo tecido na carícia da linha, com uma apoteose a coroá-la que é o chapéu. E nunca houve chapéus tão lindos, chapéus tão belos, chapéus que resumam tão bem as belezas da terra e a frivolidade das cabecitas que coroam. O chapéu é *chef-d'œuvre*,¹⁶¹ o chapéu é feito ali *chez Viot, chez Lewis*. Meu Deus! Quem no mundo será capaz de fazer um chapéu como na *rue de la Paix*, ou na *rue Royale*? Bismarck¹⁶² já dizia em 1871:

Apesar de tudo, hei de sempre pedir a Paris champagne para mim e os chapéus de minha mulher!

E Gomes Carrillo: “*en el couvre chef, ya sea el hennin de La Edad Media, ya sea la toca del siglo XV, ya sea el feltro de los Luises, ya sea la guirnalda de flores del*

161. Obra-prima.

162. Chanceler Otto Von Bismarck-Schönhausen (1815-1898), comandou o processo de unificação da Alemanha na segunda metade do século XIX.

*Trianon, sempre la francesa ha sido la primera.*¹⁶³ Os chapéus custam uma fortuna, o chapéu não, as *furnitures* – as plumas de cento e cinquenta francos, como a dos *curucussús*, a do *multifils*, as penas, as fitas, as fivelas trabalhadas, o trabalho da modista que pede mais cem francos...

Que importa, porém? Todos têm a preocupação do chapéu! Até grandes químicos como Chevreuil deram a sua opinião. É do notável cientista, uma das suas obras, a descrição do chapéu segundo as carnações: o chapéu preto para as loiras, o chapéu azul para as carnes rosadas, os chapéus amarelos que não dão nem com as loiras nem com as morenas... O chapéu é fundamental. Abel Faivre,¹⁶⁴ num dos seus desenhos, mostrou-nos a sua origem, o primeiro chapéu: Eva em traje de Eva amarrando na cabeça a serpente. Já Willet¹⁶⁵ fizera a mesma Eva, sempre em traje de Eva, saltando a corda com a mesma serpente. E ninguém negará que os dois artistas tiveram o poder divinatório do passado remoto. Eva saltou a corda, fez o chapéu e com ele tentou Adão.

Foi uma ação definitiva para a nossa vida. Talvez por isso e com amor ao Figurino, Eva conservasse o chapéu, enchendo-o de coisas caras. À falta da serpente, naturalmente falecida, serviu-se de outros meios de

163. “[Na arte do] *couvre chef* [qualquer acessório que cubra a cabeça], seja no *hennin* [chapéu em formato de cone] da Idade Média, na aurora do século XV, no feltro dos Luíses ou na grinalda de flores do Trianon, sempre a costura francesa foi a primeira.”

164. Pintor, ilustrador e caricaturista francês (1867-1945).

165. William Willet (1869-1921), pintor e escritor americano.

tentação. Sabem lá a hecatombe animal de pássaros, causada pelos chapéus das elegantes? As notas de um jornal de crítica são de assustar. As modistas parisienses consomem cerca de 40 mil andorinhas do mar. Um negociante de Londres vendeu num ano 32 mil beija-flores, 80 mil pássaros do mar e 800 mil pares de asas de aves diversas. Pode-se avaliar em 300 milhões por ano a cifra dos pássaros sacrificados na moda feminina. E, segundo especialistas, isso prejudica enormemente a Agricultura...

Mas que importa a uma elegante senhora a agricultura da ilha Maurício, quando tem no chapéu um pombo da mesma ilha? Nem é possível lembrar a agricultura quando ninguém tem pena das pobres avezinhas, depenadas vivas para que as penas não percam o brilho. Todos os tormentos e todos os sacrifícios são permitidos, contanto que o chapéu exista. O chapéu é a ideia fixa e o expoente das sensações femininas. Decerto, por isso escreveu Wilde:

– Quando uma mulher descobre que não gosta mais do marido, arranja-se horrivelmente ou usa chapéus muito *smart* pagos pelo marido de qualquer outra dama...

E ninguém dirá que no começo do século, durante mais de um lustro, houvesse uma preocupação universal maior que a conferência de Haia, maior que todos os acontecimentos íntimos, sociais e internacionais: – a questão dos chapéus grandes ou pequenos. Para que num futuro remoto, se reconheça o momento atual

como a era da futilidade e do figurinismo, basta colecionar o que se disse sobre os chapéus diariamente em todo o Ocidente nos primeiros dez anos do século XX.

Mas a Parisiense tem um momento de prazer vendo-se com essa criação de arte; e não perguntou jamais quanto custou. Vai um pouco nervosa. Aquele pedaço da *rue de la Paix*, com os joalheiros que vendem por semana duas e três *rivières*¹⁶⁶ de 250 mil francos, as tentações, o rapaz que nessa semana ela adora, e que não é outro senão d. Benito de los Arrancos, um jovem cubano *train de luxe*¹⁶⁷ ardente, a necessidade urgente de gastar dinheiro ainda não sabe bem em que – fazem-na febril. E a Parisiense fina, frágil, ânfora de sutil desejo pintada e decorada raramente, a Parisiense que herdou a Graça incomparável, com o seu cerebrozinho de avelã pensa apenas na sua pessoa, olhando o espelho...

E por isso não vê nesse espelho o reflexo de milhões de bilhões de milhões de outros espelhos, e por isso não distingue nesses reflexos o reflexo interminável de outros tantos rostos, e por isso não compreende que assim graça doidivana erigida pelos homens suprema graça do universo tem do polo Sul ao polo Norte, entre os lapões de Cook, como entre os mercadores que vêm a Punta Arenas, na Índia e na Ásia, nas montanhas da Abissínia e no alto Peru, no Saara e na Sibéria, onde quer que exista um espelho, uma fita e um pote de tinta, criaturas que pensam nela e que tentam copiá-la. E

166. Tipo clássico de colar de pedras.

167. Deslumbrante.

a sua frivolidade é tal, frivolidade sempre despreocupação e bondade que não repara senão para louvar no séquito ocidental de copiadoras civilizadas – todos os países d’Europa, todos os países d’América, que vestem como ela, que andam como ela, que sorriem como ela e multiplicam o seu império no êxtase do Figurino – indo até ao crime para ser igual, arrastando os homens na mesma atração do supérfluo necessário...

Mas, meus senhores, eu sou do parecer daquele grande artista que admira o mistério nas coisas visíveis, acha o homem um animal desarrazoado e considera que as grandes belezas são para meditar. Uma mulher bem vestida faz pensar muito mais do que as Vênus expostas no Louvre. As senhoras não imaginam o que eu tenho meditado sobre os chapéus, a *robe entravée*,¹⁶⁸ os decotes, as nuças e os grandes olhos esfingéticos das mulheres...

Assim, de meditação em meditação, depois de sentir o “Figurino”, obsessão do Mundo, o “Figurino”, ponto de comparação moral, o “Figurino”, corretivo de costumes, o “Figurino” criando um tipo para ser copiado e fazendo em Paris a parisiense – que se reproduz em toda a terra, tomei o *Orpheus*, história geral das religiões, de Salomon Reinach.¹⁶⁹ E lá eu li: “Religião é a observação fiel dos ritos.” A religião, segundo Schleiermacher,¹⁷⁰ consiste em um sentimento absoluto da nossa dependência. A religião, segundo

168. Vestido justo.

169. Historiador e arqueólogo francês (1858-1932).

170. Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), teólogo e filósofo alemão.

Feuerbach,¹⁷¹ é um desejo que se manifesta pelo Desejo, a Oração, o Sacrifício e a Fé. A religião, segundo Max Muller,¹⁷² é um estado de espírito e da razão que coloca o homem em estado de apreender o infinito. E por fim a definição do próprio Reinach: “A religião é um conjunto de escrúpulos que obstam o livre exercício das nossas faculdades.”

Então eu, pobre de mim!, compreendi que tinha considerado moléstia aquilo que foi a única religião do século XIX e que até hoje é a mais forte do século XX, então eu vi o grande pecado, minhas senhoras, as grandes heresias que eu tinha dito reparando nesses desenhos e estampas de panos e enfeites que vos entretêm. E como eu sou, felizmente, fútil nessa época que, apesar de fútil, não deixou de ser aquela em que mais se pensou, mais se criou e mais literatas são as mulheres (o que prova que as preocupações chamadas frívolas, longe de serem privilégio dos néscios, são glória e costume dos que têm espírito) – ergui os olhos para a primeira dama que vi, juntei as mãos e fiz o que todos os homens fazem hoje sem saber que a mesma religião os liga: orei ao maior dos deuses contemporâneos: Nosso Senhor o “Figurino”!

171. Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), filósofo alemão.

172. Orientalista e filologista alemão (1823-1900).

Flirt

– Sabe V. o que é o amor?

– Não mo pergunte! Já amei uma vez na vida. E a mulher que eu amava, louca e desesperadamente, casou!

– Com quem?

– Comigo.

Sempre que ouço falar em *flirt* recordo este curto diálogo de bulevar, feito de ironia e desilusão. Recordo o diálogo e lembro a estatística de um inglês que teve a paciência de contar quantos beijos dava a esposa por ano. No primeiro deu 37.760, o que vem a ser cerca de cem por dia; no segundo passou à metade; no terceiro desceu a dez diários; e daí por diante ficou em dois... Recordo o diálogo, lembro a estatística e penso no dr. Stanley Hall,¹⁷³ presidente do Clark College, que definiu o *flirt* como a válvula de segurança da mulher.

173. Granville Stanley Hall (1844-1924), psicólogo e educador americano.

Flirt! Como falam do *flirt* agora! Fala-se do *flirt*, como do *brigde*, como do *puzzle*, dos automóveis e dos velívolos¹⁷⁴ – sem compreender a violência narcótica dos primeiros e a rapidez cada vez maior dos segundos. *Flirt*. É uma questão de moda, que as senhoras arvoram com impertinência atemorada. Palavra anglo-saxônia, costume americano, uso universal; fusão da moral. Galanteria prática, fetichismo semiousado, experimentalismo excitante. Que é o *Flirt*? O filósofo mandava sentir e não saber: *il faut sentir et non savoir*. Mas o amor é sentir, sentir é gozar o soberano bem, o estado harmonioso do corpo, e o *flirt* é a exasperação dos sentidos.

Flirt corresponde em francês a *folâtrer*, a *voltigere* a *fairela coquette*; *flirtation* é ainda *coquetterie*, e todos esses verbos e substantivos traduzidos em português com uma certa má vontade dão em divertimento, manha, pilhéria, pretensão...

Felizmente a significação das palavras vem do sentimento que as interpreta, e *flirt* é para qualquer de nós a lembrança perfumada de uma rosa sob a palpitação das borboletas... Belo pensamento e frase nova!

Fatos de tal monta, muito antes de S. Tomás de Aquino,¹⁷⁵ eram para que os homens meditassem. A meditação pode ser uma contemplação interna...

O *Flirt* é um fenômeno gravíssimo – é a última etapa da sedução da Mulher. A Mulher, aliás o único osso desnecessário de Adão, é o osso dominador do universo.

174. Veículos movidos a vela.

175. Teólogo e filósofo dominicano italiano (1225-1274).



João do Rio. Retrato de autoria desconhecida.

“[...] porque a vaidade obriga um conferente a publicar as conferências com a esperança de que um leitor vale mais que cem ouvintes.”

H. GARNIER
Livreiro-Editor

Acaba de apparecer :

Psychologia Urbana
DE
JOÃO DO RIO
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

É a colleção de conferencias realizadas pelo illustre autor da **Alma Encantadora das Ruas** e do **Dentro da Noite**. O volume compõe-se das conferencias : **O Amor Carioca** — **O Figurino-Finet** — **A Deusa de Mentir** ; que tão grande exito obtiveram quando pronunciadas aqui e em S. Paulo, e do discurso de recepção na Academia Brasileira, tão largamente louvado.

Psychologia Urbana

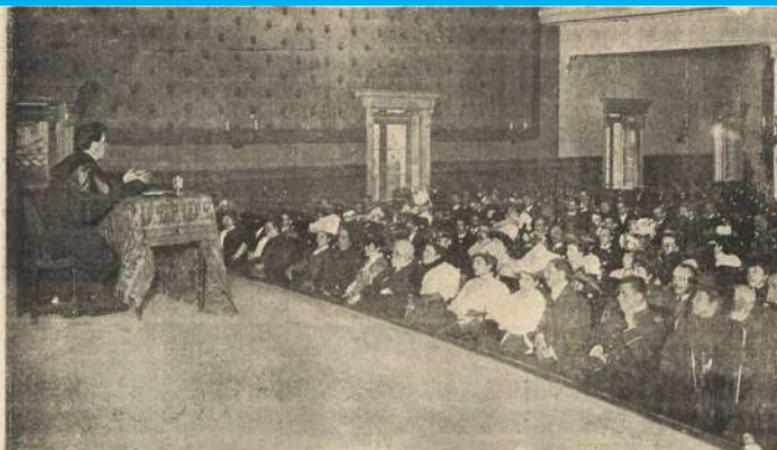
como os anteriores livros de João do Rio, o fulgurante chronista e *conteur*, está destinado a um franco successo de venda, e é inutil encarecer-lhe o merito, gosando o autor de tão justa nomeada.

1 volume em brochura..... 38000
Pelo correio mais..... \$500

109, RUA MOREIRA CESAR, 109
RIO DE JANEIRO

Gazeta de Notícias, 15 jan. 1912, p. 8

“À coleção chamei *Psicologia urbana*, apenas porque me pareceu observarem esses trabalhos certos estados d’alma da cidade, de modo aliás urbaníssimo. Aos estudos juntei um discurso de recepção na Academia, porque era ainda psicologia urbana urbanamente feita, e principalmente pelo desejo de mostrar que há no observador um fio de filosofia que acentuou através dos anos com continuidade.”



No sábado passado o Revmo. Padre José Severiano de Rezende, collaborador do *Jornal do Brasil* realizou no Instituto Nacional de Musica uma interessante conferencia litteraria, discorrendo sobre o thema *Indiscrições da escripta*. O conferente affirmou o fundamento da graphologia no estudo do caracter humano.

Revista da Semana, 25 ago. 1907, p. 5.099.



Um aspecto da sala do theatro "Phenix", por occasião da conferencia de João do Rio — "Apologia da Dança"

Illustração Brasileira. Rio de Janeiro, 16 ago. 1914, p. 308

"A cidade só tem uma preocupação — ouvir e fazer conferências. É preciso fazer conferências! É preciso fazer conferências! O delírio, a nevrose, a ânsia da cidade — conferências!"



Inaugurando a serie annual das conferencias que se realisam na Bibliotheca Nacional, Olavo Bilac, o nosso glorioso grande poeta, na noite de 21 do corrente, produziu um admiravel estudo sobre as *Lendas Nacionaes*.

Nunca d'antes affluira tão numeroso auditorio á sala, que se tornou acanhada, da Bibliotheca. Foi tal a quantidade de gente attraída pelo desejo de ouvir

o ardente apostolo da ressurreição brasileira, que se tornou necessario remover o tabique envidraçado erguido á entrada do recinto das conferencias.

No esplendor da sua prosa, explicando e commentando mythos, o mestre intercalou o fulgor dos seus perfeitos versos communicativos.

O fim da sua eloquente oração foi um hymno de esperança á grandeza da patria futura.

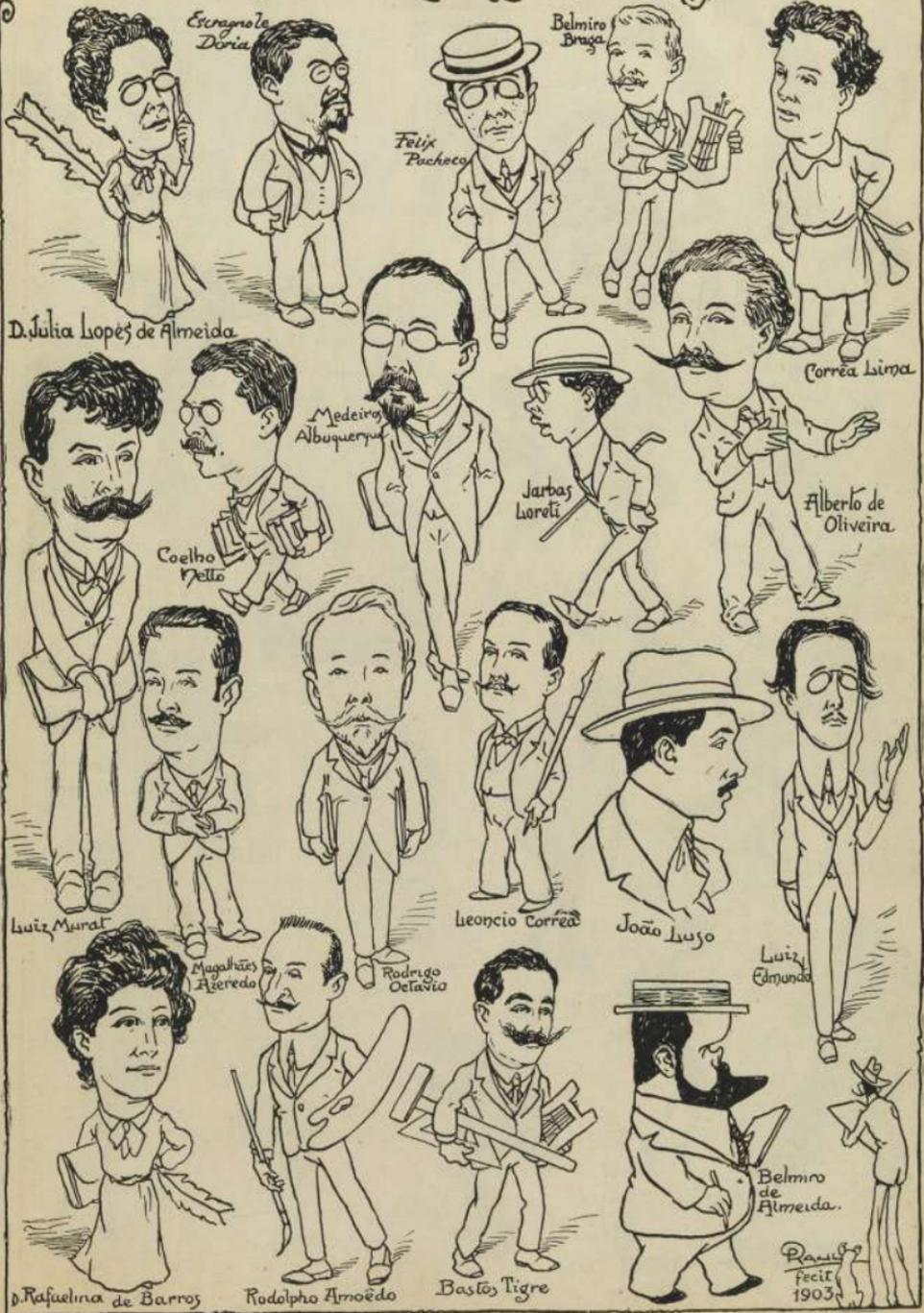
Careta, 26 ago. 1916, p. 11

“Oh! as conferências! Quem havia de dizer, há cinco anos, que esse mal incipiente se tornaria uma tão espantosa epidemia? Medeiros e Albuquerque voltara de Paris com a ideia das conferências à maneira do “Odeon”, falara a Olavo Bilac, e Bilac, no almoço oferecido a Luiz Mancinelli, por Luiz de Castro, indagava de Alberto Nepomuceno, a meu lado:

— Dará resultado?

Dois sábados depois, o extraordinário Coelho Neto aparecia no estrado do Instituto, com a conferência escrita à maneira de Paris e de Londres, e alguns livros documentativos. Havia apenas meia casa... No outro sábado, falando esse poeta perfeito que é Bilac, o salão regurgitava. E a série foi um desdobrar de coisas eruditas, inteligentes, ensinadoras. Um dos conferentes, o Sr. Bomfim, chegou a dar na causerie uma teoria científica e complicadíssima do ciúme. O talento admirável de Julia Lopes de Almeida revelou mais uma faceta de seu engenho; o padre Severiano de Rezende fez um dos mais sacudidos sucessos mundanos, disqueteando, de batina e solidéu, sobre os cristos de fancaria da Arte Religiosa... Era um pequeno mal, elegante e distinto.”

Na vinte e cinco annos.



Coordenadoria de Publicações Seriadas / FBN

Scenas da vida carioca, por Raul Pederneiras. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1924

O Amor...



Amor molhado

Amor do proximo



-Amor, tem fogo?



Amor e medo



Amor talhado

Amor d'assado



Amor fatal!



Amor platônico



Amor de mascara



Quando o amor «morre».....

RAUL

OS «COIO'S» IMPROVISADOS



ELLE : — Isto é que se chama cumprimentar e ser correspondido por um “rabo de saia”...

ELLA : — Está o senhor muito enganado ! E' o vento que lhe corresponde... com um “rabo de arraia”...

Caricatura de Loureiro. *O Malho*, 17 jul. 1916, p. 36

“Sim, um coioismo nevrálgico, um coioismo que só pode ser definido por essa palavra pastrana que parece exhibir-se num bamboleio. Sim! coioismo. (...) O homem segue a mulher admiradíssimo; está acanhado diante desta, é dominado por ela. Falam de atavismo moral, prendendo o caso ao tempo da colônia, mas a evidência é que são como folhas ao vento, sem ímpeto interior no normal.”

FIGURINOS

PARA MARMANJOS



Pyjama pharaônico e vestuário para chá-tangô durante o dia.



Vestuário para passeio e traje especial para "turismo"

RAUL



Bataclan



Gravata "aza de brisa"

Chapéus "cloche" estilo tapa-olho.



Trajo de cerimônia e roupa especial para sessões somnolentas

Tudo isso porque a mulher vai se masculinizando!



△ penteado..

Scenas da vida carioca, por Raul Pederneiras. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1924

"A importância das roupas é tal que o ser humano, seja homem ou seja mulher, é hoje compreendido como um composto de carne, osso, pano, com olhos, monóculo, cabelos, chapéus, mãos, luvas, anéis, pés, meias, botas — segundo a moda."



A Kodak de *Fon-Fon*, sempre em movimento, apanhou este interessante grupo: o Dr. Lauro Müller, chupando uma refrigerante cajuada, o senador Dr. Victorino Monteiro á frescata e o Watson, o chap-leiro dos nossos mais salientes políticos, insinuando o preço de uma cartola Christie.

Fon-Fon, 6 mar. 1909, p. 23

“Se Buffon escrevia com punhos de renda, Carlyle levou, num livro inteiro, a fazer reflexões difusas sobre o vestir; e nós vemos, principalmente entre os escritores, os condutores das multidões, a obsessão.

Não há escritor que não queira ser elegante, elegante e figurino.”



Careta, 16 dez. 1916, p. 17

“O Figurino belo é aquele que nasceu hoje; o horrível é o que não se usa. Há dois moldes que são sempre perturbadores — o vestido princesse e o chapéu qualquer que ele seja. Hoje a moda é o desnudamento pelo tecido na carícia da linha, com uma apoteose a coroá-la que é o chapéu. E nunca houve chapéus tão lindos, chapéus tão belos, chapéus que resumam tão bem as belezas da terra e a frivolidade das cabecitas que coroam. O chapéu é chef-d'œuvre, o chapéu é feito ali chez Viot, chez Lewis. Meu Deus! Quem no mundo será capaz de fazer um chapéu como na rue de la Paix, ou na rue Royale?”

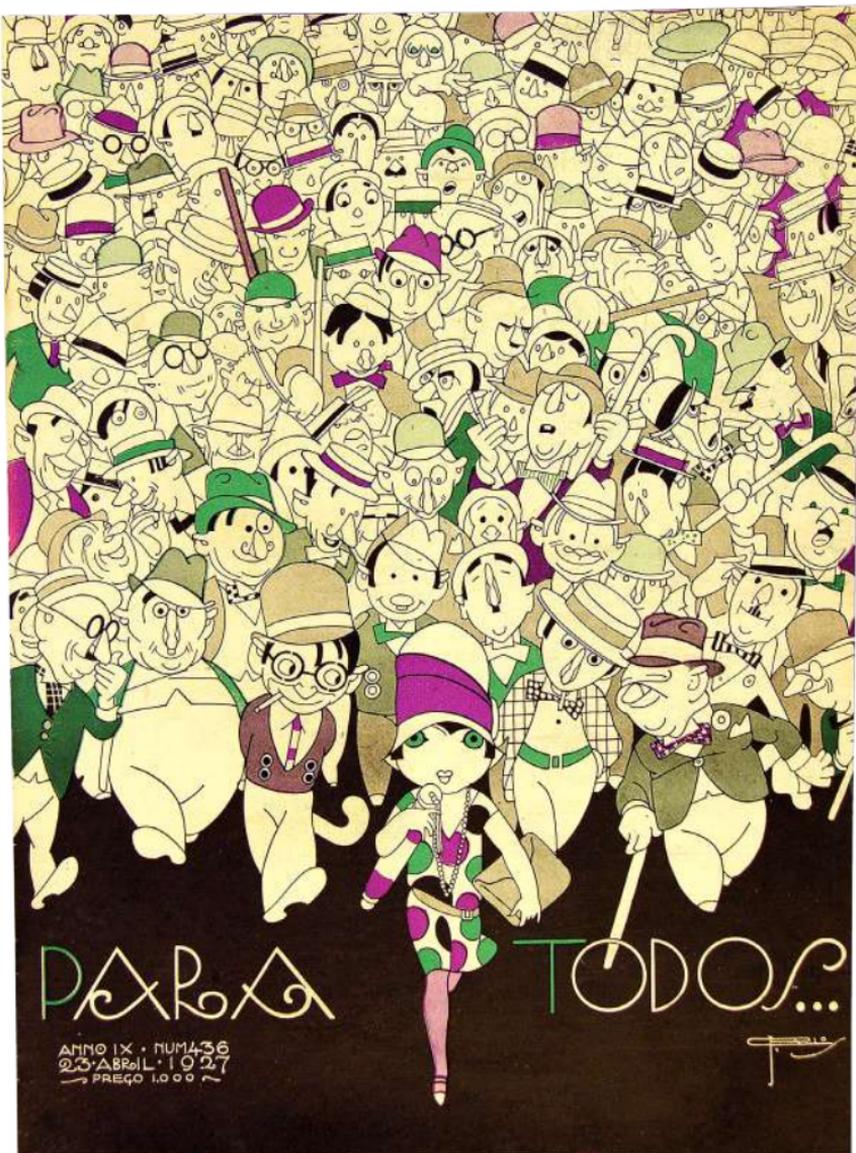
FON-FON!



FLIRT

*O flirt é a fina tradução ingloza
Do nosso velho e secular namoro,
Com um pouco mais de decôro
E um pouco menos defranquez....*

*E' a enlevada exaltação da phrase
Posta á serviço de enlevado mixto
De alta elegancia e de desejo leve....
E' um lilyllo.... quasi
.... Quando não chega á ser mais do que isto....*



Para todos, 23 abr. 1927, capa

“A mulher é o sol; os homens giram-lhe como loucos em torno, esmolando o calor que fecunda, que faz viver e que mata.”

Pardieiro em chammas



Elle—V. Exa. não é capaz de imaginar o quanto é pavoroso o incendio que lavra em meu coração...

Ella—O' cavalheiro!... Porque não recorre a um avisador de incendio?... Deve ser excesso de fuligem na chaminé. Eu não sou caixa d'agua...

Caricatura de J. Carlos. *Fon-Fon*, 4 abr. 1908, p. 21

“No *flirt*, cada um dos adversários, sim! é esse o nome que se lhe deve dar! cada um dos adversários acredita enganar e não engana, não imagina mesmo que o enganado é ele. Ri das palavras que diz e não percebe a ironia das que ouve; pensa quase sempre ludibriar e é a si mesmo que burla; ri intimamente dos sentimentos que finge e não sente ser apanhado na rede da comédia. O *flirt* é a luta amorosa.”

Sob o fogo inimigo

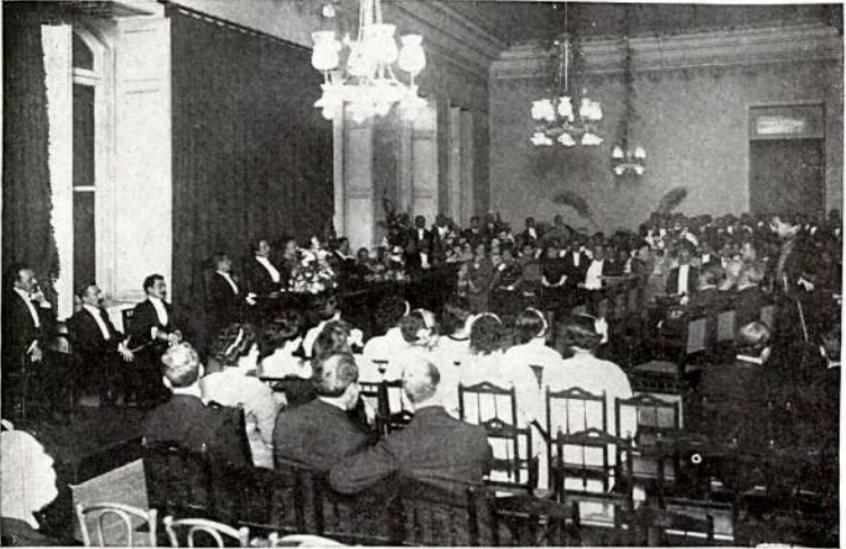
Coordenadoria de Publicações Seriadas / FBN



ELLA — Tem todos uma apparencia correcta mas não teem caras sinceras. São talvez tres pessoas distinctas e nenhuma verdadeira.

Careta, 9 dez. 1911, p. 11

“Um encontro de homens ou de mulheres é um tecido único de deliciosas mentiras. Os salões como as ruas seriam escolas de mentira se todos não fossem professores na matéria. As roupas, os gestos, as frases, os sentimentos, tudo é mentira proposital ou instintiva. Foi um mundano que disse: ‘No dia em que eu tivesse a certeza absoluta de uma verdade definitiva, suicidava-me.’ Foi a mentira que criou o esnobismo.”



Recepção de Paulo Barreto (João do Rio) na Academia Brasileira — Photographia tirada por ocasião do discurso do novo immortal.

Careta, 20 ago. 1910, p. 17. (João do Rio está à direita, de fardão)

“Não quisestes em tal hora, senhores meus, chamar para vossa companhia e para a cadeira de Laurindo Rabello alguém que, como Laurindo e Guimarães, fosse na vida o prisma azul, por onde não se vê a vida. Preferistes o espectador incompleto dessa sociedade que se constitui. Em vez da obra perfeita e de sabor conhecido, tomastes como exemplo da época na Academia aquele que fixa tumultuariamente alguns aspectos do esplêndido espetáculo. A ironia é também incentivo, quando generosa. Há intenções sutis que esperançam e deliciam. Ao entrar na Academia sob o louro deste acolhimento, quero ver apenas no vosso gesto para o companheiro muito jovem a doce e boa ironia de um incentivo amigo.”

OS IMMORTAES

Teve desusada solemnidade a sessão da Academia Brasileira de Letras em que tomou posse de uma cadeira de *immortal* o conhecido escriptor Paulo Barreto. (*João do Rio*).



Entrada de mais uma alma na Immortalidade...

Caricatura de Guido. *O Malho*, 20 ago. 1910, p. 20

“Sebastião Cícero dos Guimarães Passos foi a última fisionomia do romantismo. [...] Morreu quase jovem de corpo e com a alma de uma época que não envelhece, mas se classifica. Era egoísta fantasista, era o egoísta bom. Quem o substitui trocou sempre a quimera pela curiosidade, o entusiasmo pelo fato, o próprio sentimento pela sensualidade dos sentimentos alheios. Veio para a vida ver. Ele foi ator. Eu sou espectador.”

O personagem Deus fê-la na sombra, misterioso e sutil, enquanto Adão estava dormindo, e deu-lhe uma alma de onda, de renda, de atração, de encanto e de perversíssima bondade. Quando Adão acordou, extasiado ficou. Não era para menos. Um pedaço da Via Láctea parecia ter descido do escuro azul da noite estrelada. O Paraíso, que até hoje ninguém sabe onde foi exatamente, recendia mais, e aquela meiga luz, aquela doce luz sorria, fazia compreender o Desejo – a suprema delícia de viver. Adão não era bem uma alma de análise. Deixou de indagar a razão do mistério, aparecido assim, de noite, enquanto o Paraíso dormitava. E atirou-se. Todos nós fazemos mais ou menos como o Pai Venerável: atiramo-nos. Questão de atavismo egoístico impelindo-nos a desejar, mais do que tudo, um osso inútil que a lenda diz ter sido nosso.

Dessa pretensão irracional vem talvez o erro milenar em que laboram os homens, de querer possuir, dominar, satisfazer e conhecer o osso sensível, a primeira costela do lado do coração. Os erros acumulam-se, a Mulher é cada vez mais a Esfinge que fala, e o homem cada vez mais pretensioso só lhe atira injustiças. Injustiças de raposa que não alcança as uvas, mas injustiças brutais que passam por graça e até por galanteria.

Que pensa o homem da mulher? Mal. A alma do povo está no provérbio. Que diz o provérbio picardo?

Mulher ri quando pode
E chora quando quer.

E o flamengo?

Três mulheres valem um mercado.

E o normando?

De mulher e de cabelos
Sempre há o que dizer

E o italiano?

Desconfia das mulheres más
E não confies das boas.

E o chinês? Até os chineses inventaram a célebre frase: – a mulher tem os cabelos compridos e as ideias curtas! para que Alexandre Dumas¹⁷⁶ a empregasse passando por tê-la escrito. Essas vulgaridades do rifão não são ultrapassadas pelas frases dos reis. Francisco I¹⁷⁷ dizia:

*Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie.*¹⁷⁸

uma dessas amargas frases de despeito que não o lisonjeiam. E Napoleão, que com elas foi sempre um brutal por nunca as ter podido vencer, assegurava:

– As mulheres têm uma alma de renda.

O que vem a ser uma alma de fio de seda, de fio de

176. Alexandre Dumas, pai (1802-1870), um dos mais importantes romancistas franceses, autor de *Os três mosqueteiros*.

177. Rei da França (1494-1547).

178. “A mulher frequentemente varia/ Tolo é aquele que nela confia.”

linha, que começa, faz ponto, afrouxa, é relevo aqui, depressão acolá, forma vieses, curvas, flores, bichos, nomes, e que, uma vez acabada, não se sabe por onde acaba nem principia, labirinto perturbador da sensação...

Quando o homem não diz mal, doutrina – o que é pior. Já um analista assegurou com grande gravidade o seguinte: “Não há nessa criatura que parece tão profundamente estudada senão paixão e amor, devotamento ou duplicidade, irresistível pudor ou indomável desejo. Mas as virtudes como os vícios aí se encontram em estado endêmico, germes que podem florescer ou perder-se, segundo as circunstâncias, os meios, as temperaturas, e o talento do homem encarregado de cultivá-la.” É o caso de Eva reduzida a um canteiro de sensações, onde há toda a sorte de estados d’alma, todas as vibrações, todos os arrepios físicos e morais. A maneira de fazê-la a mãe de Coriolano,¹⁷⁹ Tosca,¹⁸⁰ ou a Margarida do *Fausto*,¹⁸¹ entretanto, ainda maior admiração causa porque eu já conheci uma menina que saindo de Sion – há muitos anos já se vê! – era perversíssima, e um bandido com três mortes, quarenta roubos e cinquenta e sete entradas na Detenção, que nos dias de visita tinha a chorar nas grades do seu cubículo o perfeito amor de uma criança de vinte anos...

Definir a mulher! Mas para que semelhante trabalho,

179. Lendário geral da Roma Antiga que, após ter traído o povo romano e se exilado, teria sido convencido por sua mãe a se entregar.

180. Personagem-título da ópera em três atos de Giacomo Puccini, estreada em 1900.

181. Personagem-título do poema trágico de Goethe, publicado em 1808. Fausto amava Margarida.

se é impossível? Jules Laforgue¹⁸² chamava-as de *bebês monstro*. “As mulheres fazem-me o efeito de bebês monstro, bebês importantes, monstruosamente desenvolvidos.” Michelet, falando da Revolução também mulher, e do Pássaro que à mulher emprestou pelo menos o desejo de voar, disse, com o seu incorrigível lirismo: “A mulher é ou infinitamente superior ou infinitamente inferior ao homem. É uma lira mais extensa, mas incompleta – porque as cordas do meio não são fortes.”

Monstros, liras extensas com as cordas do meio frouxas, cordas cujo som deve ser semelhante ao zumbido das abelhas e aos suspiros das rolas! Para que tudo isso? Ninguém a conhece, ninguém a conhecerá. Errou Chamfort quando asseverava: “Com as mulheres é preciso ou amá-las, ou conhecê-las” – porque conhecê-las é amá-las e amá-las é perder o juízo. Errou Michelet, errou Laforgue, erram todos os estúpidos rifões, porque jamais poderemos nós decifrar essa sensibilidade aguda, alma felina com garras de fera e veludo nas patas, sentir curioso que perfuma como uma essência, luz divina cujo calor pode acariciar e pode causar insolações. O homem que se agite conduzido por ela, porque só Proudhon¹⁸³ disse realmente a verdade: a mulher é a desolação do justo.

E foi a mulher que inventou o *Flirt!* Ah! nós temos uma porção de opiniões a respeito dessa alminha de

182. Poeta e romancista franco-uruguaio (1860-1887), escreveu sobre as mulheres, como, por exemplo, o pequeno texto intitulado *Bebés-monstres*.

183. Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), filósofo e político anarquista francês.

étagère,¹⁸⁴ como diz o reverendo Samuel! Nós nos julgamos imensamente superiores, imensamente protetores, imensamente incomparáveis? E entretanto para conseguir conquistá-la – o que aliás não conseguimos – viramos de senhores em escravos, raivosamente defendemos este posto de servo da gleba mais conhecido pelo eufemismo de chefe de família, e chegamos ao estado de metal inconsciente atraído pelo ímã. Esse ímã é o amor. Será o amor? É o desejo. O amor é uma loucura transitória. O desejo é a chama perene, a ambição de um complemento que nos falta. Por força de poesia é que o desejo se exagera na mascarada do amor, e quando o poeta disser:

O amor é a própria vida!
 Amor é ver o sol por entre a noite escura
 É sofrer na alegria, é gozar na tortura
 É reunir num verso o infinito desejo:
 Viver por um sorriso e morrer por um beijo!

Pode a gente ter a certeza de que o amor é o nome do desejo desesperado.

A mulher aproveitou-o para se libertar de uma escravidão lamentável. A princípio, logo depois da cena de conhecimento absoluto do Paraíso, essa entidade carregava as armas de guerreiro, acendia o lume, dava cafunés. Era o *chasseur*¹⁸⁵ da taba, o *maître-hotel*¹⁸⁶ e a

184. “Alminha de *étagère*”, pessoa mimada, na “estante”, esperando por algo ou alguém.

185. Caçador.

186. Mordomo.

dama de companhia. Um belo dia mostrou que era incapaz de ser *chasseur* e começou a tornar-se frágil nos gineceus. A fragilidade acentuou-se a ponto de fazer o homem julgá-la a candura da terra e a fazer torneios com muito sangue por amor da sua bela. Essa atitude resolveu-a ser Musa, a Musa inspiradora, e afinal hoje em que o homem é o servo, é o *chasseur*, e até mesmo a dama de companhia, ela, que é incontentável, quis ter todos os direitos e inventou esse brinquedo torturante que todo o mundo chama o *Flirt*.

O *Flirt!* Que é o *Flirt?* “O *Flirt*, diz Michel Provins,¹⁸⁷ é o verme que docemente, sem que ninguém o veja entrar, estraga o mais belo fruto. Só se apercebem dele quando o fruto, desprendendo-se da árvore, cai.” Como não lhe bastasse essa viscosa comparação do verme, Provins, cuja vida se tem passado a contar *flirts*, diz, num horrendo ataque de dispepsia moral: – o *flirt* é para as almas *blasés* o que o jantar é para os estômagos atuais. Incapazes de digerir os pratos de resistência, nós saboreamos os *hors-d'œuvre*, os apimentados e os adocicados.

É horrível. Há pior.

O sábio dr. Roux¹⁸⁸ no *Instinct d'amour*, assegura: – o *flirt* é a conquista amorosa sem amor, é o desejo de inspirar o amor sem o sentir. No *flirt*, cada um dos adversários, sim! é esse o nome que se lhe deve dar! cada um dos adversários acredita enganar e não engana,

187. Pseudônimo de Gabriel Lagros de Langeron (1861-1928), escritor francês.

188. Joanny Roux (1866-19--), médico francês, publicou *L'instinct d'amour*, em 1904.

não imagina mesmo que o enganado é ele. Ri das palavras que diz e não percebe a ironia das que ouve; pensa quase sempre ludibriar e é a si mesmo que burla; ri intimamente dos sentimentos que finge e não sente ser apanhado na rede da comédia. O *flirt* é a luta amorosa.

É ainda horrível. Mas, felizmente, encontra a gente opiniões mais suaves. Octave Uzanne¹⁸⁹ definiu a coisa por grãos, que podiam ser de exame e podiam ser de termômetro, porque afinal nós somos um mundo de termômetros para o sol do amor; um teorista português, dessas coisas fúteis com que se tece a gravidade da vida, afirmou: – O *flirt* é uma palavra inglesa que deriva do francês. Já tem foros de portuguesa: Garret empregou-a. E como uma batalha de flores entre pessoas de sexo diferente. “E a sombra do amor é a sombra chinesa do amor...” Bourget, tão lido em 1890, foi também avisado: – o *flirt* é a aquarela do amor...

E aqui paramos todos num súbito receio. Será? Será realmente a aquarela? A aquarela ou a sombra chinesa, a sombra chinesa ou o verme, o verme ou a luta?

Oh! não! Deixemos as definições alheias. Há por aí muito preciosismo, e o resto, como dizia Verlaine,¹⁹⁰ é literatura. O *flirt* é muito grave...

Talvez mais grave do que toda a gente diz. O *flirt* é o resultado de um estado moral da sociedade inteira, é universal. Flerta-se nas grandes cidades e nas pequenas e mais atrasadas vilas, flerta-se subindo o Nilo ou

189. Louis Octave Uzanne (1851-1931), escritor, bibliófilo e editor francês.

190. Paul Marie Verlaine (1844-1896), um dos maiores e mais populares poetas franceses.

subindo a rua do Ouvidor, flerta-se à beira do Santo Sepulcro como nos *kursaals* da Suíça, flerta-se a todo o propósito, em todos os lugares e com todas as idades. Mas, flerta-se por quê? Porque o egoísmo é maior, porque o esforço para o gozo íntimo é centuplicado, porque há uma neurastenia absoluta com todos os fenômenos de receio, hesitação e inibição do desejo. Essa neurastenia é decerto o resultado de uma torrencial *surmenage* sentimental, de um período de romantismo e de excessiva entrega de almas e de corpos. O homem deseja, mas teme as responsabilidades; a mulher quer, mas recua diante da responsabilidade e da desilusão. A traição deixa de ser um acontecimento mortal. Ninguém mais compreende a quadrinha de Musset:

*Honte à toi qui la première
M'as appris la trahison;
Honte à toi, tu fus la mère
De mes premières douleurs.*¹⁹¹

A traição é um ensinamento na Dúvida perpétua: não há senhora que queira ser mãe nem mesmo das *premières douleurs*; os grandes sentimentos dissolvem-se; as grandes frases tomam na conversa proporções de megatérios assustadores; teme-se o espasmo e o êxtase, e tem-se o frenesi de os obter. Se o Criador não tivesse feito as coisas cá por baixo menos mal, se a psicologia, depois, não verificasse que no indivíduo

191. “Desonrada és tu a primeira/ Que me ensinou a traição/ Desonrada, foste a mãe/ De minhas primeiras dores.” Trecho de *La nuit d'octobre*, de Alfred de Musset.

são independentes da volição, e por consequência do cérebro, as funções da vida inconsciente, essa vida perigaria decerto. A sociedade só chega ao fim por esquecimento, a sociedade teme, a sociedade não se assusta com o que dizem dela, assusta-se por talvez não encontrar o que almeja.

É a neurastenia. Da neurastenia resultou a delirante crise de esporte, da fúria, da força e das velocidades hábeis, que atualmente agita o homem. O *flirt* é uma consequência dessa consequência; – é um esporte, é a “cabra cega” do amor, em que o homem tem os olhos vendados, é plasticamente curioso, porque se faz renovador das atitudes no amor a espiritualização *in extremis* dos sentidos, a velha luta entre mulher e homem numa paralela em que o encontro infinito está sempre aí e sempre infinitamente afastado...

Todas as coisas são boas e são más. Ampliando, generalizando, englobando, chega-se à neurastenia difusa como sua origem. Analisando-o apenas, detalhando-lhe a obra, fazendo a anatomia da sua essência perversa encontramos-lhe uma série longa de superioridades e de distinções.

A primeira é a diferença entre o *flirt* e o namoro. Namorar é antigo e virtualmente democrático, namorar é deplorável e velho. Já Horácio,¹⁹² o poeta gordo de Mecenas, dizia: – a pastora forma o beijo para que o pastor o roube. Já todos sabem que, quando julga dar o abraço de posse perpétua, o homem sempre vão

192. Um dos mais importantes poetas da Roma Antiga (séc. I a.C.), autor de poemas líricos e satíricos.

e vaidoso murmura: — *meu* bem! o que é o maior dos paradoxos da espécie homem desde o Paraíso. O namoro é milenar, mas está para o *flirt* como uma proporção aritmética para uma geométrica. Os que namoram são simples, sem espírito e com muita carne; os que flertam têm espírito quase tanto quanto carne e às vezes até mesmo mais. Um rapazola namorador não passa das frases consagradas, dessas tão velhas que parecem velhas sempre alegres: — Quem me dera ser pedra para a sra. pisar! Ou então: — Se eu pedir, iaiá, você me dá? Os jovens *dernier bateau*,¹⁹³ os Priola incipientes, dizem nos salões enquanto as orquestras desafiam valsas enervantes: — Sabe V. Ex. que está alucinadora?... ou então: Que nuca a tua! Um beijo para a minha vida!... O *flirt* só pertence à nata, ao escol, ao *dessus du panier*,¹⁹⁴ ao pessoal *dernière pétrole*,¹⁹⁵ o pessoal que custa a se comprometer, veste bem, cria em torno uma atmosfera de excitantes, e, antes de se entregar completamente, reflete com calma na vida, na carteira de câmbio e nas suas consequências. Nunca passou pela imaginação de ninguém o *flirt* de um vendedor de balas ou de uma lavadeira. É uma ideia que horripila. Entretanto, ao ver três ou quatro cavalheiros com quatro ou cinco damas em torno ao samovar de um chá das cinco, ou num baile, entre espáduas nuas e peitinhos reluzentes, não há quem não diga: Nossa Senhora! Que *flirtation*! Que *flirtage*! — para ir, invejosamente, fazer o mesmo ali adiante.

193. Chiques.

194. Fina flor da sociedade.

195. Da última moda, “moderninho”.

No cérebro do homem de sociedade a noção de *flirt* já se radicou a tal ponto que não há homem capaz de conversar dez minutos com uma senhora sem que lhe emprestem ou que ele mesmo não tenha a intenção de aproveitá-los nessa espécie de *trottoir roulant*¹⁹⁶ do Amor... Flerta-se como se fuma: é um costume adquirido, é um hábito, é um vício permitido. Seria mesmo reparado que não se flertasse. O *flirt* é como o charuto. Fornece a breve ilusão no seu leve fumo, faz mal aos que o experimentam pela primeira vez, e, quando se apaga, não se torna a acender – porque ninguém acende um charuto apagado como não há quem o fume todo, com medo à queimadura do lábio...

Daí outra distinção: a completa amoralidade de que é ele amostra. Nós andamos muito pouco certos da vida para termos tempo de amar com paixão. O amor é uma caldeirada egoística para vorazes glutões.

O *flirt* salta do aperitivo ao café da sobremesa e naturalmente é cínico, é canalha, é amoral.

Amoral sim! A moralidade é uma facécia tristonha que cada qual usa conforme entende para atacar o próximo. O *flirt* é amoral, como o derriço da baixa classe, e essa amoralidade, a completa ignorância do crime é que salvaguarda o estado das camadas sociais. Se tirassem uma costureira modesta, que ama o seu rapaz ou mesmo os seus rapazes, para uma festa de caridade ou um baile onde flertam as *professional beauties*¹⁹⁷ da

196. Sucessão interminável de flertes.

197. Termo surgido nas últimas décadas do século XIX para designar as mulheres que eram vistas como símbolos de elegância e beleza.

estação, a costureira achará isso uma pouca vergonha. Em compensação uma grande dama não suportaria nem a vista de um “reconhecimento” de costureiras à saída do ateliê...

O *flirt* tem além de elegância e da amoralidade a renovação das expressões nos diálogos e a marca indelével de última obra, *devient de paraître*¹⁹⁸ da sedução feminina. Que seria Romeu hoje? Bem, grande cacete. Paulo e Virgínia entre as bananeiras da Ilha de França? Bem, intolerável aborrecimento. E Hernani?¹⁹⁹ E Otelo?²⁰⁰ D. Juan²⁰¹ mesmo para resistir teve que mudar de nome. Já ninguém namora hoje encostado a um lampião de frente da janela da apaixonada, nem há quem diga a sério: – “Ingrata, se não fores minha não serás de mais ninguém!” Tudo isso passou. Algumas palavras prévias antes dos gestos tornaram-se inteiramente inúteis. Quem é capaz de dizer hoje aquele desejo da velha canção francesa:

*Mets ta main, ta petite main,
Ta main dans la mienne?*²⁰²

Pega-se, aperta-se, beija-se e não se diz nada – porque não vale a pena. Em compensação fala-se mal das

198. Recém-publicada.

199. Herói romântico e papel-título do primeiro drama (1830) escrito por Victor Hugo.

200. Otelo, o mouro de Veneza, personagem-título da tragédia de William Shakespeare.

201. Personagem lendário sedutor e libertino, presente em diversas obras da literatura ocidental.

202. “Coloque sua mão, sua mãozinha/ Sua mão entre as minhas.”

pessoas ao lado, e discute-se coisas “que não compliquem a existência”. É nesses momentos que as mulheres põem em evidência os recursos especiais do seu estranho gênio, sorriem, recostam-se, dão risadinhas, arranjam a pose irresistível, sacodem uma renda, uma gaze pura que o seu perfume atue, concedem, concedem até onde querem, são a Tentação lendária em luta com o tentador, nessa análise química do casamento antes e depois que é o *flirt* – análise feita (como a maioria das análises dos que não são profissionais) de surpresas, ineditismos, coisas vagas, coisas falhas, coisas subitâneas, coisas imprevistas uma palavra que quer perturbar e aclarar, um reativo que tenta o rosa e coagula em verde, um ácido posto demais que solidifica...

O *flirt*, como o automóvel, é na nossa sociedade uma necessidade e uma importação. Para os automóveis foram abaixo as barreiras da Alfândega, não houve protecionismo possível. O *flirt* nem precisou de pôr abaixo impostos excessivos, entrou como entram as sedas dos grandes costureiros, desembarcando na praia do Russell, de noite, sem que o fisco desse pela fraude. De origem inglesa ou americana, via New York ou via Londres? Ninguém o sabe nem o quis saber. Se via Londres asseguremos as conveniências da sua moralidade, do *cant* austero e das austeras *miss* que são governantas. Se via New York – o seu lado essencialmente prático. Houve e há quem assegure que o *flirt* chega ao Brasil via Paris, talvez já contrafação, o que lhe importa uma dose a mais de viciosa elegância. O caso é que dominou como os automóveis, dominou

vertiginosamente, e nós ficamos como todos os países sabendo o que é um 40 cavalos e o que é a curva perigosa dessa esterilização do amor.

Naturalmente, se formos perguntar a opinião de um senhor idoso, o senhor idoso dirá: “O namoro de hoje é indecente. No meu tempo não era assim.”

É mania dos contemporâneos, já em declínio, achar a sociedade de agora muito pior que a do passado. O estado está perdido, o catolicismo já foi o que não é hoje, as preliminares do amor são um escândalo.

Nós temos, entretanto, essas três coisas heterogêneas, em que assenta a sociedade: o estado, a religião e o amor recebendo as mesmíssimas censuras através dos séculos e cada vez mais morais. O *flirt*, por exemplo, além de ser uma irresponsável resultante da nevrose geral, é evidentemente moral em comparação com o que se fez outrora.

Há mesmo coisas de um passado próximo que arrepiariam agora.

No tempo do Rei Sol, Luís XIV²⁰³ mandava cartinhas amorosas pelo venerável Bossuet.²⁰⁴ A cidade, o país, o mundo não tremeriam hoje se um presidente de República escolhesse um simples bispo para esse serviço secreto? Se dissermos a uma grave matrona que respeita Bossuet: a X está flertando com o jovem H, a matrona porá as mãos na cabeça, totalmente escandalizada desse meio direto de aproximação. Devemos censurá-la por isso? Não! Ela também pintou o sete,

203. Rei da França (1643-1715).

204. Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), bispo e teólogo francês, um dos principais teóricos do absolutismo monárquico.

se pintar o sete é obedecer às leis fatais da natureza. Apenas pintou de outra maneira e com outro gênero de conduções.

Há no mundo coisas muito diversas, que têm uma secreta correlação. O amor no Rio evoluiu com a viação urbana...

No tempo da colônia, por exemplo, os gêneros de condução eram a cadeirinha e a rede. Viam-se passar pelo largo do Paço sujeitinhos, muito bem deitados numa rede indiana, ao trote de dois pobres negros. A cidade tinha um aspecto de África do Norte, Argel menor, sem franceses domiciliados, mas com assaltos de franceses. As casas eram caiadas de branco, sem janelas, apenas com um pequeno postigo; e, quando janelas havia, essas eram gradeadas.

As filhas dos colonizadores eram como os escravos, sua propriedade. Não sabiam ler e passavam o dia a conversar com as mucamas – o que decerto também fariam os irmãos e algumas vezes os pais.

Quando o noivo escolhido pelo progenitor indagava:

– Dona, quer casar comigo?

A menina baixava os olhos e respondia:

– Não sei; se papá quiser...

Mas não havia namoro? Ora se havia! Havia sim nas célebres missas da madrugada com cochichos à pia d'água benta e recadinhos passados através das beatas de mantilha. Quando a coisa estava demais, os pais mandavam as raparigas para o recolhimento do

Parto ou de Itaipu²⁰⁵ – este último tão cômico que na época do conde de Rezende²⁰⁶ lá se deu um escandaloso processo: as meninas namoravam em bando, trepadas às rotulas do convento, fazendo sinais aos rapazes, no morro do Castelo! Essa era a época da rede e da cadeirinha. Foi também a época do amor relapso, ignorante e hipócrita.

Com a abertura das portas e a chegada de d. João VI, veio a época das seges. As igrejas e o Estado forneciam o elemento aproximativo, as procissões, as missas, porque havia missa a toda a hora: – a missa das quatro em S. José, a missa das cinco, a missa das sete, a missa das oito e meia, a das nove, a das onze, e até a missa do tiro de peça. O namoro precisou de um sacristão, e surgiu o moleque para os recados.

Vieram depois as três etapas da locomoção democrata: a gôndola a seco, o bonde e o elétrico. É a socialização do amor, é o interessante e longo namoro da janela e da passagem da condução – tudo quanto há de lírico e de idiota. Para esse amorinho fizeram-se graves e profundos livros que os nossos avós, os nossos pais e talvez os nossos irmãos mais velhos folhearam muita vez com ânsia. Um deles foi o tratado da linguagem dos gestos. O cavalheiro, passando de bonde pela casa da namorada, podia fazê-la chorar, rir, cantar, ficar triste, alegrar-se. Para isso bastava fazer um gesto. É assom-

205. O Recolhimento do Parto, no Rio de Janeiro, e o Recolhimento de Santa Teresa de Itaipu, em Niterói, abrigavam mulheres abandonadas pelos maridos e moças solteiras internadas pelos pais como punição por mau comportamento.

206. José Luís de Castro (1744-1819), vice-rei do Brasil entre 1790 e 1801.

broso, mas é verdade. Se vinha baforando um grosso charutão, significava apenas: não te dou a mínima importância. Se limpava o suor do rosto: quantos trabalhos me dá! Se passava com a ponta da bengala para o ar: estou de ponta contigo! Se trazia o braço em decúbito: estou com dor de cotovelo, isto é, com ciúmes, com vontade de quebrar a cara ali ao rival. Se trazia o dedo na frente: as coisas não vão bem! Se coçava o nariz: lá vem gente!

Acontecia que esses gestos eram às vezes involuntários, e daí crianças assustadas quando estavam ardentes, brigadas quando o amor era mais forte. Surgiu a linguagem das flores – para simplificar. Um jardim e alguns movimentos bastavam para falar com uma ligeireza de espantar.

M^{me} Charlotte de Latour²⁰⁷ conta-nos isso quase emocionada. Um botão de rosa com folhas e espinhos quer dizer: temo mas espero. Rejeitado, de pernas para o ar: pois não tema nem espere. O mesmo botão sem espinhos: pois acho que tenho tudo a esperar. Reentregue sem folhas: A temer, é que é. O lírio significava: começo a amar! a tulipa: declaro-me! o mirto: amo-te! o narciso: que egoísta! Como porém a espécie, a cor e a posição da flor influíam ao mesmo tempo, um cidadão se tivesse na mão a balançar uma flor vermelha podia ir a dar pinotes de alegria que a namorada compreendia imediatamente esta ameaça tremenda: cuidado! estou com vontade de beber-te o sangue!

207. Pseudônimo de Louise Cortambert, autora de *Le langage des fleurs* (1819).

Foi então que surgiu a carta, a epístola amorosa. Já os bondes chegavam à Real Grandeza... A carta de namoro! Durante anos foi a nevrose das meninas e o micróbio dos sonetos. Uma quadrinha daquele tempo diz mesmo:

Uma menina brasileira nata
Quando apanha uma paixão
Compra logo uma caixa
De papel diplomata.

Os namorados também compravam, e a musa urbana que guarda todas as verdades e todos os fatos desde a guerra de Troia até a ascensão de um balão esférico, a musa urbana acrescentava:

Sinhasinha presumida
Com seu cabelo loiro,
Fica toda delambida
Com a carta de namoro.

A carta é um gênero literário. Os nossos pais deviam ser terrivelmente letrados. Mas não foram. O estilo tropeçava na emoção, e de vez em quando a franqueza era mais forte do que a fantasia. Houve um que terminou a missiva neste grito d'alma:

Deste que de ti se esconde
Sempre teu e teu Oscar
Note Bem: não vou jantar
Por não ter um níquel pro bonde.

E guarda-se mesmo aquele *postscriptum* célebre: “Se

teu pai ou tua mãe aí estiverem, não leias esta senão mais tarde.”

Depois dessa complicação toda, o namorado entrava em casa. Era o ponto terminal, a “chocação”, o momento de recitativo – “Seu Antenor, o sr. recita? – Um pouquinho, d. Elvira. – Qual é o seu poeta predileto? – Casimiro de Abreu. – Também é o meu.” Foi ele que disse: simpatia é quase amor!... Olhares. O namorado tosse, vai para o piano – onde a Dalila soluça. – “Amor e medo” anuncia, deitando um suspiro:

Quando te fujo e me desvio cauto
 Da luz de fogo que te cerca ó bela
 Contigo dizes, suspirando amores:
 Meu Deus! Que gelo! que frieza aquela!
 Como te enganas! meu amoré chama
 Que se alimenta no voraz segredo...

E seis meses depois estavam casados – para toda a vida! E ano e meio depois produziam um filho, com promessas de outros exemplares – fechando a vida passional nesse círculo tranquilo de reprodução honesta com batizados e festas de aniversário! Misericórdia! Como vai longe isso!...

Um belo dia apareceu o Ariés 60 cavalos. Havia sido aberta a primeira Avenida; os motoristas eram inábeis, mas o carro partiu varrendo as recordações, deixando o próprio elétrico ponto vago numa vaga nuvem de poeira, e surgiu o *flirt*, o minuto, a sensação rápida, e egoísmo, o passeio vertiginoso em torno do perigo... Era a última etapa da viação urbana antes da provável e muito próxima viagem aérea. É a últi-

ma forma do amor, antes de o vermos definitivamente pelos ares...

Como seria interessante se uma senhora passional se resolvesse a contar as suas impressões masculinas, a razão das suas predileções, motivo da simpatia!

Só assim talvez tivesse o mundo uma lei psicológica para o *homme à femme*, que às vezes é feio, outras lindo, numas brutais, noutras açucarado, que surge hércules de feira ou adônis, que pode ser um gênio e um crápula e pode ser um estúpido e um ingênuo. O *flirt* é em grande parte uma consequência de reflexões da mulher – a mulher que escolhe sempre e sempre tem o que deseja. Os tipos brilhantes de tentadores são tidos como volúveis e por eles a mulher tem uma irresistível boa vontade. Musset, que foi um grande conhecedor do assunto, já o prognosticava e, ainda há pouco, com perfeição e sutileza o afirmava Anatole France. A mulher deixa-se mais facilmente prender pelo *flirt* amável, pela galanteria espiritual, pela corte desenvolva de um cavalheiro menos apaixonado que pela paixão silenciosa, por vezes maçadora de um louco adorador. Os satânicos, os ousados triunfaram sempre; Camors, Priola²⁰⁸ dominam, ao passo que Werther²⁰⁹ e Lorenzacio²¹⁰ andam por aí a morrer. E por quê? Sim, por quê? Porque a vida é o momento, porque a eternidade só pode ser

208. Personagens da comédia *Monsieur de Courpière*, de Abel Hermant, sobre a qual João do Rio publicou, em 1907, no *Correio Paulistano*, o artigo “Uma peça cínica”.

209. Personagem de Goethe em *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774).

210. Drama de Alfred de Musset, escrito em 1834.

compreendida por uma sucessão de mortes, porque o único grande sentimento é aquele que não fatiga, atrai, esvoaça, foge, reaparece e se perpetua na curiosidade. O *flirt* resulta dessa teoria tão bem explicada pela nossa venerável mãe Eva, o ser de adaptação que a tudo se amoldou para nos moldar ao seu capricho.

Hão de conhecer aquele diálogo da *Mulher sem importância* de Wilde?

– Vamos tomar chá?

– Gosta então dos prazeres simples?

– Adoro-os. Os prazeres simples são o refúgio das almas complexas. Mas se quer, fiquemos aqui. O livro da vida começou com um homem e uma mulher num jardim.

– E acabou com a Revelação...

Hoje, o livro da vida está muito mais complicado, e o amor é um delicado drama musical em que as árias de sedução se complicam de assonâncias e de instrumentações raríssimas. O *flirt* é uma arte de instrumentação de desejos, capaz de agradar a todos os temperamentos, mas, talvez por isso, difícil.

Se o executante for falho e não conhecer bem a partitura, é um desastre; se o artista apenas saído do *Vem cá Bitu...*²¹¹ com um dedo só, arrisca a mão ao excesso de batucar um prelúdio, tem diante de si o escolho da perdição.

211. Canção infantil de domínio público, com melodia simples.

É preciso saber tocar, harmonizar os temperamentos, afiná-los pelo diapasão do mais forte.

O *flirt* ensina-se pela espécie de *flirteuses*. Encontramos, por exemplo, a *flirteuse* profissional, uma senhora que tem em geral o vício de ver todos os homens a seus pés para meter ferro às amigas, convencer-se da sua radiosa beleza e prosperar. Orça pelos trinta e tanto e toda a gente a chama: bela M^{me} Gonzaga. Esta dama é vaidosa como uma artista, artificial como um cômico e inteiramente insensível. Que fazer? Flertar! Como? O coro de *Tannhäuser*,²¹² frases de efeito e de obrigação. Vem em seguida a *flirteuse* ingênua, que faz isso por instinto lançando a isca de casamento um, dois, três anos, sempre linda, talvez mais linda. Então? Aproximação de *Lohengrin*²¹³ e uma fuga, uma fuga de Mozart... Mas há ainda a *flirteuse* estourada, que faz tudo por esporte e traz atreladas ao carro pelo menos três parelhas de gulosos de amor; a noviça desejava de conhecer tudo; a romanesca que procura atitudes antigas e treme como deveria tremer uma dama da Idade Média à declaração do pajem fatal; a irônica envenenada, louca de desejo mas troçando, troçando porque é essa a sua única defesa; a perversa que só flerta com o cavalheiro ali ao lado para arrelhar o marido, o noivo, ou as mais das vezes a mulher do cavalheiro; a casada que tem obrigações; a divorciada cuja posição é tão delicada na sociedade, a virgem que começa a dar grandes liberdades...

212. “Coro dos peregrinos”, trecho de *Tannhäuser*, óperado compositor alemão Richard Wagner (1845).

213. Ópera de Richard Wagner (1850).

Para a coleção de temperamentos femininos, cada qual a requisitar um estilo de *flirt* diverso, há a multiplicidade de tipos de homens.

A variedade é ainda maior. Há o irresistível, o sujeito de atitudes tremendas que quer, exige; o ser-
viçal, que vai aos recados, trata dos cachorrinhos; o *smart*,²¹⁴ devendo ao alfaiate, e sempre preocupado com o vinco da calça, o polido das unhas, o passo inaugurado no *footing*²¹⁵ matinal; o curioso que se intitula modestamente “ledor do coração da mulher”; o diplomata convencido da obrigação de fazer declarações em cada canto do salão; o tímido – o *flirt* é a delícia do tímido! – o tímido que, tendo a certeza de que aquilo é só aquilo, aproveita a ocasião e transborda o coração; o brusco que só fala de *rowing*,²¹⁶ touros, automobilismo; o inofensivo, água sedativa nos momentos de transição; o pedante que escreve cartões-postais com os versos alheios; o vaidoso convencido de paixões gerais: você já viu o olhar da X? Aquela Lili Perés tem por mim um caído!... o conhecedor: a mim é que elas não enganam! sendo enganado a cada passo...

Para a justaposição desses temperamentos, para a harmonia do duo, que é preciso manobrar com perícia, sem que a dama caia. Desde que se cai, o *flirt* deixa de o ser. *Flirt* é apenas pender. Por isso Stechetti,²¹⁷ para acalmar possíveis sustos, escreveu:

214. Elegante.

215. Passeio, caminhada.

216. Remo.

217. Lorenzo Stechetti, pseudônimo do poeta italiano Olinto Guerrini (1845-1916).

Pieno di scene orrende
 Sarebbi il mondo entier
Se tutto qu'el che pende
*Dovesse, oh Dio! cader...*²¹⁸

Esta é a parte principal do contraponto amoroso.

E é gravíssimo porque nos climas tropicais às vezes não se resiste ao que pende, cai-se, e o *Flirt* passa a ser – a miséria de um aperitivo para esfomeados...

Quando já se sabe isso, quando tanto a mulher que domina e o homem que é dominado sabem os gestos convencionais, resignam-se à fatalidade da vida preciosa e passam, riem, folgam de acordo sorrindo do próprio mal ao vê-lo no casal próximo – há então a necessidade da prática, do conhecimento das relações entre os ambientes e os temperamentos. “Nós amamos como vivemos”, diz o analista. A segura, o cálculo, o desejo do confortável, eis o mobiliário das almas atuais. Nasce nesse meio o *flirt* que dá o prazer sem despesa, um pouco de voluptuosidade sem consequência, permite dizer tudo sem fazer nada. Como tal é preciso ter de cor a ária da sedução, aproveitar os momentos definitivos, o baile, o canto junto à janela, as horas, as horas, essas terríveis ancilas da vida, que, como todos os criados, são às vezes desagradáveis, as horas que se dominam de tempo em tempo *l'heure du berger*²¹⁹ e a *hora do carvoeiro*.

218. “Cheio de cenas horrendas/ Seria o mundo inteiro/ Se tudo o que pende/ Devesse, oh, Deus! desabar.”

219. Momento do encontro amoroso.

E os dias? Já um personagem ridículo de uma comédia parisiense caricaturou os versos do poeta dizendo que há um dia no amor azul, outro cor de rosa, outro amarelo, e outro que ele chama cor de treva. E a idade? Há assédio mais sábio que o de um homem de quarenta anos? Há ataque mais desconcertante que o de uma rapariga de vinte?

Quando se chega a esse conhecimento sutil, só aí nos aparece, como uma resultante, o dom de agradar.

*Ce don de plaire, en nous plus souhaité
Que n'est l'esprit, plus surque la beauté.*²²⁰

E que no século XVIII era tido em tão boa conta.

A prática de tais cometimentos deixa naturalmente alguns amargores nos que ensinaram e perderam os discípulos. Mas não se fale em ingratidão, Stendhal dizia que não pode haver ingratidão no amor. O prazer de momento paga tudo, até mesmo os sacrifícios maiores...

E esse prazer do momento classifica-se, divide-se em classes, subclasses que a prática esclarece. Há o *flirt* de bonde, com contatos misteriosos e frases breves sem olhares. O maior prazer do amor é tocar, é pegar. Há o *flirt* imperativo, que começa por ódio e que acaba no prazer delicioso de duas carnes que se correspondem. Há o *flirt* passatempo, quando não se tem que fazer e se espera o outro. A maioria dos *flirts* é assim, porque a mulher sente a necessidade da lisonja perpétua e o

220. “Esse dom de agradar, mais desejado em nós/ É apenas o espírito, mais seguro que a beleza.”

homem faz da mentira galanteria. Há o *flirt* casado. Oh! esse! É possível esperar tudo? Há o *flirt* solteiro, sem ponto terminal. Há o *flirt* contínuo, o sujeito que algumas damas trazem como as luvas, sempre, sempre opacos, sempre ácidos, sempre tristes. Há o *flirt* exasperante, que alguns chamam branco e toma às vezes a corda congestão. Há o *flirt* galanteio: – Como está bonita hoje! – Acha? – Acho. – É sempre assim para todas as mulheres. – Se todas as mulheres lembram-me a senhora! – Diga-me, foi ontem à casa dos Belfort? – Fui, não podia deixar de ir. M^{me} Belfort estava de veludo preto. Veludo! Aquele vestido deve ter a idade do marido. – E porque não a dela? – Porque ela é ainda mais velha do que ele! – Mau! – Oh! esse seu cabelo caindo assim na nuca é de enlouquecer. – Porque não enlouquece? – Para não beijá-la agora, já... – Olha, gente... Toda uma súbita cumplicidade de ousadia e de recusa. Há o *flirt* má língua, o *flirt* inteiramente puro, ela e ele admirando a beleza e procurando o meio de senti-la; o *flirt* poliglota, denominado por alguns *ras-ta*, *flirt* em que ele estudou na Áustria, na Suíça ou na Inglaterra, e ela por lá passeou depois de ter cursado com brilho Sion, a classe grená, a classe salmão, a classe bege, todas as classes, *toutela lyre*²²¹ do estudo. Há o *flirt* outonal, o último *flirt* da idade de amar já sem reflexão, o *flirt* de *Maman Colibri*²²² dos quarenta

221. Todas as etapas.

222. Drama escrito pelo francês Félix-Henri Bataille (1872-1922), conta a história de uma mulher de meia-idade que se envolve com um rapaz mais novo.

anos loucos da paixão... E há até, ó velhos deuses do Prazer e do Amor – o cume da montanha, o pico do desvairamento, o *flirt*, quase deixando de ser *flirt*.

Toda a gente sabe que o prazer é uma impressão física difusa. Ao receber uma boa notícia, a circulação acelera-se; quando se ouve música, um maxixe ou um noturno de Chopin o nosso físico acompanha a emoção da onda sonora. O *flirt* é uma estranha música. Quando chega ao cume, há uma fermata tremenda. A vibração dos instrumentos faz gemer o ambiente num derradeiro soluço. O polo negativo e o polo positivo obedecem à atração. Cada gesto é um assombro, cada olhar, um êxtase. Outro mundo – acorde final.

É a catástrofe. E, neste caso, o *flirt* estala, lira branda e delicada para ter por muito tempo as cordas tendidas num tão furioso arranco...

O *flirt*, porém, não é só um renovamento das atitudes do amor, o resultado da nevrose moderna, a última etapa da sedução da Mulher.

O *flirt* é também entre nós um reformador de costumes e o propulsor de uma literatura nova. Ao amor antigo na nossa terra, ainda colônia mental, bastava uma janela e um piano. O amor atual, superintelectual mesmo quando praticado pelos que o são menos, trouxe da Inglaterra a necessidade do *comfortable*, das avenidas de New York a necessidade de espantar; de Paris o que nós, banalmente, chamamos o *chic*. As habitações antigas tinham tudo, menos o senso decorativo interno; e as casas de muito luxo, os *athome*²²³ da gente fina

223. Recepção.

lembravam um sonho *rocaille*²²⁴ com elefantíase. No começo da República ainda era pior, e a falta de gosto de Encilhamento,²²⁵ a estridência espalhafatosa dos bárbaros ávidos de gozos brutais não podia ser senão o que foi: uma crise feroz de papel dinheiro e fartura de filisteus. O *flirt*, instintivamente e quase de súbito, ensinou o encanto de fazer de uma casa a moldura relevo da mulher. Dantes havia a pobre baronesa, que aturava as recepções do marido ministro, fazia doces e conversava costuras. Hoje há um ser perturbador, que, para ser totalmente admirado, provoca um sentimento independente da posição do marido ou do pai. Há as recepções de madame, vai-se ao chá de madame – e o marido na sua casa, onde há trinta anos só se entrava quando ele lá estava, passa à segunda ordem e chega às vezes a passar despercebido. Daí os serviços leves de jantar guiados por chefes vindos de França; daí esses capitosos salões, onde madame recebe os íntimos, entre *bergères* estranhas e divãs feitos para o efeito dos longos *tea-gowns*;²²⁶ daí as coisas de elegância que aguçam o instinto do vaporoso, do raro, do precioso; daí o renascimento da decoração interna.

Por outro lado, o homem anterior ao *Flirt*, se pertencia à perigosa classe dos intelectuais, usava umas cabeleiras selvagens e umas roupas feias; se era normal, consertava mais a pastinha durante o namoro, punha

224. Rococó.

225. Nome pelo qual ficou conhecida a política de amplos créditos à indústria e farta emissão de moeda adotada pelo ministro da Fazenda, Rui Barbosa, no governo de Deodoro da Fonseca.

226. Vestido próprio para eventos informais.

uma flor ao peito, e tinha no máximo três fatiotas. A elegância masculina era uma hipérbole violenta, ignorada pelo estranho e usual conjunto da calça de brim branco, do fraque preto, da cartola e da bota de verniz. O homem tinha a pretensão insolente de ser homem, o macho pai de família, superior à mulher, senhor da mulher, que a tomava para seu gozo, seu brinquedo, a mãe dos seus filhos e a primeira das suas criadas. O homem era estupidamente fátuo, mais do que sempre. Hoje, chegou à convicção de que o amor não é contrato de arrendamento de uma casa, de que é preciso conquistar todos os dias o que conquistou no primeiro, tendo ao lado a concorrência, senão legal, pelo menos humana, de uma turba de adoradores.

A mulher é o sol; os homens giram-lhe como loucos em torno, esmolando o calor que fecunda, que faz viver e que mata. Cômico da sua fraqueza, o homem perdeu a confiança no próprio físico, voltou-se para o espelho, limou as frases e limou as unhas, inventou laços de gravata e sorrisos gentis. O dandismo é o egoístico desejo de agradar. O dândi vive do *flirt* como o girassol de um raio solar.

E não ficou só aí, na transformação dos moldes decorativos das casas, na transformação do homem, na extinção do preconceito que não admitia uma conversa mais longa entre uma senhora e um homem, sem o cochicho, a calúnia, a sova do pai, a raiva do irmão e o ciúme do marido! O *flirt* renovou a literatura e as preferências artísticas. Em toda a parte do mundo desde a Índia, a literatura guarda as feições do amor. Com a

Arte de amar, de Vatsyayana,²²⁷ os poetas fesceninos da Grécia, os depravados poetas latinos, os romances da cavalaria, os alambicados escritores do século XVIII e o romance moderno, estuda-se a evolução do Amor. Menos que isto. Basta consultar os livros sagrados do *Kama Sutra* ao *Korão*.

Aqui, porém, já lá fora havia Bourget e Hervieu,²²⁸ nós ainda estávamos fatais, correndo atrás da *Moreninha*, dando passeios de barca com o *Moço louro*, tendo por ideal a *Iracema*, ou o *Guarany*, onde, como se sabe, um índio de tanga, pegador de tigres, tem o exotismo de amar uma pequena denominada Ceci... Se a prosa era assim, o verso redobrava de cabeleira e de fatalismo chorão. Tudo quanto nos delicia, encanta e alegra, tudo quanto nos dá o prazer de viver, era para os poetas motivo de horror; e não houve um só que não criminasse a valsa, o baile, as festas. Quando já se falava em Nietzsche, nos super-homens, nas complicações do *Coeur de femme*,²²⁹ ainda a poesia tremia indignada.

Ontem no baile...

O *flirt* renovou tudo isso – porque a mulher o quis e o que quer a mulher quer Deus...

227. Possível referência a *Arte de amar*, do poeta romano Ovídio, equivocadamente creditada por João do Rio a Vatsyayana, autor do texto erótico indiano *Kama Sutra*.

228. Paul Hervieu (1857-1915), romancista francês.

229. Provável referência ao romance *Coeur de femme*, de Paul Bourget.

O *flirt* corresponde à eletricidade e à rapidez contemporâneas, e literariamente assim como o romance correspondia à fatal paixão – hoje reflete o único gênero de literatura lido – a crônica.

Depois – Se pensarmos bem, tudo hoje na terra é *flirt*. Desarticulai a palavra, vede o sentimento que a compôs. *Flirt* é na sua essência o sonho acariciador do ser atual querendo e hesitando realizar uma ação futura. Em *flirt* constante vive a nossa alma, *flirt* dos contemplativos, *flirt* dos neurastênicos, *flirt* mesmo dos que se julgam fortes. Querer e não ter coragem de se apossar por inteiro, é bem a nossa alma febril, excitada, nervosa. Tentar quase entregar-se, ter um pouco mais de coragem que não basta, viver na eterna vibração das sensações por conhecer, e bem a alma da misteriosa mulher de hoje. Sim! Tudo é *flirt*! É um *flirteur* o poeta, é um *flirteur* o bolsista, é um *flirteur* o *clubman* no eterno namoro da Sorte, a única deusa que nos resta do esfarelamento total dos deuses! Quem sabe se o *Flirt*, tão agudamente moderno, último meio de aproximação do Homem e da Mulher não é a crise da Revelação? Quem sabe se, inconsciente, o homem não vê nessa transformação a mulher, afinal livre de todos os preconceitos que a escravizavam e a humilhavam? Quem sabe se a mulher, agindo pela frivolidade para conquistar as grandes cousas, não tenta o derradeiro esforço para ser a companheira igual, o símbolo da Perfeição, ela que foi o símbolo da Beleza em Vênus, surgindo da espuma oceânica, o símbolo da abundância em Ísis chorando o Nilo, o símbolo da Castidade, em Maria,

Nossa Senhora? Talvez!

Neste grande momento, entre gazes e sedas, ela é a Sedução, a Sedução irresistível, que faz transpor mares e montes, que arrasou Troia, que transforma o orbe; neste momento, a Sedução criou o *Flirt*, palavra de seda que parece um ruflo de asas e que exala todo um inebriante perfume. O homem agita-se. A mulher o guia.

Sigamo-la nessa delícia perturbadora, ó homens mortais e fracos, porque, no seu sorriso divino que perdeu Adão e nos salva a nós, o *flirt* é talvez o desabrochar da perfeição!...

Mas talvez tenha eu dito muito. Exagero. O arrebatamento, a generalização surgem do muito pensar nas permissões do interessante prazer.

Que importa? O exagero é sempre perdoável quando é dedutivo.

Flirt? Palavra com que se denomina uma espécie estranha da aproximação. Mau? É tão fácil atacá-lo! Bom? É tão fácil defendê-lo...

Que importa a definição se tu o gozas? Já Goethe dizia: “Se com este sentimento tu és feliz, chama-o como entenderes: felicidade, coração, amor. Deus!”

A delícia de mentir

Foi com surpresa que abrimos o testamento do homem interessante, dias antes ainda sorridente e alegre. Nenhum de nós sentira a sua morte nem jamais pensara em julgá-lo um filósofo. Ao sabermos, porém, que nos deixara depositários das suas últimas ideias, à ausência de opiniões sucedeu lisonjeiro juízo. Um de nós foi de preto ao tabelião.

Outro exclamou:

– Cá estou a cumprir a última vontade daquele poderoso cérebro!

Os quatro esperávamos febris a abertura solene. O tabelião sorria tristemente quando a procedeu, e ao tomar do papel disse:

– Era um espírito exótico o vosso amigo.

Era-o de fato. O testamento dizia: “Deixo toda a minha fortuna a instituições de caridade, cuja lista se acha, com as respectivas somas, em mãos do

testamenteiro. Deixo porque elas são o expoente sentimental da mentira social. Deixo metade da minha fortuna a quem ficar provado nunca tiver mentido ou dissimulado. E deixo também os juros desse dinheiro, porque ainda está para nascer o homem sem mentira. Deixo aos cavalheiros esperançados presentes a esta leitura o segredo de vencer na vida pelas suas quatro artes capitais: a arte de engrossar, a arte de jornal, a arte de parecer, a arte de amar. Estas quatro artes são desdobramentos do fator básico da vida que é a mentira. Todos mentem. A vida é mentira. Saibam mentir sempre com inteligência, façam de mentir uma delícia e terão a felicidade. Com a transmissão desse segredo julgo dar-lhes mais que se lhes desse todo dinheiro ganho a fazer da mentira uma delícia.”

O tabelião ficara sério ao terminar a breve leitura. Os três cavalheiros sorriam amarelos. Houve um mesmo – o que minutos antes considerara o defunto “poderoso cérebro” – com a coragem de exclamar:

– Pilhéria de mau gosto! Velha e de mau gosto!

Eu achei-a interessante não porque fosse nova – não há nada de novo no mundo –, mas porque desbastara com simplicidade um erro que acompanha o homem desde o tempo do diplodoco. E o erro é considerar as diversas etapas da mesma mentira, mentira social, mentira ilusão, mentira ideal como conquistas da verdade, coisa inacessível inventada para nos dar que fazer e cansar as gerações em corridas vertiginosas.

Através das épocas, que encontramos nós? Ilusão,

mentira, quimera, ideal. Através dos homens, que vemos? Egoísmo, vaidade, ambição, mentira, ilusão. Um espírito vulgar como o dr. Max Nordau,²³⁰ um desses espíritos que acreditam ter encontrado a verdade quando afirmam aberta uma porta que viram aberta, fica encolerizado e escreve um livro capaz de agradar os seus irmãos, intitulado as mentiras de todo dia, mentiras convencionais, e rugindo contra elas com uma coragem de mentir verdadeiramente escandalosa. Um espírito inteligente que estude a vida pelo prazer de a estudar, ajusta os fatos, tira ilações, sorri e aproveita o que não pode evitar como um prazer e uma delícia. Protestar é estar contrariado. Concordar é sempre aproveitar. A vida é mentir aos outros e a si mesmo, a vida do homem é de tal forma a mentira que o homem é o único animal capaz de corar na superfície da Terra. Andamos de engano em engano, de ilusão em ilusão, de mentira em mentira. O humorista americano acabou por dizer: “Quem vive o bastante para saber o que é a vida compreende o reconhecimento que devemos ter ao nosso primeiro pai Adão: foi ele quem introduziu a morte no mundo...”

Introduziu por engano, comendo com Eva a melhor maçã. Antes, segundo o verso de Sully Prudhomme,²³¹ já arranjava coisas para cobrir a nudez e assim mais poder gozá-la.

Le seul des animaux qui se soit fait des voiles

230. Médico e ativista sionista húngaro (1849-1923).

231. René François Armand Prudhomme (1839-1907), poeta francês, ganhou o primeiro prêmio Nobel de Literatura (1901).

*Pour jouir de la nudité...*²³²

Queremos a justiça, a bondade, a honra, a integridade, para mascarar e ergastular instintos. Os prazeres estão presos religiosamente nos pecados capitais e nos dez mandamentos. E queremos principalmente a verdade.

– Pela minha honra, juro falar a verdade!

Que verdade? Qual delas? Onde? Mas é possível ter certeza daquela verdade, se a própria natureza é uma colossal *truquage*?²³³ Mas que é verdade?

O nosso primeiro balbucio é mentira porque é ignorância inocente. Uma criança tem do mundo ideia errada ao entrar nele. Que fazem os homens grandes? Dão-lhe como melhor sentimento várias mentiras. Se o menino chorar vem aí a velha da floresta para comê-lo de espeto, se o menino teimar o saci está atrás da porta, e no dia de Natal é o sr. Noel que lhe traz brinquedos. Se nasce outro petiz, o pai apressa-se em dizer:

– Menino, vem aí um irmãozinho para você. Foi Papá do Céu que o mandou na cesta das compras.

São mentiras puras, mentiras para conservar imáculas as almas dos anjos. Apenas não deixam de ser mentira e não conservam nada imáculas as ditas almas porque, sendo a mentira o engodo do instinto curiosidade e

232. “O único dos animais que fez véus para si mesmo/ Para desfrutar da nudez.”

233. Trucagem.

sendo a curiosidade insaciável, a curiosidade continua a querer mais mentiras e surgem as outras depois...

Feita a iniciação, nós mesmo em crianças começamos a mentir por conta própria para evitar ralhos, castigos, para inconscientemente gozar o que ficou combinado ser o mal. Os meninos no colégio mentem ao professor para escapar a penas, mentem aos colegas para ter importância. Não há, nos colégios, um rapaz ou uma rapariga cujo pai não seja um personagem de primeira ordem. A vaidade, que é uma mentira, desabrocha na alma infantil. Quando se chega a homem ou a mulher (o que é muitíssimo pior porque a mulher é mentira desde a sua origem), a mentira é a base dupla da vida como utilidade. Platão disse que as lições mais belas são as mais perigosas. Diderot²³⁴ escreveu: “Não se mente quando não se tem a pretensão de ocupar o próximo.”

Armado dessas mentiras capitais, o homem surge na sociedade e começa a mentir mais. Mente no amor, mente em negócios, mente para subir, mente para se segurar. O salva-vidas da política é a mentira. O esteio do amor é a mentira. A base da prosperidade é a mentira. E só uma coisa vence a mentira: uma mentira maior.

É a mentira útil, a mentira orgânica, a mentira social. Dentro dessas é que há as mentiras infantis, os exageros, que a sociedade aumenta para fingir que só eles são mentiras.

234. Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor francês, foi o editor da *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1750-1772), a primeira do gênero.

A pátria de D. Quixote tem o andaluz das anedotas, homem capaz de fazer a namorada passar pela chuva sem guarda-chuva e sem se molhar, porque dela a livrava ele combatendo os pingos d'água com o seu espadim. A França tem Tartarin.²³⁵ E os países de grandes ideais ou de grandes esperanças, mentiras belas ou horríveis guardam sempre as mentiras das anedotas como uma válvula de segurança. Nós, por povo jovem e esperançoso somos, como toda a América, os exagerados, os blefistas ingênuos.

Qualquer cousa que o brasileiro consegue fazer é, principalmente para ele, o motivo de uma grande admiração. Exagera então o aplauso e perde-se de tal forma em palmas e na própria idolatria que esquece de continuar e deixa tudo em meio. Daí a desproporção, o lado nevrálgico de exagero, a falha, e daí essa outra terra que nós inventamos por ter aberto quatro ou cinco avenidas e estendido o asfalto em meia dúzia de praças. Não há verdade. Eu abro os jornais da manhã como leio o humor do Swift²³⁶ ou de Jerome K. Jerome...²³⁷

Nós mentimos pensando fazer a verdade. É o maior erro da Venerável Impostura. Achamos um mal o supremo bem, a única razão de ser do homem. Evidentemente, não falo de mentira no sentido estreitamente teológico, nem no sentido dicionário,

235. *Tartarin de Tarascon*, obra do romancista francês Alphonse Daudet (1840-1897).

236. Jonathan Swift (1667-1745), escritor irlandês, autor de *As viagens de Gulliver*.

237. Escritor e humorista inglês (1859-1927).

nem como se conversasse com as crianças com a nobre ilusão de fazê-las legislativamente morais. Falo da grande mentira que é o sangue da vida, a Mentira com todos os seus sinônimos de ilusão ideal, hipocrisia, invenção, simulação, dissimulação, fingimento, disfarce, engano, mentirinhas, mentirolas, petas, patranhas. Mentira vem da palavra *mens*, que significa alma; ideal do grego *eidô*, que significa eu vejo. Ora, o mundo não passa de um resultado de ginástica psíquica, de um fenômeno de autossugestão do homem. A Terra tal qual a vemos é a primeira mentira, a mentira inicial. Tudo o mais é um resultado ou de ilusão ou de imaginação. O padre Vieira andou muito bem quando disse: “No arco da velha não há cores senão enganos corados, ilusões da vista.” Em tudo há apenas ilusões dos sentidos formando a ideia. O receio da sempre desagradável natureza fez-nos inventar os deuses. *Primus in orbe Deos fecit timor.*²³⁸ Nosso Pai Venerável, vendo que havia coisas não por ele criadas, antes da descida da árvore, tratou de inventar os autores dessas coisas, à sua imagem. E depois foi inventando, inventando, criando, enganando-se, simulando, fingindo na obra de aperfeiçoamento e de sociabilidade que é a democratização da mentira, a ponto de estabelecer a diferença da verdade e da mentira, que em última análise não passa da ilusão primeira do princípio do bem e do mal: o bem agradável, o mal que incomoda, o bem luz, o mal treva. O homem pensava, e, mais do que isso, falava, conseguira resumir num certo número de palavras as suas

238. “Primeiro no mundo, o temor criou os deuses.”

ideias. A palavra! *La parole a été donnée à l'homme pour déguiser sa pensée.*²³⁹ E nós tivemos as religiões mais ou menos parecidas, pelas quais os homens se bateram com a ilusão da vitória, e a Terra foi povoada de deuses, às vezes com o mesmo nome e de formas diversas, de outras com a mesma fisionomia mas qualificativos diferentes. E depois, cansados dos deuses, os homens quiseram interpretar a natureza e vieram os sistemas filosóficos. E depois os homens levados pelo instinto quiseram dominar o mundo e vieram as descobertas científicas. E depois os homens quiseram o conforto de imperar individualmente e veio a liberdade e o acordo da sociedade moderna. A base da vida é um inconsciente egoísmo insaciável, e egoístas temos o sentimento da preservação e o instinto da luta.

Hoje, o homem civilizado é o animal mais coraçado de mentiras do orbe. Tem em primeiro lugar a mentira religiosa. Pensa ou finge acreditar numa certa verdade religiosa inventada por ele, julgando ignorantes ou devassos os que acreditam em outras, e sendo enfim, com mais ilusão e mais palavras, no fundo o mesmo fetiche da luz e da treva, supersticioso da sorte e do caiporismo. Essa mentira é forrada de ingênua quando não infernal hipocrisia. As meninas vão à missa namorar convencidas de que são tementes a Deus. Os homens respeitam Deus – porque uma sociedade sem religião não existe. Um cavalheiro já disse que a profissão de Deus é a menos desacreditada do mundo. Deus é ao menos o mais antigo monarca da Terra, porque

239. “A palavra foi dada ao homem para mascarar seu pensamento.”

é o único que reina mas não governa. Vêm depois as mentiras filosóficas e as mentiras científicas. Há moda em filosofia. De seis em seis meses aparece uma nova interpretação do futuro, o sonho do porvir.

Em seguida, com o código, as leis, o direito e as palavras prenes de significação vaga – os preconceitos da moral. Como são preconceitos particularmente tratamos de iludi-los. Um filósofo escreveu: “Se o mundo muda, porque ficaremos nós presos? E, entretanto, a nossa moral acha qualidades essenciais: a constância, a fidelidade. A nossa maior mentira é a fé na duração de qualquer coisa, do prazer ou da dor, do bem ou do mal.”

Nada de proporção. Se gostamos de uma atriz atiramos-lhe com os chapéus e os casacos, esperamo-la na rua e puxamos-lhe o carro cavalaramente até o hotel, quando não lhes fazemos uma *marche aux flambeaux*.²⁴⁰

Vai-se a uma desoladora festa popular. No outro dia os jornais asseguram que a festa foi um deslumbramento, com duzentas mil pessoas e uma passeata feérica. Acredita a gente nas maravilhas do corso e segue para as quartas da moda. Há vinte carros e dez ou quinze automóveis correndo com medo do deserto num grupinho assustado pela vastidão da Beira-Mar. Lê-se a descrição de um dia de Ouvidor, com toaletes espantosas. Engano! Os vestidos são os mais modestos e repelidos. A fantasia é dos cronistas com o auxílio técnico das costureiras para a organização doblefe! Vai-se a uma festa de caridade. O dinheiro é minguaadíssimo, a

240. Marcha com velas ou tochas para celebrações.

concorrência ainda mais. No dia seguinte os papéis impressos asseguram tanta coisa que a gente duvida de lá ter estado. E é em tudo a mesma coisa! Na manifestação aos heróis, na compreensão do que dizem os outros de nós, no comércio, na literatura, nos lares...

E, entretanto, se dissermos a um cavalheiro:

– Você é um grande mentiroso. Você não fez outra coisa na sua vida senão mentir!

O cavalheiro, no mínimo bradará:

– Grosseirão!

E, entretanto, se dissermos a uma senhora:

– Você é mentira da cabeça aos pés!

Estaremos perdidos, porque a mentira se volta contra nós.

E, entretanto, se dissermos a um sacerdote:

– Afora as pequenas mentiras que vocês chamam restrição mental, tudo é mentira.

Ele nos excomungará. E é a única possível verdade jamais dita. Os senhores sorriem?

Mas sim! Vejamos, por exemplo, o amor. O amor é um sentimento desaparecido sob um amontoado de falsas comparações, ideais absurdos, psicologias fantasistas e muita extravagância literária. Da ideia do amor em si, desvirtuada pela hipocrisia desde o advento do catolicismo às ilusões finais, a mentira, ora fantasia, ora

sonho, ora pesadelo, ora vaidade, ora maledicência, ora grosseiro engano vive e rutila. O pequeno deus – e foram os gregos que o fizeram eterna criança, filho da beleza e da guerra – sorri ingênuo e ferozmente envolto na chama da mentira.

Que é o amor, no basileu como no escravo, na imperatriz como na ancila? O desejo de dominar, de mandar, de vencer, o egoísmo do gorila feroz e lúbrico que o grave Taine dizia existir na alma de todos nós. Um poeta da nova geração portuguesa já o definiu.

Assim falou o coração humano,
 Numa voz de pesar inconsolável:
 “Chamam-me barro vil e miserável,
 E todavia eu sou um oceano... Sou o mar tormentoso
 e formidável,
 E sobre mim navega a todo o pano
 Uma sinistra frota, a do tirano
 E velho rei Desejo, o Insaciável...
 Porém, na minha treva há um luar
 – O amor, a linda pérola encantada...
 Mergulhadores, vinde-me explorar...
 Embora! Nunca a roubareis do abismo,
 Que a pérola do amor vive agarrada
 À rocha indissolúvel do Egoísmo...”²⁴¹

Os temperamentos não poéticos estão porém compe-
 netrados – e talvez seja ilusão! – que o luar visto pelo
 artista é apenas a irradiação astral da divina mentira.
 Há um músculo que bate só para si, sabendo que, se

241. Soneto de Francisco Xavier Cândido Guerreiro (1871-1953), poeta e dramaturgo português.

deixar debater só para si, morrerá. E mais nada há senão a nossa incorrigível fantasia hipocritamente mentindo. Desde o primeiro instante do amor começamos a mentir. Não há amor sem mentira. A mentira é a arma. O carcás de Eros é guarnecido de frechas de artimanhas. O amor é a meta pela ilusão de uma vitória que realmente não existe e não existirá nunca. Ouçam as mulheres a sós, juntas para as verem mentir vertiginosamente, ou sem companhia. Têm todas a noção embora vaga que o homem é o inimigo rebelde e que é preciso dominá-lo. Conversem com os homens em reunião para os ouvirem mentir com descaro ou metam-se no cérebro de qualquer deles. A noção única é a seguinte: a mulher é um bichinho inferior que estamos certos de dominar.

E, na tremenda e encarniçada guerrilha, homem e mulher usam de todas as armas.

A primeira é a poesia, a frase vã. O cavalheiro ama e imediatamente passa a montar no ideal, para mais facilmente enganar a conquista. Vem a carta, vem o verso, vêm as aflições fingidas, vêm as comparações delirantes. A literatura está cheia de senhoras que aliam um olhar de gazela a um pescoço de cisne, ao passo heráldico, ao colo de garça e às mãos de madona ou de crisântemos. Diariamente, do sujeito mais humilde ao cidadão mais importante, essas frases são repetidas inexoravelmente a damas de toda a espécie. Com uma fatuidade sem limite e uma credice quase néscia nos seus efeitos, o velho homem, desde que soube escrever, escreveu e ainda neste momento talvez milhões de homens escrevam: “Quisera ser a areia que pisas, para beijar-te as plantas, minha esperança e meu fanal.”

“Sonhei contigo e acordei soluçando. Ainda choro. Quando cessará esta minha desgraça?” Depois o velho homem borrija d’água, como o amante da Bovary, a carta soluçante e murmura: não resiste, é minha!

Em compensação com igual fatuidade, a velha mulher – se é que a mulher podese velha mesmo no sentido da humanidade – lê, sorri, quando acontece a calamidade de ser literata escreve também: sou tua, inteiramente tua, vem meu querido... E sorrindo pensa: “Peguei-o! este é mesmo meu.” O milenar sentimento é o mesmo seja qual for a posição social do par. Enganam-se para reciprocamente dominar. Ai do que, levado pela mentira da ilusão, acreditar e deixar de sorrir. A mentira mostra o campo vasto dos que nela não tiveram fé, e nesse campo vasto todos os sofrimentos, todas as desgraças que atormentam os fátuos da sinceridade.

Mas o amor é uma luta sem tréguas. Ganha a primeira batalha, em que ambos acreditam ter vencido, vem a extraordinária campanha conservação. Não há rei, nem mesmo presidente da República que abandone de boa vontade o poder. E então surge uma outra grande palavra de duas faces: a fidelidade. A felicidade repousa no seguinte princípio: ele acredita que ela lhe é fiel e está convencida da fidelidade dele. Ela acredita que ele lhe é fiel e está convencido da fidelidade dela. Em geral, ele com ambições imperialistas, mas como a Alemanha, o Japão e os Estados Unidos, expansionista, multiplica as conquistas e engana todas. A mentira é de tal modo visceral que a maioria dos homens se julga sem amor se a mulher não desconfia. Nada mais hu-

milhante do que a confiança absoluta. E é no amor que inconscientemente o homem sente a diabólica delícia de mentir. O homem e a mulher.

Há mentiras inteligentes e mentiras idiotas. No caso agradam até mais as idiotas, os grossos enganos.

Entre noivo e noiva há a mentira água com açúcar. Entre amantes, principalmente para o fim, a mentira vinagre. Entre marido e mulher, a mentira chega a farsa.

O marido é o sujeito que afirma. Está nisso a sua salvação. É sabida a história daquele marido que apareceu em casa pela madrugada, sem a camisa, e sem o relógio.

— Que é do relógio?

— É verdade, roubaram-me. Sem relógio. Quem seria?

— Que é da camisa?

— É verdade, mas que graça! Os ladrões também roubaram-me a camisa!

O homem afirma. Afirmar é parecer. Chateaubriand disse que toda mentira repetida acaba sendo verdade. No fim da noite talvez a esposa acreditasse.

O amor, como todas as outras coisas, parece muito mais do que é no fio da vida.

Os sacerdotes egípcios apresentam às pessoas que entram nos templos uma roda, que fazem girar com muita velocidade, e um ramo de rosas. Isto só vale uma

longa e enérgica lição de moral. A roda é o emblema da instabilidade das cousas humanas e da rapidez com que foge a vida. As rosas representam os prazeres e honras do mundo, como as flores, atraindo os sentidos pela beleza e pelo aroma, ao mesmo tempo que escondendo o agudo espinho.

Já um poeta, Maurice Magre,²⁴² lamentava a fadiga que no amor causam os virtuosos e dizia das mulheres:

*J'ai peur de celle-là qui n'a jamais menti.
Elle peut être indifférente, étant fidèle...
L'amour est trop souvent par la vertu trahi,
Et la femme qui ment est toujours la plus belle.*²⁴³

No amor, tudo é instabilidade e ilusão. Só acredita no amor eterno quem nunca amou. E o amor platônico – copo d'água sem água, e o amor ardente – copo de água ardente inglesa, e o amor romântico – refresco de orchata com gotas de absinto, e o amor carnal – bife à portuguesa, e o amor mundano – *éclair*s de confeitaria, e o amor ingênuo – arroz doce sem canela, e o amor viciado são afinal a mesma forma de ilusão em que nos enganamos uns aos outros nos enganando a nós mesmos. Por isso, do amor eu gosto de ouvir os homens e de ver as mulheres. Os homens, os menos fanfarrões, os mais discretos ainda assim mentem sempre e deixam transparecer que ele fez mais do que poderia ter feito.

242. Poeta e dramaturgo francês (1877-1941).

243. “Temo aquela que nunca mentiu/ Ela pode ser indiferente, sendo fiel/ O amor é frequentemente pela virtude traído/ E a mulher que mente é sempre a mais bela.”

As mulheres vão como pequenas mentiras deliciosas. As mulheres são as urnas da suprema ilusão.

Acredito cegamente no que as mulheres me dizem. Um filósofo meu amigo confessava-me: a mulher não é nunca o que parece. É sempre outra. Brinca de esconder com ela mesma. E trouxe com outros esse hábito do paraíso. Mas é o único brinco resistente na grande mentira criada pela imaginação do gorila vaidoso... De resto não há ninguém no mundo, de tal forma está infiltrada a mentira que não estremeça e não tema se alguém lhe diz à queima-roupa: Sei tudo! É excusado mentir!

Como a função parece indispensável, o amor é uma base de interesse formidável. O que se consegue fingindo amor e acreditando no amor! Pelo menos metade da obra de beleza e de progresso realizada pela espécie é devida ao engano das mulheres. E não se diga que é civilização. Tanto as mulheres das cidades como as selvagens têm os mesmos processos. Guardo religiosamente as observações de um viajante sobre uma aldeola da África. Esse viajante coordenou as respostas das negras de tanga, quando os rapazes se permitiam fazer-lhe oferecimentos. No primeiro instante a negra fica séria e responde, seguindo o seu caminho:

Não vou nisso. Por quem me toma?

Depois, mais longe, se não a acompanham, volta-se, sorri:

E se eu fosse, que é que me dava?

Mas o amor e deus – a reprodução e a origem, são dois elementos de fundamental agitação da alma humana. O homem, sem ter nada de positivo a respeito, nem de um nem de outro entra na sociedade e cria a civilização e a moral de acordo com o que resolveu achar bom para precisamente quase nunca o praticar. Nietzsche dizia que a moral é o medo do vizinho. Não. A moral é aquilo que desejamos respeitada pelos outros. E daí nas sociedades constituídas a mentira como a base da vida. Um povo civiliza-se à proporção que sabe mentir mais e melhor. Numa sociedade realmente culta, a verdade, isto é, a mentira ao alcance transitório dos estúpidos é considerada uma perigosa ofensa. Só a mentira irradia. Vejam o código, a moral. A moral legislativa é uma espécie de aperitivo proibitório, um *piment*. Deseja-se honradez. Os maiores patifes são os que mais pregam honradez. Deseja-se pureza. As criaturas menos regulares são as que mais pregam honestidade. Os maiores viciados são os que mais se interessam pela extinção do vício e pela honra alheia. Quando um homem começa a falar de moral de outro, podeis ter a certeza de que secretamente e mesmo até um pouco publicamente esse sujeito é capaz de todas as ignomínias, desde ao chantagem até o crime covarde contra o próprio brio, inexistente aliás ou contra a vida alheia. A maioria dos pregadores de moral tem vergonha da honestidade daqueles de que atacam a moral. E eu que conheço muita gente e a vida de muita gente, tenho uma coleção colossal de exemplos: os maiores crápulas são os que mais vícios encontram na gente honesta.

E haverá o tipo intangível do honesto? E sabemos nós o que é, exatamente, a completa honestidade? Há magistrados muito sérios e íntegros que jogam o dado. O dado é um jogo proibido. O jogo proibido é considerado um vício. O vício é um crime contra a polícia de costumes. Os costumes são intangíveis. O magistrado é o seu defensor. E porque é o dado proibido?... Há homens cuja vida é um modelo de moral e que, entretanto, se deixam enganar e cada vez mais amam. É uma vergonha, é uma ignomínia. Porque, porém, é uma vergonha? E há também criaturas que nem jogam, nem amam, mas roubam, vendem-se, cometem torpezas de toda a ordem e erigem-se em juízes do próximo e são os exemplos da moral.

Tudo é tão vago, tão indeciso, tão encantadoramente ignóbil, tão estupidamente imoral na grande e imaculada Moral! Os exemplos não falham. O jogo é um vício; o código pune o jogador. Toda a sociedade joga. A gente elegante, vivendo com tempo para negociatas e invenções de jogos, essa é professora. Os meninos, dos dez anos em diante, sabem mais jogos que os garotos da rua. Guardo de uma estadia em Teresópolis, onde alguns filhos-família se complicavam dia e noite em jogatinas, a frase de um garoto de quem eu admirava o saber no *bridge*.

— O senhor admira-se? Já sei quarenta qualidades de jogo.

E sabia, ensinado pelo pai, que curava a própria neurastenia com tal distração.

De resto, em toda parte do mundo é assim, apenas com maior liberdade e sem essa irritante hipocrisia. Que diferença há entre as grandes e loucas apostas dos grandes dias do *Steeplechase*, dos *Drags* e do *Grand Prix*²⁴⁴ em Paris e o movimento da casa das pules dos prêmios dos nossos prados?²⁴⁵ No ponto de vista vício, apenas o das somas. Que diferença há entre o homem que arranja, para viver, uma casa de bicho e o elegante *clubman* que se arruína com ânsia e sem perigo? Apenas a da posição. Há sujeitos vesgos pedindo que se fechem os bicheiros e jogando todos os dias no bicho. Há corações honrados e escandalizados com as tavolagens e as loterias secretas das ruas lóbregas e da cidade nova que passam nos clubes a noite inteira e vivem do jogo...

Querem saber o que diz o escudo do Principado de Mônaco, o reino da jogatina? Estas palavras.

Monaco io sono

Un scoglio

Del mio non ho: quello d'altrui non toglio

*Pur viver voglio*²⁴⁶

O que em português significa: Sou Mônaco, um rochedo, não tenho vintém e dos outros não tiro. É o que se pode chamar falar a verdade!

244. Grandes competições de corridas de cavalos na França, a partir do último quartel do século XIX.

245. Nas corridas de cavalo, o lugar onde são feitas as apostas.

246. O dito original é "*Monacoio sono unscoglio/Del mio non ho: quello d'altrui non toglio/Pur viver voglio*" (Mônaco, Sou rocha/ Não tenho a minha: a de outros não roubo/ Somente quero viver). Fonte: GIOFFREDO, Pietro. *Storiadelle Alpi Marittimi*. Turim: Stampa Reale, 1839. livro 26.

Disto a única verdade social é o entusiasmo com que dissimulamos os nossos instintos, julgados maus pela velha moral caduca. A ambição, o nobre desejo de ganhar dinheiro, egoísmo indiretamente altíssimo porque se faz vontade de acabar com o pauperismo, é o mais desenfreado. Todos os reformadores sociais pregam a extinção do capital, ferozmente. Desde que o têm, mudam de ideia. Todos odeiam o burguês rico. Desde que entram na sua sociedade, deixam a blusa pela casaca.

No fundo a mentira do sonho, nobre mentira que tem feito caminhar a humanidade, e uma série de mentiras sem fim, de mentiras exploradoras em torno do ideal. Mas, em sociedade, a mentira tem vários nomes: boa educação, tato, gentileza, amabilidade, distinção. Vai um cavalheiro tratar de advocacia administrativa e é preciso dizer que saberá ser generoso. Diz: “A operação deixa uma larga margem.” Estão algumas senhoras dizendo horrores de outra que chega na ocasião. Oh! minha querida, estamos ainda agora a gabar o seu bom gosto. Conversa-se com a pessoa de que se depende: sou inteiramente da sua opinião. Um encontro de homens ou de mulheres é um tecido único de deliciosas mentiras. Os salões como as ruas seriam escolas de mentira se todos não fossem professores na matéria. As roupas, os gestos, as frases, os sentimentos, tudo é mentira proposital ou instintiva. Foi um mundano que disse. “No dia em que eu tivesse a certeza absoluta de uma verdade definitiva, suicidava-me.” Foi a mentira que criou o esnobismo.

Thackeray no *Book of snobs*²⁴⁷ conta que, estando uma vez em Constantinopla, num banquete oferecido pelo paxá da Rumélia,²⁴⁸ o paxá, que comia com a mão, ao chegar um prato de carneiro preparado com a própria lã e com assa-fétida, escolheu um excelente bocado e empurrou-o por gentileza nas goelas do enviado russo, o dândi Didiloff. O dândi fez uma enorme careta, tossiu, convulsionou-se, quis lavar a boca, emborcou um copo d'água ardente, pensando que era água simples, e foi removido em braços da sala dos banquetes. Thackeray ao contrário. Quando chegou a sua vez, engoliu a droga com o melhor sorriso e disse: *Bismillah!*²⁴⁹ – lambeu o beijo, fez também uma bola de lã, empurrou-a com toda a graça pela garganta do paxá, e conseguiu o que queria contra Didiloff – o tratado de Kabobanopla!

Cada homem sem o curso completo do esnobismo tem em expectativa pelo menos a perda de um tratado. Por isso, nada mais grave do que essa mentira fútil...

E que faz o esnobismo, a divina mentira social? Cria ao homem várias fatiotas cerebrais, dispensa-o de pensar por conta própria, faz a disciplina militar da futilidade.

O esnobismo é a salvaguarda do progresso, o esnobismo é o diapasão da harmonia universal, o esnobismo

247. *O livro dos esnobes escrito por um deles* (1848), coletânea de textos satíricos escrita pelo indiano William Makepeace Thackeray (1811-1864).

248. Nome pelo qual era conhecida a região dos Balcãs durante o Império Otomano.

249. Palavra árabe que significa “Em nome de Deus”.

é a Civilização. Sem esnobismos nós não teríamos festas belas, e carruagens e o corso, sem esnobismo as nossas formosas damas não vestiriam com tão fina elegância, até, às vezes, exagerada; sem esnobismo não haveria tanta literata e tantos conhecimentos de literatura: sem esnobismo não louvaríamos o bendito *flirt*, continuando a atacar, em nome da moral, essa coisa chamada relesmente em português de namoro, derriço, e até mesmo em calão, de azeite: sem esnobismo nós não faríamos o louvável esforço de falar todas as línguas vivas e de ir à zarzuela; sem esnobismo os alfaiates não teriam tantas contas a receber; sem esnobismo as nossas damas não teriam achado delicioso o Ferrero; e, principalmente, sem esnobismo nós não teríamos propaganda, nem seríamos patriotas – porque patriotismo, longe de ser vestir os filhos de verde e amarelo, ler o *Guarany* e comer vatapá, é estar no nível da civilização e lazer com *aplomb*,²⁵⁰ o que fazem os grandes povos!

Esta é a qualidade admirável do esnobismo, esta é a sua grande força!

E a mentira social irradia. Mentem os criados dos amos, mentem os amos dos criados, mente a amante, mente o amigo, mentem as namoradas, mentem as esperanças, mentem os sábios, mentem os filósofos, mentem os políticos, desde o cabo eleitoral ao chefe supremo, todos muito contentes por pensarem ser os mais espertos capazes de enganar os outros, mentem os negociantes honrados, mentem todos e vão depois

250. Altivez.

dormir tranquilamente para sonhar, isto é, para continuar na mentira, e acordar no dia seguinte com a esperança ou o desânimo, que são duas formas da mentira.

É sabida a frase dos médicos:

– Tome esse remédio, enquanto ele faz bem.

Não há certeza: a cura de hoje é o veneno de amanhã, e nem doente, nem médico, nem talvez o próprio remédio têm certeza.

É conhecida a frase dos negociantes.

– Dou-lhe a minha palavra que tenho prejuízo.

O freguês sabe que ele mente para ser amável e às vezes pediu o dobro pela necessidade de dizer a frase. Mas talvez não comprasse, se não tivesse aquela mentira de estar arruindo a casa comercial. Na nossa cidade ainda há essa incerteza do preço em que se pede vinte para vender por dez. Nas grandes cidades o logro é ainda mais característico da necessidade que o nosso organismo tem da mentira. Os grandes armazéns expõem os objetos com os preços marcados. Se uma coisa tem de custar três francos, põem um 2 enorme e em cima, em caracteres minúsculos 95. E todos exclamam:

– Que barato, 2 francos! esquecendo os 90 cêntimos.

Todos conhecem o valor daquela jura que todos fizemos, ouvimos e repelimos a diversos ouvidos.

– Juro amar-te eternamente...

Nada há em que não transpareça a mentira. Do conhecimento dessas verdades é que decorrem as quatro leis da vida, que regem a arte de viver, isto é, a arte de mentir. O falecido que nos fez ler o seu testamento soube compreendê-las, não as empregou agindo pelo instinto apenas, inconscientemente. E por isso soube sentir a delícia de mentir.

– Então a delícia de mentir está em saber que se está mentindo? perguntarão os renitentes do ideal.

Mas claro. Qual é a delícia de comer, o prazer do gastrônomo? É saber o que está comendo. Qual a delícia, o prazer de qualquer função? É saber o que se está fazendo. No fundo mais uma ilusão em que se prova que o prazer e o gozo só existem quando a gente pensa que os está tendo. Assim com a mentira. Sabe-se que tudo é mentira e como não se tem outra ilusão emprega-se esta para dominar os outros.

A verdade é uma necessidade de que ninguém faz uso. Não há propriamente verdade, fator positivo, há um infinito desdobrar de ilusões que no suceder das épocas temos por verdades, aliás mais ou menos relativas. E relativas porque, quando chega uma pessoa a julgar que a apanhou, a verdade foge e vai para muito mais longe, fazendo-se na existência humana uma espécie de poste do vencedor nunca atingido.

Ora, como nós, a sério, convictamente, nem a nós mesmos seríamos capazes de provar a verdade da nossa existência e o fundo exato do sentir a que comum é chamar de alma, nenhum homem tem pressa de chegar ao vencedor, primeiro porque seria desagradável apa-

nhar a verdade, segundo porque jamais se chegará a tempo de pegá-la.

Florian,²⁵¹ que fazia fábulas, imagens da verdade, diz numa delas:

La vérité toute nue

*Sortait un jour d'un puits...*²⁵²

É engano. A verdade não é mais do que um colossal novelo de ilusões. Começou a ser desfiado no dia em que Jeová fez a luz e até hoje continua a correr deixando o fio resistente da ilusão ao qual todos nós nos agarramos, pensando talvez apanhá-la um dia. A verdade é uma necessidade de que ninguém faz uso, porque de fato não existe...

Como, entretanto, ao que parece, a espécie humana tem grande dose de pretensão, os homens todos, numa ignorância deslumbrada, chamam o certo de hoje de mentira e erro amanhã e ofendem-se com tais palavras e chegam ao excesso de se julgarem possuidores da verdade definitiva. Mal sabe essa gente que o dia do Juízo Final, anunciado há felizmente algum tempo, nada mais será do que o dia em que de chofre e sem querer a todos virá aparecer o horror da verdade, se a verdade não for ainda aí a última forma do erro.

O mundo é uma admirável construção de interpretações apenas.

Há muito homem que deseja saber a cara dos ha-

251. Jean Pierre Claris de Florian (1755-1794), fabulista, romanista e poeta francês.

252. A verdade, inteiramente nua/ Saltara, um dia, de um poço...

bitantes de Marte. Eu teria vontade de estar na sensibilidade dos animais, por exemplo, para saber o que pensam eles de nós. A respeito desses seres temos ideias tão extravagantes que seria um prazer saber o que as aranhas e os gatos pensam desse outro animal, o homem.

Certo fazem de nós uma ideia inteiramente diversa da nossa. E estão iludidos, como nós, como eu, como você.

— Desde que não há verdade e tudo não passa de ilusão, socialmente os homens criaram a fama da mentira útil para o desenvolvimento da sociabilidade. Mentir sempre, sistematicamente, é a única maneira de ser indispensável. De ser indispensável e de conservar intacta e inatacável a ilusão de uma personalidade própria. Para que afirmar um gosto? Todos os gostos são bons. Em arte como na comida, como nas mulheres. Gosta-se de Wagner e da *Maria Cachucha*,²⁵³ de Debussy,²⁵⁴ e da *Valsa chalousée*, de Strauss,²⁵⁵ e do *Tengo-tengo*. É baixeza? Não. É sociabilidade. E, ao mesmo tempo desdobraimento da própria faculdade de sentir, agradando os que sentem com exclusivismo. Encontrar o Luiz de Castro que ama Wagner e odeia o *Tengo-tengo*, admirar com Castro a Wagner sem atacar o *Tengo-tengo*, ir dali gozar o *Tengo-tengo* sem atacar Wagner, é positivamente ecletismo social, capacidade maior, progresso. Assim com as comidas. Um homem que

253. Canção popular portuguesa do século XIX.

254. Claude-Achille Debussy (1862-1918), músico e compositor francês.

255. Johann Strauss (1825-1899), compositor austríaco.

aprecia com os respectivos e exclusivos apreciadoresinhos de andorinhas, tutu de feijão, faisões trufados e um pucheiro suculento põe em primeiro lugar à prova o equilíbrio do estômago, e vale agradavelmente por um chinês, um brasileiro, um francês e um espanhol.

A vida é assim. O interesse, que é uma ilusão real e a maior dos povos organizados, desenvolveu a necessidade dos dois grandes colchetes da sociabilidade: a falta de opiniões e a simpatia. Mas ainda esse desenvolvimento não chegou ao seu auge. O auge está no verbo concordar. Não digo concordar de todo. Concordar um pouco, sem dizer que discorda uma unha sequer – porque de fato não há ninguém que num dado momento não nos seja útil.

Assim, para um homem civilizado todas as mulheres são lindas, são belas e são boas... Com as pretensiosas, diz-se o verso de Cesário Verde:

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,
Aceito os seus desdêns, seus ódios idolatro-os:
E espero-a nos salões dos principais teatros,
Todas as noites, ignorado e só.

É mentira. Mas que prazer damos a essa senhora, apesar de ela fingir que não o sente! E também temos prazeres porque, nos salões dos principais teatros, há outras senhoras que pensarão ser a causa de nossa estadia ignorada, e há os maridos amáveis dessas senhoras, e há uma porção de gente a julgar que lá estamos exclusivamente por sua causa... Até, às vezes, as atrizes do palco.

Se assim se faz com as mulheres, sempre de acordo com elas, sempre a alimentar-lhes a vaidade, para obter a sua simpatia e afastar a ideia má de uma antipatia (porque rancor de mulher é pior que curare aos copos), se dizemos às que amam os maridos: seu marido é admirável, e às ingênuas: o seu noivo é um anjo! E às ciumentas: o seu amante é um monstro! se não lhes negamos nada, absolutamente nada, porque diabo havemos de proceder de outro modo com os homens, que são mil vezes mais vaidosos e mais imbecis, inclusive eu, que as mulheres?

Assim todos os homens fazem muito bem o que fazem. Se são artistas são de primeira ordem, se são comerciantes não há em capacidade comercial iguais além das outras capacidades que eles desejarem. E como tal para os outros. Quando um descompõe outro, particularmente com cada qual tem-se a sua opinião e na presença de ambos procura-se a reconciliação, mostrando a inanidade das paixões humanas e a superioridade do caráter dos cavalheiros em conflito. Para que brigar? Para que dizer que Sicrano é um péssimo ator ou um péssimo advogado? Para que afirmar que Beltrano não é um conquistador ou um dândi? Eles não perdem a mania e quem perde é a gente uma simpatia... Por isso o homem hábil, o homem civilizado, quando encontra outro, diz antes do bom-dia:

– Sim, senhor!

Está saudando, está cumprimentando e está concordando sem responsabilidade. Sistemáticamente eu

digo sempre: sim, senhor! E acrescento: sempre bonito, bem-disposto... para voltar atrás se o sujeito é neurastênico e se julga às portas da morte. No dia em que eu precisar de um cocheiro de bonde, digo-lhe apenas:

– Vais fazer isso com aquele jeito que ninguém mais tem.

Como o mesmo digo ao deputado, ao jornalista, ao político, certo de que, pelo longo preparo, eles serão incapazes de se negarem ao homem encantador que eu sou.

Não ser contra evita qualquer sorte de humilhações. Ser um admirador perceptivo prepara o cavalheiro para o papel de imprescindível. O sujeito que seja admirador de tudo: dos anarquistas e dos banqueiros, dos socialistas e dos capitalistas, dos crentes e dos ateus, dos chefes dos partidos políticos e dos chefes das classes, sendo também venerador dos que querem ser chefes, realiza a perfeição. E, decorrentemente, é o maior.

Para tal não é preciso dobrez de ânimo ou outro trabalho malvisto pela ilusão social. No pasmoso evoluir dos costumes, o contrário já não causa desejos de luta, causa irritação, como as pulgas, as moscas e outros bichos inconvenientes. O favorável é apenas um espelho onde a humanidade se mira tal qual pensa ser.

Não há ninguém que tenha o topete de dizer que um espelho perde o brilho e a individualidade por mostrar a quem se mira a sua cara exatamente. Ora, a cara é uma ilusão, como a beleza, a fealdade, e o próprio es-

pelho. Que mal há em ser um delicado espelho bisotado de almas como elas se julgam?

Vejo que vocês, silenciosos diante deste desenvolvimento das ideias do falecido podem ter um argumento a meu favor ainda: e que sendo o mundo um colossal hospício de alienados, eu procedo como os psiquiatras modernos, que concordam com todas as manias dos doidos para não os agitar e acabam assim senão curando-os, pelo menos sendo nos manicômios a pessoa mais simpatizada. Pois é verdade. É assim mesmo... É repousante, além do mais. Não se tem o trabalho de pensar, de agir; não se gasta a vida com cóleras inúteis, fica-se com uma capacidade de absorção capaz de engolir o mal e restituí-lo intacto, e em pouco tempo só há um homem para todas as cousas e para o resto dos mortais: o dito...

Isto por enquanto. O mundo será um ideal da harmonia, de beijos, de beleza, o mundo será a valsa da *Viúva alegre*,²⁵⁶ o mundo será uma recepção de embaixada perene no dia em que todos se compenetrem dessas flagrantes utilizações da mentira inexplicável que somos todos nós. Talvez seja metafísica a explicação. Mas na prática é uma forma de desenvolvimento industrial como a captação das quedas d'água para a energia elétrica e a redução das passagens para maior trânsito de passageiros. Desde que não existe a verdade senão ilusória, a sociabilidade assentou na íntima concessão de pequenas mentiras. Conscientemente seguros de que não passam de parcelas dessa mesma

256. Opereta do austro-húngaro Franz Lehár (1870-1948).

unidade, os homens em vez de se baterem por ilusões contrárias resolvem respeitá-las mutuamente e creem no paraíso habitado na Terra.

Desaparece a guerra, desaparece o ódio, desaparece a ironia que faz tanto mal a quem a sente. Todos, sem hostilidades inúteis, crendo na incomparabilidade das próprias qualidades (com muito mais força porque ninguém protesta), respeitando as alheias e lisonjeando-as mesmo para as suas conservar. E desse regime, última etapa do individualismo e do egotismo, nasce como da flor o fruto da bem-aventurança, da paz e do amor...

Mesmo porque desaparece a mentira no sentido de pecado capital. Que é verdade?

Aquilo em que ajustamos acreditar: a existência de Júpiter, as lágrimas de Ísis formando o Nilo, a infalibilidade do Papa, o poder mágico da pedra de cevar, a honestidade de Penélope ou de outra senhora mais moderna, a fidalguia do sr. Joaquim ali da esquina. Que é mentira? Aquilo em que ajustamos não acreditar: a infalibilidade do Papa, as lágrimas de Ísis formando o Nilo, a existência de Júpiter, a fidalguia do sr. Joaquim ali da esquina. Desde que os homens tenham o raro saber de aproveitar, de gozar a mentira achan-do todas as mentiras verdades, isto é, aproveitando a mentira- vaidade, o sr. Joaquim dali da esquina fica verdadeiramente fidalgo, as lágrimas de Ísis formaram o Nilo e a infalibilidade do Papa é indiscutível. Mas esse tempo de absoluta civilização vem longe ainda. O homem é principalmente covarde das próprias mentiras. Inventar e fica com medo. Cataloga e se aterra. Cria e treme. Pensa e hipocritamente não tem a coragem de

aproveitar com prazer e glória a única qualidade que o distingue dos outros animais e que é na vida a razão da sua necessária inutilidade: a faculdade de pregar mentiras.

Pensar é mentir. Amar é mentir aos outros para o nosso egoísmo, e a nós mesmos para não nos ulcerarmos. Viver é mentir. Leon Blois,²⁵⁷ o terrível católico, exclama:

A Mentira não ofende o burguês nem nunca o ofenderá. É uma espécie de tio de que espera herdar sempre e para o qual todas as carícias são poucas. Quando a Mentira encarnar-se — o que acontece qualquer destes dias, é só dizer: Deixem tudo e sigam-me, para arrastar logo após si, não uma dúzia de pobres, mas milhões de burgueses e burgueses que a seguirão por onde ela quiser. Até hoje só a Verdade encarnou-se. *Ego veritas qui loquor tecum*,²⁵⁸ e os senhores sabem como foi recebida. Ah! não se enganaram um instante. *Crucifigatur!*²⁵⁹ Só a verdade ofende.

Estava apenas pouco lembrado de que essa verdade não passava de uma interessante mentira como tantas outras que vieram depois e hão de vir! E estava também completamente enganado porque o burguês só ama a mentira quando lhe dizem que ela é a verdade, a boa verdade, a verdade moral, a

257. Romancista e ensaísta francês (1846-1917).

258. “Eu, que falo contigo, sou a Verdade.”

259. “Que seja crucificado!”

verdade científica, a verdade social, todas essas cousas aborrecidamente falsas, e terrivelmente solenes. Só o homem superior acompanha a Mentira – porque só o homem superior sabe aproveitar os erros da existência, a faculdade de inventar, em obras de fato interessantes para seu uso próprio e para a humanidade.

Tudo é blefe, tudo é mentira. Mas, exatamente por isso, pensam os homens que são verdadeiros e erram. Há uma história antiga bem característica. Em certo reino felicíssimo havia um príncipe, irmão do rei, que resolveu dizer verdades. A sua verdade era apontar as mentiras dos outros e dizer o que lhe parecia ter visto. Um mês depois desse fatigante exercício, o príncipe era odiado por todos os vassallos de Sua Majestade. Dous meses depois, a cidade inteira com ele antipatizava convulsivamente. Mostrara a cupidez dos vassallos, abrira os olhos aos maridos, notara a hipocrisia dos religiosos, apontara o mal que finge ser dominado pelo bem, mas que só ele governa, como o general Pinheiro Machado pretende fazer com os presidentes. Quatro meses depois, o próprio irmão, Sua Majestade, que resistira escudado na tradição ilusória do amor à família, já não resistia.

– É irmão, mas é insolente, não há dúvida.

Ao cabo de um ano, o príncipe dissera tantas inconveniências que foi para o desterro, acorrentado como um galé, acompanhado de guardas armados. Na cidade apuparam-no vitoriando o rei. Nos campos atiraram-lhe lama. O príncipe arrastava-se exausto

na floresta, quando encontrou uma velha zarolha que apanhava gravetos.

– Pobre! chamou a velha. Que fizeste para tamanho castigo?

– Disse verdades.

– Meu Deus! Que crime! E quem és?

– Eu sou o príncipe, irmão do rei...

Ao saber disso, a velha, apesar de viver na floresta, transformou-se em cuidados e lamúrias. Um príncipe pode sempre vir a ser rei. E soluçando:

– Coitadito! Nossa Senhora! Queres água? Corro à fonte. Queres repartir comigo o pão do almoço? Tens fome? Tens sede? Toma, dou-te tudo, acompanho-te.

O príncipe sorriu, vendo que nem todos no mundo repeliam a verdade. E reconfortado com tais carinhos, falou:

– Nem tudo está perdido no mundo. Vou contente. Adeus. Obrigado, minha zarolha...

A esse qualificativo a bondosa velha ergueu a face demudada em fúria:

– Zarolha?

– Pois não és zarolha?

– Zarolha? Zarolha é a avó. Zarolha? É assim que

pagas a minha bondade? Zarolha? Grande malcriado! Não foi à toa que Deus te castigou. Vai-te para as profundas, patife. Vai-te!

E como uma breca espumante, atirando-lhe com os gravetos, com as pedras, com os pedaços de árvore, perseguiu o príncipe até cair extenuada. O príncipe esquecera a vaidade, a própria, pensando não errar, e a dos outros, desprezando o cimento da sociabilidade, o bálsamo da vida: a mentira.

Oh! não há dúvida. Pilatos²⁶⁰ foi inconscientemente o maior filósofo da humanidade, com uma pergunta e um gesto. Perguntou: que é a verdade? E logo tratou de lavar as mãos para que não o julgassem capaz de a ter tocado. Se fosse possível a alguém ser o detentor de todas as verdades, isto é, de todas as formas do erro, esse alguém seria um grande criminoso se as não soltasse. Porque, se não nos mantivessem ilusão e mentira, o homem seria para o seu próprio eu um monstro, a sociedade desabaria e nada, nada existiria sob este céu azul, que não é céu, não é azul, nem está por cima.

Eu amo os mentirosos, os que amontoam contrasensos, os que mentem inutilmente, os que só falam mentindo a mentira. São os dervixes²⁶¹ urrantes da religião, que em cada um de nós têm um crente. Eu amo as crianças que pregam mentiras. São as inteligentes. Eu amo as mulheres, essas deliciosas mentiras que de uma mentira óssea fez Adão para se torturar

260. Pôncio Pilatos (séc. I), governador da província romana da Judeia que condenou Jesus à morte.

261. Religioso islâmico da corrente sufista.

com a incógnita. E eu digo mentiras, não mais do que qualquer outro, mas gozando o prazer destruidor de desfiar a lista das ilusões diante dos homens.

Quantos ficariam aterrados em descobrir a inanidade, o vazio, o vácuo, o horror do nada, e levam a vida a enchê-la de ilusões como o tonel nunca cheio da fábula. Outros, porém, veem esse esforço, louvam-no e tiram dele o lucro que é possível tirar, o lucro de compreendê-la. E é esta a delícia de mentir.

Mas ainda assim é a mentira como o sangue da vida social, a mentira fingir, a mentira obrigatória das salas, a mentira anedótica, a mentira utilidade para vencer, ou não morrer – mentira mulher, mentira congresso, mentira crime, enfim a poliforme mentira social que se analisa. A mentira é mais. A mentira é a única razão porque o homem anda nosdous pés, olhando para cima. A mentira é a criadora da Terra. A mentira é a forja de todas as belas coisas, de todas as formas da vida, de todas as esperanças, de todos os ideais, a mentira é a imaginação dos vates, é a sugestionadora dos átomos – a Mentira, filha da Luz, formadora da ilusão...

A mentira esplêndida e superior criou os deuses. A mentira sonhou a guerra de Troia, a mentira fez de uma moléstia o rito básico, a mentira fez partir para o desconhecido barcos cheios de homens, a mentira fez o frio e o calor, e na natureza dispôs tudo como um cenário que ela muda de tempo em tempo. Foi a mentira que fez o vapor, que fez a eletricidade, que até resolveu o céu a obedecê-la tomando a forma que ela queria. É a mentira ideia, a mentira criação, que plasma a natureza e ordena a matéria – a mentira

Homero, a mentira Dante, a mentira Papin, a mentira certeza persistente que dos egípcios aos americanos, através de centenas de séculos, olha as quedas d'água com o desejo de fazê-las luz e força e acaba fazendo. É a mentira geradora da Beleza, formadora da Arte, a mentira que prende os homens aos astros e cria o gosto, a graça, o sentimento inatingido do Perfeito. A mentira que nos faz acreditar nas sereias e nas *nixes*, que nos faz ver as árvores e os prazeres da vida, que faz as mulheres gordas ou magras, segundo a tirania do seu paladar, e que modifica as paisagens e que nos incutiu o prazer de imitar e o prazer de descobrir – a mentira Hesíodo, a mentira Pasteur.

Nietzsche diz: Tudo o que a humanidade fez de sério até agora não é mesmo realidade; são quimeras, mais verdadeiramente mentiras.

Zola, quando a Mentira dava a maior prova da sua força, dizia pesadamente: *La vérité est en marche; rienne l'arrêtera!*²⁶² Quando a verdade seria: a ilusão caminha e jamais a alcançaremos. Por isso, o prático Voltaire exclamava:

– *Mentez, mes amis, mentez!*²⁶³

E o salmo grave censura:

262. “A verdade está a caminho; nada a deterá.” Trecho de *J'accuse* (1898), carta aberta do escritor Émile Zola (1840-1902) ao presidente Félix Faure, acusando o Estado francês de cometer injustiças contra o judeu Alfred Dreyfuss.

263. “Mintam, meus amigos, mintam!” Voltaire em carta ao escritor e amigo Nicolas-Claude Thiériot, em 1736.

– *Omnis homo mendax!*²⁶⁴

O homem é o saciado insaciável. A mentira é a sua razão de ser. Tudo quanto consegue do semelhante é pela mentira social, tudo quanto consegue da hostil natura é devido ao ideal, suprema mentira. É preciso saber gozar a mentira, venerá-la e respeitá-la, em vez de denegri-la. Mintamos com a delícia de mentir sabendo estar mentindo. Mintamos divinamente para vencer, porque o homem que sabe estar mentindo vale por ele próprio, pelo mentiroso, pelo sujeito que engana e pelo mundo que julga conhecer.

Mas eu falo há muito tempo...

– Nem parecia! dirão os senhores fingindo embevecimento para me dar prazer e cativar a minha gratidão.

– Não! não! basta de aborrecimentos! respondo eu mentindo, porque tenho a ilusão de estar sendo interessante.

Ainda a mentira, a delícia de mentir.

Entretanto levanto-me, junto as notas. Vejo que os senhores levantam-se também. E com pressa. Perdão. Um instante ainda. Falei tanto da mentira que preciso dizer-lhes pelo menos uma verdade:

– Meus senhores, tudo quanto eu disse não passou de uma grande mentira.

264. “Todo homem é mentiroso!”

Discurso de recepção na Academia Brasileira

Por uma certa manhã dos fins do século passado – quase quatro lustros antes da terminação desse memorável século da ciência, da luz e do positivismo – um jovem poeta de Maceió resolveu acompanhar a bordo três amigos, que de viagem se faziam para a Corte, capital do Império. O poeta era um belo mancebo tropical. Alto, elegante, bíceps gigantes, largo busto como o desabrocho da cintura estreita, longas mãos, cabeleira crespa formavam-lhe a beleza máscula; e, quando ria, um riso jovial, entre a ironia satisfeita e a ingenuidade irônica, mostrava aos que o ouviam uma esplêndida dentadura de trinta e dois belos dentes. Era forte, era são esse mancebo amável. Chamava-se Sebastião Cícero dos Guimarães Passos,²⁶⁵ e, já na cidade provinciana cabeça das Alagoas, de costume abandonava o lar que o adorava, aprazendo-se em viver pelas reuniões boêmias e tendo como única profissão a de fazer versos e como único ideal o de continuar a fazer versos.

265. Guimarães Passos viveu entre 1867 e 1909.

O moço poeta entrou para o navio com as melhores disposições de voltar à terra uma hora após. Como sempre foi, e ainda é costume apenas nas viagens por mar afogar as despedidas numa bebida qualquer bebida em comum, o poeta e os três viajantes abancaram no convés em torno a uma pequena mesa. A conversa animou-se. Os que partiam confiavam esperanças; o poeta animava tão nobres sentimentos de luta e de vitória. De leve a brisa soprava; uma quieta paz modorava no convés ensolarado; asas de pássaros riscavam rápidas o ar de azul brilhante. O poeta sentia-se bem. E a tarde vinha caindo docemente...

Quando por tal deu, Sebastião dos Guimarães Passos ergueu-se, estreitou nos braços comovidos os três amigos, e como seu passo solene – o passo heráldico como vieram depois a denominá-lo – encaminhou-se para o portaló. Aí viram seus olhos mover-se a paisagem e no oceano, que é mais ou menos verde, borbotões de espuma branca. O navio singrava havia meia hora e dentro em pouco estaria em alto-mar. Sebastião sorriu e voltou aos amigos. Os amigos foram ao comandante. O comandante, velho lobo do mar, como em geral os comandantes dos romances inverossímeis, riu bondosamente. Que fazer? Já agora era continuar. Deu ao poeta cama, a sua própria roupa branca e de tal forma se agradou daquele mancebo importante que, ao chegar à Bahia, propôs trazê-lo à Corte. O poeta aceitou. Em Salvador escreveu um soneto saudoso, e, verificando ter apenas nas algibeiras duas moedas de tostão, resolveu, para não ter nenhuma, comprar uma laranja. O comandante a quem pretendia ofertá-la compreenderia

o sacrifício. Mas, ao voltar para bordo, colocou a laranja na cabine e, ao chegar ao fim da imprevista viagem, após despedidas, agradecimentos, promessas de eterna lembrança e o desembarque difícil sob o calor pesado, achou-se no cais do Mercado o poeta com a laranja na mão. Há esquecimentos providenciais. Esquecendo de dar ao bondoso lobo do mar o presente modesto, agira o poeta movido pelo destino. Assim, pelo mesmo destino removido, olhou a rua, reparou nos mercadores, fitou a laranja e logo pensou em desfazer-se de duas dessas três cousas por uma quarta. Passou o pomo cheiroso ao primeiro fruteiro em troca de uma pequena moeda de prata. E, seguro da sua mocidade, caminhou como velho frequentador para a rua do Ouvidor, que nunca vira.

De certas figuras humanas não se pode falar senão no estilo das histórias românticas. Sebastião Cícero dos Guimarães Passos foi sempre uma fisionomia da narrativa, uma criação do romance alheia à vida normal. Nunca agiu por conta própria, deixando ao destino tal esforço. O destino estimava a confiança, e, talvez agradecido, fez dessa vida uma série de acasos simples, uma perpétua legenda. Guimarães deixou a terra natal por acaso e chegou ao centro intelectual do país com quinhentos réis e alguns sonetos, por acaso. Era da província. Podia conquistar tudo quanto os provincianos conquistam com um pouco de perseverança. Apenas continuou entregue ao destino, com tranquilidade e calma sorridente. Ao entrar na rua do Ouvidor, outro teria temores. Ele, não. Parou à porta de um jornal, viu um literato também jovem e também de cabeleira

indagou-lhe o nome, apresentou-se, recitou o seu soneto mais bonito. À noite era amigo íntimo da jovem geração daquele tempo, e, uma semana depois, os ardentes reformadores da estética de então já o citavam pelas gazetas e dele não prescindiam nas noitadas boêmias. Guimarães Passos não queria mais. E toda vida mais não desejou com a derradeira personificação do que chamamos boêmia.

A boêmia! A boêmia é uma feição transitória da mocidade, que deve ser brevíssima. Nela desperdiçamos energias e criamos a hostilidade ao ambiente real. La Bruyère²⁶⁶ se a conhecesse certo havia de considerá-la um vício. Na literatura ela foi bem sempre um vício intermitente, que chegou ao apogeu da moda no período romântico. A nossa arte, propriamente nacional, começou nesse período, de maneira que tomou o vício como qualidade fundamental. Durante muito tempo, o escritor não passava no Brasil de um curioso anormal, desprendido das coisas terrenas, sem roupa, sem conforto, sem dinheiro, sem pouso certo, lacrimosamente dentro do seu sonho, a escrever sobre mesas de duvidoso asseio os poemas inspirados por uma bela hipotética. Não era conveniente para ter estro pensar no dia de amanhã, beber com medida vinhos bons e julgar-se normalmente feliz. A literatura era desgraçada. A influência europeia de grandes artistas, aliás bem práticos, agindo entre nós com o auxílio do Equador, exagerava e abusava. Os poetas como Castro Alves, Álvares de Azevedo, o pobre Casimiro

266. Jean de la Bruyère (1645-1696), moralista francês, ficou célebre pela obra *Les caractères ou les mœurs de cesiècle* (1688).

julgavam-se infelicíssimos. A poesia era uma sinistra floresta, onde o soluço vivia. As gerações literárias custavam a mudar de ideal. Enquanto Victor Hugo economizava, e Théophile Gautier e a banda romântica instalavam no alvorecente bulevar o dandismo dos suculentos jantares do Café de Paris, só pensando em imitar Victor Hugo, Lamartine,²⁶⁷ Chateaubriand,²⁶⁸ os nossos poetas cantavam como o trovador que ainda hoje aparece nas cromolitografias, morrendo de penúria em frente à janela de uma senhora intratável.

A última geração, a que se veio juntar Sebastião Cícero dos Guimarães Passos, já não tinha esse paciente ideal. Ao contrário. Queria mais, aspirava a mais, fazia com fúria a bancarrota da boêmia e, vivendo ao deus-dará, desfazendo ídolos, atacando o burguês, republicana na monarquia, revolucionária na ordem, aristocrática posto que igualitária, esperava o momento de vencer.

Guimarães Passos tinha em parte o fundo da primeira geração e o aspecto da última. Chegou e foi envolvido pelo turbilhão. Pelo turbilhão, sim! Era um curioso estado d'alma geral. Os jovens literatos viviam barulhentemente impondo-se. Andavam com barulho, comiam com estrépito, dormiam com ruído, moviam-se com espalhafato, trabalhavam menos e davam muito mais na vista. Se os passados eram os ciprestes de um campo santo onde a desgraça os prendia, eles eram o clarim de guerra infrene contra uma

267. Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869), poeta e político francês.

268. François-René de Chateaubriand (1768-1848), escritor e político francês.

porção de coisas que ninguém ao certo sabia quais fossem. Se os outros amavam Lamartine e o sr. visconde de Chateaubriand, eles amavam Musset, Banville²⁶⁹ e Shakespeare. O egoísmo era no bando os de saldunes crianças. Quando um ia, levava os outros e dos outros escrevia. A fama transitória não se fazia assim de um, mas de todos. Se caminhavam pelas ruas era como conquistadores; quando abancavam nos cafés, abancavam tremendamente. Diziam versos, jogavam o murro, propunham duelos. Eram os mosqueteiros literários. A sua vida econômica baseava-se neste princípio que os economistas repeliriam: nunca ter dinheiro e ser sempre generosíssimo. A caridade officiosa desfrutava-os para as conferências em prol das crianças sem pai, das mulheres sem proteção, dos escravos sem liberdade. Quando um deles por acaso tirava o prêmio na loteria ou na tómbola, ia com espalhafato, aplausos e palmas à diretoria de qualquer asilo e entregava o prêmio intacto. Depois ficavam furiosos contra o burguês rico, julgando-se vítimas, mas vítimas de um orgulho tão impertinente que, quando algum filisteu fingia mantê-los para passar também por poeta, levavam o caso à sátira e só não o espostejavam fisicamente porque já o haviam escorchado pelo ridículo. O exagero era o fundamento das suas ações. Implantaram assim o reclamo dos homens superiores pela teoria das falsas aparências. “A obra de arte é uma série de atitudes, e o artista criador um mima especializado.” Como na velha Grécia, o esplêndido Alcibíades foi o primeiro a criar o reclamo intensivo, aproveitando até a cauda do

269. Théodore Faullain de Banville (1823-1891), poeta francês.

seu cachorro, a boêmia artística aproveitava as falsas aparências para dar que falar. Se um era pacifista de ânimo, usava colete cor de sangue de boi, se outro não gostava de se singularizar nas reuniões e via que ninguém usava polainas, punha polainas, mesmo no teatro, nos bailes, de seda branca sobre as botinas de polimento. Todos tinham largos chapéus, largos gestos e largas gravatas. Se alguém não lhes agradava, passava a filisteu; se não os apreciava como gênios, era reduzido a cretino, e os amigos de semanas dormiam juntos sobre jornais nas redações transitórias, beijavam-se na face e tratavam-se fraternalmente de irmãos.

Catão, o jovem,²⁷⁰ ao discutir o caso Catilina no Senado de Roma, disse cheio de cuidados: “*Jam vera rerum amisimus.*” O pobre homem achava que não se dava às coisas o verdadeiro nome, perdendo os termos a sua propriedade. Catão ficaria louco entre os boêmios de 1886 e, furioso agora, tanto as sementes deram fruto depois... Os boêmios exageravam para que lhes dessem passagem. Havia, entre eles, os fazedores de frases de espírito, que toda a vida não fizeram senão frases de espírito. Guimarães não tinha esse gênio. Havia os grandes poetas, que são hoje a nossa glória desde os parnasianos até os filósofos e cientistas. Guimarães não chegou à pureza daqueles nem à fácil cultura destes. Havia cronistas, romancistas, panfletários, jornalistas. Guimarães não era panfletário, nem romancista, nem cronista de índole. Havia violentos que chamavam o criado a tiros de revólver como o sr. de Bismarck. Guimarães era fortíssimo e não detonava o

270. Político romano (ca. séc. I a.C.) célebre por sua integridade.

seu revólver, mesmo para chamar o criado como o sr. de Bismarck. A mocidade tinha tudo menos a ironia, que é a complacência do sábio. Guimarães adaptava-lhes os moldes. O credo de arte pela arte era a preocupação geral. Eles bradavam como um insulto aos utilitários: a arte não se vende! E desejavam ir para diante.

O dinheiro para o bando não passava de um meio de comunicação social deprimente. Das quatro operações conheciam apenas a de dividir com os outros, e contar, contavam sim as sílabas até o verso alexandrino. Quando, por acaso, acontecia algum deles ter dinheiro, gastava-o logo todo, para se ver aliviado, e cada amigo presente era obrigado a repartir com o infeliz a carga dos bilhetes que tudo conseguem, mesmo o talento, no deplorável leilão da existência. Mas desse mesmo desprezo pelo dinheiro viviam eles. Achariam mesquinho trabalhar um mês inteiro pouco para receber ao cabo dele parca e certa quantia. Mas trabalhavam muito mais sem ganhar nada e pediam emprestado com a maior serenidade. O que é meu é teu, logo o que é teu é meu. Um comunismo à Proudhon, que, aliás, considerando a propriedade um roubo, punha nas edições dessas teorias: direitos de propriedade reservados. Por isso não jantavam, não almoçavam, mas banquetearam-se às vezes. Muito mais simples é para quem não tem dinheiro com brilho e audácia banquetear-se do que jantar simplesmente.

Se o dinheiro era assim incompreendido, o amor tomava para eles sempre as proporções das tragédias e das paixões ardentes do Renascimento, no tempo de

Cosme de Médici e de Lourenço, o Magnífico.²⁷¹ O amor era tormento, fúria, delírio, pretexto para excessos, febre má, febre intermitente, que mudava e passava e voltava segundo a ocasião. Quando o poeta amava, a inspiradora dos seus sonhos era uma deusa; quando o poeta estava zangado, era uma infame. Muito deviam ter sofrido as musas da boêmia de 1886!

Sebastião Cícero dos Guimarães Passos, filho do mais antigo tabelião das Alagoas, talvez não tivesse esse temperamento de perdulário sem capital. Mas em compensação, mais que os outros, real, palpável, desenvolvidíssima, tinha a feição sensual. E fazia versos saudosos às mulheres, como um trovador. Quando chegou da província já trazia o soneto que lhe deu renome, lírico e ingênuo:

Esse teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito, quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-to, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Luto, contudo, a procurar quem certo
Possa nisso servir-me de correio;
Tu nem calculas qual o meu receio,

Se em caminho te fosse o lenço aberto...

Porém, ó minha vivida quimera!
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que enfim verás em trêmulos adejos,

271. Cosme de Médici, o velho (1389-1464), e Lourenço de Médici (1449-1492), da poderosa família Médici, de Florença, na época do Renascimento.

Em cada ponta um beija-flor pegando,
 Ir o teu lenço pelo espaço voando
 Pando, enfunado, côncavo de beijos.

Guimarães era um troveiro simples de alma, naturalmente sonhador, fazendo do sonho a vida e povoando-a de criaturas a quem devia amar em verso. Teria uma única musa, como Petrarca,²⁷² como Dante,²⁷³ ou como alguns que, dirigindo-se a várias, só de uma não podem tirar o pensamento? Muita vez, quando as conversas eram mais satânicas em torno das mesas dos botequins, Sebastião levantava-se e saía sem cumprimentar aos mais. Ia meditabundo. Criminarão por tal falta em certa ocasião, e o poeta suspirou com os olhos rasos d'água: “Vou pensar na mãe de Antônio!” Houve um silêncio grave. Coisa importantíssima! Descobriam a musa do poeta. Então ele contou que a mãe de Antônio era uma menina amada desde criança, como em *Paulo e Virgínia*, à sombra das palmas verdes. Apenas a mãe de Antônio casara, e do consórcio nascera Antônio, filho do seu marido. O poeta, entretanto, não tendo dado um passo para obstar o enlace e nem mesmo após o enlace a aparição de Antônio, considerava esse filho seu – porque há sempre uma alma à espera da criança ao nascer e essa alma era filha da sua. Curiosa filosofia! A roda ouvia-o comovida. A norma era a extravagância. Eram assim em 1886. Ninguém riu. A teoria parecia exata.

272. Francesco Petrarca (1304-1374), poeta e humanista italiano.

273. Dante Alighieri (1265-1321), considerado o primeiro poeta da língua italiana, autor de *A divina comédia*.

Todavia o amor platônico à mãe de Antônio não o impedia de amar outras senhoras com o lirismo da carne. Eram amores transitórios. Os poetas sentem num segundo o que os outros levam anos a gozar. As mulheres eram motivos emocionais para a sua musa. Em cada uma encontrava o pretexto para sofrer, chorar, ser lúbrico, ser lírico, ser violento, ser doce. Depois andava sem pensar nos sofrimentos reais que talvez pós si ficassem a soluçar. É que a mãe de Antônio, Claés, Laura, Dulce, Maria, e as outras todas eram apenas para esse romântico formas da Mulher – da Mulher instigadora e vítima, companheira e assassina, da Mulher anseio, desejo, domínio, da Mulher que está em todas as coisas, poliforme, e sutil, nas asperezas e nas carícias da existência, nos espinhos e no odor da flor, no canto das aves e no perpassar da brisa, mulher musa, mulher rima, mulher vida, mulher onda, mulher estrela. Os poetas menores corporificam todos os espantos e todos os encantos na mulher com o intuito de resumir, condensar e fixar o fim da própria existência. Pode-se dizer que Sebastião Cícero dos Guimarães Passos só falou e só pensou no sexo inimigo. O seu viver é uma súplica, um balbucio amoroso, e, mesmo não amando, amava, prostrava-se, rojava, num permanente espasmo de saudade por uma Vênus que era um misto de paganismo e romantismo...

No momento em que te deixo,
Deixa-me toda a alegria;
A porta dos olhos fecho,
Porque não vejo o que via.

O amor as almas enleva,
Mas eu, por causa do amor,
Caminho dentro da treva,
Por guia só tendo a dor.

Além de ti não conheço
Nada, apenas quero ver-te.
Se te vejo, tudo esqueço,
Não tenho nada a dizer-te.

Estas quadras, que o poeta denominou “Simplicidades” e que são a sua habitual e fácil maneira de versejar, bastam como profissão de fé. Quando elevava a Musa, falando na “glória dos helenos” e nos “cânticos de Orpheu”, era para sonhar sonhos de extrema sensualidade, como na “Estátua do pudor”, e para dizer brejeirices por fim.

Mísera aspiração humana! Rematada
Ambição do mortal! Terrena pequenez,
O sonho nos eleva ao céu e o sonho é nada!
A vida – uma tragédia, acaba em entremez!

E tu, visão radiosa, alma da cor do lírio,
Cópia viva e imortal da caçadora Diana,
Preferirias, sei, o mais cruel martírio
A que te visse nua alguma vista humana.

Mas os olhos do amor, os olhos do desejo,
Veem mais que o que pôs Juno à cauda do pavão.
Que importa ao louco amante a convenção do pejo?
Que importa a veste austera aos olhos da paixão?

Ao curioso olhar perspicuo dos poetas
Todo mistério cai, tudo se desaninha,
E um dia um deles disse, em rimas indiscretas,

Quando se vê o pé, a perna se adivinha.

Olhos de artista são como o sol que vê tudo,
Olhos de artista são como o invisível ar:
Éter que em tudo está completamente mudo,
Luz que descobre tudo, altíssona, a cantar.

Vi teu pré... Meu olhar, lambendo a pele, ardente
Esgueirou-se. E ei-lo já no teu rosado artelho,
Ei-lo que sobe mais... ei-lo tremulamente
Serpenteando, a beijar-te a curva do joelho.
A estranha embriaguez não me prostra, ao contrário
Mais me embriaga o furor de indômito subir.

E continua. Os versos não são sempre perfeitos, há até erros mais graves. O poeta, entretanto, beija, continua a beijar, num delírio, para cima...

Estes versos de paixão, cantando os olhos, as faces, a curva da cintura, os cabelos da amada e as ternuras do amor, quantos antes de Guimarães não os disseram! Quantos após Guimarães não os repetirão? São ideias eternas, posto que pequenas ideias. Já estão nos poetas clássicos, em Catulo, em Ovídio, em Tibulo,²⁷⁴ e estão inexoravelmente na abundância de rimas da nossa excessiva poesia. Guimarães, quando não era o simples Guimarães, com uma certa ironia meio espanhola, repetia os motivos emocionais de sempre. Ele também tem um ébrio que por mais que beba não esquece o seu amor, também tem uma senhora mística e também exagera os nadas da paixão. Talvez por isso escrevesse num momento sincero este sentidíssimo soneto:

274. Poetas da Roma Antiga (séc. I a.C.–I d.C.).

Muitas vezes eu li triste e chorando
Sentidos versos que outros escreveram,
Assim, também, aqueles que sofreram
Hão de sofrer de novo me escutando.

Hão de reler aquilo que disseram,
Datas apenas e sinais trocando,
E sem pensarem no que estou pensando
Crerão nas mágoas que em meus versos leram.

Porque o amor que a todo mundo inflama
É o mesmo amor, e um coração quando ama
Nunca esquece o tormento da paixão.

E às vezes, quando menos esperamos,
Num poeta obscuro que jamais olhamos
Encontramos o nosso coração.

Musset, com justeza insolente, já tinha de resto dito:

*Il faut être ignorant comme un maître d'école
Pour se flatter de dire une seule parole
Que personne ici-bas n'ait pu dire avant vous,
C'est imiter quelqu'un que de planter des choux.*²⁷⁵

O poeta não saía a passear sozinho apenas para pensar na mãe de Antônio. Era para pensar em outras, se é forçoso pensar quando se anda só. Ia pelas ruas escuras, noctâmbulo, a devanear; e diante do oceano, sob a lua, caminhava dizendo frases incoerentes. Desejava não en-

275. “É preciso ser ignorante como um mestre de escola/ Para se sentir seguro de dizer uma única palavra/ Que ninguém abaixo pôde dizer antes de vós/ É imitar alguém que planta repolhos.”

contrar ninguém e quase sempre, nesses passeios poéticos, tinha encontros desagradáveis. De uma feita um guarda tomou-lhe o passo. “Que me queres, vermina humana?” O guarda irritou-se. “Onde vai, assim?” *Urbi et Orbi!*²⁷⁶ respondeu o poeta num gesto largo. Era na pilhéria uma confissão. O polícia assim não compreendeu, levando-o ao posto: “Cá trago este homem, gritou ao delegado, insultou a autoridade, chamou-me de *Urbi et Orbi!*...”

A polícia! Era um dos prazeres da boémia violentar as leis policiais. Sebastião dos Guimarães Passos divertia-se com isso. Uma certa noite, depois de belo jantar, indo com um desses amigos que são os satélites dos satélites dos sóis literários, avistou no meio de uma rua deserta uma barrica. O poeta lembrou o filósofo cínico. “Vês aquela barrica? Um filósofo que o mundo admira viveu dentro de uma cuba por sistema. Um poeta, que o mundo considera, pode dormir numa barrica por necessidade. Ajuda-me a rolá-la para a treva!” Um soldado apareceu infelizmente e resolveu impedir a operação. O delegado recebeu-os de cara fechada. “Como se chama?”, indagou do poeta. “Guimarães Passos.” A autoridade estourou: “Nada de brincadeiras. Fale sério, ouviu? Já outro dia um tipo da sua espécie disse que era Fagundes Varela!²⁷⁷ Deram agora para isso. Não pega! Deixe o nome de um poeta distinto e que além do mais escreve nos jornais.”

276. “À cidade e ao mundo!”, saudação usada pelos papas para se dirigir aos fiéis.

277. Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875), patrono da cadeira n° 11 da Academia Brasileira de Letras.

Era, porém, o fim da Monarquia. O Brasil ia transformar-se. Se a primeira tentativa de República sacrificou um alferes dentista amador e degradou vários poetas, é fato positivo que a República afinal se fez também de colaboração tanto dos quartéis como da poesia. Talvez fosse esse o motivo de só haver flores e retórica na Proclamação e tão pouco juízo nos primeiros tempos. Os poetas eram todos republicanos. Michelet, os girondinos, a tomada da Bastilha – que foi apenas no momento obra de uma sugestão indireta do marquês de Sade²⁷⁸ sobre as multidões –, a deusa Razão, os lemas definitivos, a Convenção, prestavam-se a belas imagens, belas bravatas, fantasias esplêndidas. A mocidade ardente e quimérica discursava ao lado dos propagandistas. Ao contrário do conselho de César: “Fugi à expressão estranha como de um precipício”, os oradores empolavam tropos delirantes. Na mais completa liberdade, os poetas pediam liberdade, não a dos romanos, a doce liberdade, *laeta pax*,²⁷⁹ mas a que leva à cadeia, a rubra liberdade da deusa Revolução. Guimarães Passos continuava a amar, a fazer versos e ainda não arranjara um emprego. Um emprego pode ser um ideal mesquinho para os sonhadores. É sempre, entretanto, um ideal, e o Acaso, o maior dos deuses, ainda não se lembrara de conceder esse ideal pequeno a Guimarães, que com ele aliás não sonhava.

Certa tarde, entretanto, o poeta, ao dar com um amigo, fez-lhe esta confidência fascinante: “Se tivéssemos dous tostões, jantaríamos esplendidamente.” O ami-

278. Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814), escritor aristocrata francês, autor do polêmico *120 dias de Sodoma*.

279. A paz gloriosa.

go realizara na véspera uma conferência de caridade, recebendo em troca muitos aplausos; trabalhara o dia inteiro a escrever o jornal, apenas com a certeza dos vencimentos dobrados. Mas só tinha um níquel. Foi arranjar outro. E partiram ambos para a Quinta da Boa Vista num bonde de segunda classe. “Aonde vamos?” “Comer a carne com que Sua Majestade sustenta as feras.” Era uma ideia tão plausível como qualquer outra nesses remotos tempos de extravagância normal. Entraram, pois, ambos pelo grande portão, resolvidos a disputar o bife às panteras. Junto às jaulas estava um homem cabeludo, bronco e insolente. Era o beluário. A tarde caía como uma pérola diluída por sobre a muda harmonia do arvoredo. Guimarães pretendia apenas pedir o bife. Dotado de uma força física enorme, jamais abusara. O confrade, porém, nervoso e imaginoso, sentiu-se cheio de reminiscências do Baixo-Império. Era Bizâncio que ele via, eram as feras do basileu que ali dormitavam. E contra o humilde tratadora sua erudição caiu como um azorrague. O homem a princípio disse: “Os meninos vão embora ou depois não se arrependam.” Sebastião achou ameaçador o conselho e quis humilhar o beluário. A cada uma das suas frases, o tratador, sem compreender, mais colérico ficava. Já rangia os dentes. E, num arranco, furioso: “Ou vão-se, ou solto as feras!” “As feras? Pois solte se é capaz!” Pálido de raiva – pálido e desvairado –, o beluário trepou jaula acima a suspender a grade. O urro tremendo de um tigre-de-bengala fez-se ouvir. “As feras!”, bradou o amigo de Guimarães, deitando a correr. “As feras!”, bradou Guimarães, imitando o ami-

go. Ambos, na corrida espavorida, mais apavorados ficavam com o tropel dos próprios pés sobre a areia, a visão tumultuária das árvores, e, longe de parar, cada vez mais corriam.

Foram esbarrar, extenuados, de encontro a uma das paredes laterais do palácio. De uma das janelas um homem grave sorria. Era o bibliotecário. “Que é lá isso, amigo Guimarães?” Mal podendo falar, Guimarães contou o caso, omitindo a fome. O bibliotecário, amador de boas letras e com a tentação dessa juventude irrequieta, ria paternalmente. Mandou-os subir, instalou-os com conforto. “Já agora não vão sem jantar comigo. Façam companhia ao solitário. Certo ainda não jantaram?” “Há três dias.” “Pois terão mais apetite.” Fez servir no seu gabinete os pratos das cozinhas imperiais, tratou-os com prazer, e para o fim, filosofando, o havana entre os dedos: “Não lhe cansa esta vida, amigo Guimarães? A sua obra necessitaria de quietude, de descanso...” “Oh! descanso! Olhe, eu desejaria passar a vida como o senhor. O destino é que ainda não quis...” “Mas é sempre possível ajudar o destino. Estava exatamente a precisar de um homem capaz para certos trabalhos da biblioteca...”

Três dias depois, tendo lá ido com o desejo de disputar a carne às feras, Sebastião Cícero dos Guimarães Passos encontrava o seu primeiro emprego como arquivista da Quinta Imperial. Parece conto, dirão. Sim, conto – o perpétuo conto da sua vida inteira.

Cedo, pela manhã, o poeta aparecia com a tranquilidade do bem-estar na nave da biblioteca. Passeava por diante dos livros, lia, almoçava, contava anedotas.

Fez aí a maior parte da sua cultura, que estava muito por fazer, leu os autores estrangeiros, amou o padre Vieira,²⁸⁰ afeiçoou-se aos espanhóis, de que a sua obra tanto se impregnou. A uma certa hora, Sua Majestade aparecia. Ia ler, estudar. O silêncio fazia-se religioso. O soberano, a cabeça pendida, trabalhava. E uma vez em que o poeta também lia noutro extremo, o imperador chamou-o: “Sr. Guimarães, como traduziria você estes versos de Zorrilla?”²⁸¹ O poeta, já então monarquista, adiantou-se com respeito. Sobre o mesmo livro a imperial barba argêntea e a cabeça juvenil do poeta curvaram-se. “Já os estudei, Majestade, e até cheguei a traduzi-los.” “Como?” “Assim”... Eram dous versos apenas. O soberano sorriu satisfeito: “Agradável coincidência, sr. Guimarães. Acabo de traduzi-los do mesmo modo e a sua tradução restitui-me a confiança que na minha não tinha.” Tempos que já lá vão, em que os destinados a cuidar da mais difícil das artes, que é a de governar os homens, tomavam pela poesia interesse, protegiam os poetas e com eles traduziam os mesmos versos!

Mas veio a República. Tanto tinham feito por ela os soldados, pouco desejosos de sair dos grandes centros, como os poetas ardentes, como o próprio imperador – talvez o único grande republicano histórico sacrificado pela República. Os militares tomaram as posições e os poetas cuidaram de também ter o seu pedaço humano. Não houve mortos. Houve apenas um desaparecimento definitivo: o da boêmia. A boêmia literária faleceu

280. Antônio Vieira (1608-1697), missionário e teólogo jesuíta português.

281. José Zorrilla y Moral (1817-1893), poeta e dramaturgo espanhol.

para sempre depois da sua crise hiperestésica. Os ideais transformaram-se. Nas revoltas e nos pronunciamentos havia ao lado de militares homens de letras, no exílio e nas prisões o verso defrontava com o galão e com a divisa. Era a geração pensante tomando parte ativa na vida do país. A estética em que o belo escorraçava o útil e o bem negava o interesse, que é, entretanto, a única e grande força do bem universal, desaparecia. Na Constituinte, os representantes da boêmia de 1886 davam o seu voto e faziam projetos. Em palácio e nos ministérios, os potentados do momento procuravam o meio de exterminar o literato jornalista, possuidor do florete-sátira, do punhal-pilhéria, da adaga-artigo de fundo. Os boêmios, que eram o brinco alegre da opinião, tornaram-se a voz de opinião pública. O encilhamento, o período áureo das concessões e das companhias, tinha poetas no meio. E Guimarães Passos levado na onda, cada vez mais boêmio, agia sem saber, nada desejando, mas acumulando pilhérias contra os outros, com o bom humor de sempre.

Nas comoções sociais violentas sempre aparecem, impondo-se aos partidos, alguns bandidos. O que a Europa viu no período escurecido da Idade Média, a América também tem visto. É lei que as águas revolvidas de um lago trazem à superfície os horrores do fundo. Ora, os bandidos não toleram pilhérias e Guimarães acumulava-as, quando rebentou a revolta²⁸² – a grande e até hoje última. Fazia-se a resistência da terra contra o mar, e a onda dos assalariados subia.

282. Referência à Revolta da Armada (1893), no Rio de Janeiro, contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

Um desses, cuja vida foi na América, da Venezuela à Argentina, drama contínuo de torpeza e sangue, o blefe da ignorância imponente, de que até hoje ninguém quis contar a fantástica vida aventureira, era solenemente posto elevado da Guarda Nacional em exercício. Ao famoso sujeito sobravam as sátiras do poeta. Então, na primeira ocasião, antegozando a vingança, prendeu-o e ditatorialmente fê-lo assentar praça no seu batalhão, como cabo. Guimarães não perdeu o grande ar de sempre. Preso, passou a um amigo de jornal favorável ao governo um bilhete rápido: “Salva-me de ser cabo para ser alferes ao menos. Do irmão Guima.” O irmão marchou para o coronel diretor da folha, tão nobre homem que se comoveu, promoveu em horas Guimarães de cabo a tenente e ainda lhe adiantou o dinheiro para a farda. Montando guarda, Guimarães-cabo esperava. Quando a promoção e a farda chegaram, o poeta enfiou a segunda, pôs o quepe, esqueceu a promoção sobre a mesa, apertou a mão do cabo substituto e saiu. Ninguém mais o viu. O amigo aflito recebeu à noite outro bilhete: “Promovido tenente, sigo grato rumo ao mar.” À mesma hora, num pacote armado em guerra, Sebastião Cícero dos Guimarães Passos atravessava a barra sob a chuva incerta da metralha oficial – revoltoso e político.

Era o mar, a que sempre o prendeu um secreto amor, que pela segunda vez o levava inesperadamente, fechando o ciclo mais alegre da sua existência. O oceano marcou, de fato, três grandes partidas em que se dividiu essa vida: a partida para a alegria radiante, a partida para a tristeza solitária, a partida para a morte.

Um romântico diria desejo consciente do mar atirá-lo aos astros na ânsia de vê-lo melhor... A segunda proeza marítima, entretanto, levou-o à guerra, a secretário de governo ilegal, ao exílio amargo, aliás bem adoçado pela despreocupação e pelo amor – “o amor que não é nem alegre nem triste e sonha trabalhando e trabalha sonhando”.

Da revolta criaram raízes muitas fortunas, de ordem política e de ordem econômica. Ele sofreu reveses, nunca procurou juntar dinheiro, passeou com passo fidalgo, amou, contou com a amizade para alimentá-lo. No exílio vivia, em companhia de alguns amigos.

Do Brasil lembrava-se para fazer troças. Entre as pilhérias desse tempo, uma contam que é característica do seu gênio alegre e do seu fetichismo da vida livre. Ao chegar a uma esquina, durante vinte dias Guimarães atravessava a rua a correr e esperava os amigos de outro lado sem dizer palavra, sem uma explicação. Acabaram por perguntar-lhe o motivo daquela extravagância:

“Não veem a placa? respondeu o poeta. Vejam a placa. *Calle* Brasil. Passo por ali correndo, porque se for a passo sou preso.” No mais, fazia versos. Propriamente nem muitos versos fazia, nem muito os lavorava. O seu poema contínuo foi o romance da sua vida de aparência sensual, e, no fundo, triste sem saber porquê.

Ele, de resto, o disse em versos trêmulos:

Na noite em que eu nasci, noite profunda e escura,
Em que apenas se ouvia o gemido do mar,
Creio que minha mãe chorava de amargura.

E, abrindo os olhos, sem olhar,
Vi que no quarto em que eu nascia
Um anjo ou um pássaro, no ar,
Ruflando as asas, fugia.

Mais tarde, quando entrei na minha adolescência.
Alguém, piedosamente, abraçou-me a chorar
E, falou-me a tremer com mágica eloquência.
Porém, apenas volvo o olhar,
Uma figura que me via,
Um anjo ou um pássaro, no ar,
Ruflando as asas, fugia.

Depois, na idade em que a alma ébria de gozos voa
A minh'alma partiu, deixando em seu lugar
Outr'alma iluminada e compassiva e boa.
E quando a banho em meu olhar
E nos meus braços a envolvia,
Um anjo ou um pássaro, no ar,
Ruflando as asas, fugia.

Uma vez que julguei terminada a campanha,
Sobre os louros dormi a sonhar, a sonhar...
Mas a sombra fatal que me foge e acompanha,
O meu olhar, ao meu olhar,
Vendo a fortuna que eu fruía,
(Ou anjo ou pássaro, no ar)
Ruflando as asas, fugia.

E desde então, em toda a parte,
Ou no prazer ou sofrimento,
Ao ver-me a sombra, num momento,
Rapidamente pelos ares parte.
Mas quando o bem mais me acenava,
E um céu mais claro se me abria,

Ao ver a sombra fugidia,
Que bruscamente assim me abandonava,

Eu perguntei-lhe, com tristeza:
– Sombra que foges, sombra errante,
Dize-me a tua natureza,
Em toda a parte em que te avisto,
Sombra fugaz, no mesmo instante,
Foges de mim, de mim te vais,
Quem és? Quem sou? Eu não existo,
Sombra, senão para sofrer...
Desde que a luz do mundo vejo,
Que sob a luz do sol padeço;
Do beijo apenas conheço
O fel que oculta qualquer beijo,
O mal que existe no prazer.
E tu, que, quando alguma paz,
No meu espírito alvorece,
Levas-me o bem que me aparece,
E todo o amor, toda esperança.
Levas na tua asa que não cansa,
Quem és? Quem és? sombra fugaz?
E de uma altura inacessível,
Essa misteriosa, essa vaga entidade,
Com um tom de voz indescritível
Inexorável e terrível:
“Poeta, me respondeu, sou a felicidade.”

Por isso talvez a procurasse no exílio da Argentina, essa fugace felicidade que o acompanhava afinal, como um anjo da guarda discreto e amável.

Quando voltou do exílio, a geração em que formara estava vitoriosa. E deu-se com ele o triste horror do homem que sobreviveu a sua época. Em vão, queria

ver os seus amigos de boêmia tal qual eram. Os amigos estavam colocados, pretendiam dirigir o país, temiam a opinião pública – que a vida começa por afrontar essa opinião, ascende a dirigi-la e pende dela escrava, quando se atinge o máximo da fama. Em vão, Guimarães falava no estilo de outrora. Os amigos nem riam. Haviam casado, educavam os filhos, juntavam dinheiro. Nos cafés já não havia boêmia literária e a boêmia era dourada, nos salões. Dia a dia o mal aumentava sem remédio. O poeta era o derradeiro ser vivo de um país que desaparecera, de uma época tão remota como a dos Farneses,²⁸³ como a de Cleópatra,²⁸⁴ como a do rei d. João VI. Resignou-se. Não tinha outros amigos senão aqueles de físico parecido com os antigos. Com eles então fez-se imortal, com eles elegantemente frequentou salões, com eles obteve o maior êxito recitando versos, vestindo uma casaca de pano tão leve que das abas dizia serem asas de borboleta. Mas, sendo os outros vencedores, nunca sentiu a necessidade de vencer, ele, que parecia ter vencido... Nunca persistiu na crônica. Escrevia por encomenda, desinteressava-se da obra, tendo pelo esforço alheio irônica desconfiança. Como Diderot, que escreveu muito, talvez pensasse: “Feliz o país em que não há nem pena, nem papel, nem tinta senão para escrever os registros das crianças que nascem!” Vivia só, sempre às voltas com grandes paixões transitórias e breves. Saía tarde. Quase não comia. Conversava pouco com um perpétuo ar de troça, e horas inteiras passava nos terraços das confeitarias, diante de uma boque. Era

283. Família aristocrática italiana de grande influência política nos séculos XVI e XVII.

284. Última rainha da dinastia ptolomaica no Egito (séc. I a.C.).

a última negação do trivialismo, o derradeiro boêmio. Abandonou as festas mundanas. Só ainda aparecia na Academia. Para essa criança que continuava a se julgar irrequieto, era prazer surgir nas grandes festas acadêmicas, com o porte ereto, o ar galhardo de sempre e aquele riso de ironia ingênua que já não mostrava uma esplêndida dentadura de trinta e dois belos dentes.

De vez em quando, os jovens de uma geração que não era já a sua diziam-lhe, sem motivo, coisas desagradáveis. Ele, porém, continuava a caminhar.

Certo nada pode apagar um homem como o elogio unânime. Elogiar sempre é o meio de inutilizar sem luta. Ser elogiado sem um grito de oposição, sem vários gritos, é deixar-se arrastar por uma envenenadora melodia. O homem que sabe espera apenas o elogio do seu igual porque é vitorioso e fatalmente generoso. Como, porém, a vitória é rara nas letras, o artista pode fitar as estrelas, sentir a vida, dar forma e cor à beleza impalpável, educar a visão da própria natureza. De esconderijos e poças lóbregas chega aos seus ouvidos o coaxar dos batráquios, e a seus pés, no terreno viscoso, saltam grotescamente, zebradas de verde limo e de verde brônzeo, as carapaças pustulentas dos sapos, que para ele olham como olhavam o boi do fabulista e a lua dos românticos. Lamentáveis sapos inofensivos! O artista que se inebria na missão de suggestionar, de mostrar o não visto, para, observa, analisa, sorri. Por onde espinoteiam os sapos há muita vez a inocência do verde, flores silvestres, e quem sabe? grandes flores perversas de olor intenso. Se não houvesse o sapo, ninguém saberia bem o que é a vida. E os risos maus,

o ricto da inveja, a torpeza da calúnia não passam afinal para os fortes, os que vencem, senão do nojo, do asco, da repugnância que a todos causa a acrobacia macabra de um batráquio emergindo do charco.

Guimarães Passos era um grande afetivo. Nunca muita importância lhes deu, e como um outro académico, o boêmio Abbé Boissart, o verdadeiro organizador da Academia Francesa, julgava-se de uma boémia superior. A sua resposta está neste paradoxo:

Se encontrares alguém no teu caminho,
 Que do teu pranto menoscabe rindo,
 Que, ouvindo gemer, teus ais ouvindo,
 Quebre na face o ríctus do escarninho;

Se encontrares alguém que, descobrindo
 No recesso da tua alma íntimo espinho,
 Em vez de dar-te fraternal carinho,
 Aprofunde-te a dor que estás sentindo;
 Não te zangues com ele, não te zangues
 O desgraçado riso que lhe vires;
 Toca-lhe o peito – que poreja sangue;

Toca-o: verás; que fementidos modos!
 Sonda-o; verás por tudo quelhe ouvires,
 Que ele é mais desgraçado que nós todos.

Mais do que nunca o próprio alheamento da vida ambiente afastava-o de qualquer luta. Era o homem que sobreviveu à sua época. Quase no fim, entretanto, sem sentir o sonho fraternal da antiga boémia, começou de amar as coisas, os objetos, o inanimado. Parava para o sol, murmurava: o nosso sol! Demorava vendo

as árvores urbanas das avenidas. “Estão a crescer, venho vê-las todos os dias.” Pediu certa vez a uma senhora uma boneca e levou-a nos braços. Penteava-a, recitava-lhe trechos de Manuel Bernardes²⁸⁵ e versos de Tyrso de Molina,²⁸⁶ fazia-lhe o rol, dava-lhe banho. A tuberculose, a que resistira o seu organismo em vinte anos de vida airada, infiltrava-se com o mal secreto, puindo-lhe os pulmões. Então Sebastião Cícero dos Guimarães Passos reparou totalmente na verdadeira vida, ao lado da qual passara sem atentar bem, viu o mundo com as suas dores, as suas alegrias breves, a sua eterna ânsia de bem no sofrimento, e notou que abaixo das boêmias literárias e artificiais, muito abaixo, muito lá embaixo, há uma outra boêmia amarrada ao azar, sem pensar nos ricos, trabalhando, penando, arquejando, entre a cadeia e a dura enxada, entre a lei áspera e a sepultura.

E essa boêmia involuntária, sem tempo para aprender, sem tempo para sentir, sem tempo para pensar, essa boêmia sentia a beleza do ritmo, e nas horas roubadas ao repouso, após a labuta ou o crime – que é o maior dos labores –, cantava e transfigurava-se. Nem o poeta a conhecera nem ela sabia do poeta, seu filho legítimo, perdido no artificial.

O poeta sentou-se. Tinha febre. E escreveu para os boêmios miseráveis a “Casa branca da serra”. Era o grande amplexo do reconhecimento. Como por en-

285. Escritor e orador português (1644-1710) da Congregação do Oratório de S. Filipe de Néri, seus tratados voltavam-se para a busca da espiritualidade e da moral.

286. Pseudônimo de Gabriel Téllez (1571-1648), escritor dramático e poeta espanhol.

canto, divulgada nos almanaques do povo a canção dominou mares e selvas, ecos e vergéis do Brasil. Em cada canto, nas alfurjas sórdidas das cidades, nos campos iluminados pela lua, após a faina, na rótula das perdidas e à janela das namoradas, sobre a carícia dos violões, a canção adejou, vibrou, suspirou, queixou-se. Era o lirismo platônico do brasileiro, era a fascinação que domina a nossa raça, era a mesma e imensa paixão da mulher inacessível, por mais que possuída, paixão dos trovadores, paixão saudosa.

Para o poeta o encontro vinha tarde. Não se volta aos simples mesmo sendo simples quando outro sonho nos fez a vida. A moléstia, ademais, progredia. Os amigos, alarmados, resolveram retirá-lo da fornalha urbana, dar-lhe leite em vez de cerveja. Arranjaram-lhe um lugar em Minas. Seguiu, passeou, melhorou, e de novo em frente às confeitarias veio abancar. As faces se lhe encovaram, a febre reapareceu. Encontrei-o uma vez assim. Era no cais, perto do mar. O poeta olhava as ondas revoltas. Disse-me: “Todos têm o seu sonho. Sabes qual é o meu agora? Morrer em Paris.”

Dias depois, quase tão inesperadamente como quando partira de Maceió e partira para a revolta, o poeta partiu para a ilha da Madeira. Era a última viagem.

A ilha, paraíso verdejante para quem não conhece a coleção de paraísos idênticos das nossas montanhas, é sem vida. Nos hotéis caros consertam os pulmões ingleses milionários ou arranjam ne-gócios alemães gordalhudos. Nas praias, adolescentes belos, como devia ter sido Apolo, mergulham no oceano, e na montanha, toda verde, os íncolas de falar cantado têm no

olhar o mistério da incompreensão. Guimarães escreveu de lá. Estava pior. “Cá vim pedir à ilha da Madeira a saúde que o seu vinho me levou”, dizia uma carta que era um esgar. Já a morte o acolitava.

Morte, há no mundo tanta dor contida
 Que tu, que findas todo bem do mundo
 És a cousa melhor que há nesta vida!...

De repente, entretanto, e antes de morrer, embarcou-se num subitâneo ímpeto. O Destino queria ser amável até o fim para quem toda vida só nele crera. Ia para a Suíça. Abateu no bulevar branco de frio, chegou a Paris em pleno inverno, transido e só, olhou com olhos já do insondável, aconchegou-se a tremer sob a neve que parecia o deplumar de asas brancas no céu azul. E morreu oito dias depois de lá chegar, à noite, na cidade que ignorava e que o ignorava, realizando o último sonho, sonho de criança, que antes de morrer deseja um enorme brinquedo de feeria; e morreu no grande rumor orgiástico da Cidade Luz – derradeiro presente monstro com que o maravilhava empoeirado de gelo o Destino, pai dos deuses e dos sonhadores.

Assim acabou o último boêmio romântico. Era na sua modéstia de poeta simples bem o reflexo de um momento da nossa raça, era o derradeiro representante da boêmia amorosa em que se cristalizara durante muito tempo a vida contemplativa de todos nós. E a sua grande culpa foi ficar no sonho, fora da vida, teimosamente fora da vida sem senti-la e sem aproveitar quando os outros marchavam para compreendê-la como a realização do mais belo sonho.

Dele pode dizer-se que teve tudo e nada teve, que tudo fez e nada fez. Sotião, filósofo peripatético, que amava as anedotas e com elas fez um livro abundante denominado “Corno da cabra Amalthéa”, escreveria outro talvez maior com as anedotas da vida desse boêmio. A abundância de anedotas numa existência é a característica da sua irregularidade.

Sem as anedotas não se faria ideia de Guimarães.

Para os perigosos cultores da moral ao alcance de todas as bolsas, da moral em moeda de cobre, Guimarães surge como o perigoso egoísta amoroso. Para os que estudam a sua obra modesta: dous volumes de versos, uma comédia, um dicionário de rimas e os humorismos de jornal, contos ariscos, epitáfios, pilhérias de duas linhas, será sempre um desses poetas de fonte romântica, satélite de uma escola desaparecida, perdido noutra escola e até a morte sem sofrer a menor alteração, a não ser no espírito que rareando a produção nela condensou um triste e profundo amargor. Para os conservadores de coração estreito era uma criatura que estragou a vida. Para os que pensam e sentem e acreditam na ilusão como a única verdade, foi uma deliciosa e enternedora figura. Não era um criador. Mas era bom, leal, amigo. E Zarathustra²⁸⁷ disse: “Os bons não podem criar. São sempre o começo do fim. Seja qual for o prejuízo causado pelos maus, o prejuízo dos bons é muitíssimo maior.” Não era uma personalidade fixada pelo próprio esforço, era uma fantasia real inventada pelo Destino, de que o próprio Zeus tinha medo. Da sua vida poder-se-ia escrever um conto

287. Profeta persa (ca. séc. VII a.C.), conhecido também como Zoroastro.

muito grande que começasse no estilo de Cervantes, passasse à maneira de Sterne²⁸⁸ e terminasse como certos romances de Wells, quando coloca os homens de uma época em épocas futuras.

A Academia aprouve eleger-me para ocupar a vaga aberta pela morte do poeta. É de estilo, em tais solenidades, não deixar o recipiendário de agradecer, cheio de modéstia humilde e às vezes longa, a honra merecida. A honra foi para mim imensa. Seria faltar à verdade visível negar a minha comoção. Mas eu chego muito jovem – o que não é aliás tão visível – a uma Academia muito moça para poder abreviar o agradecimento. À juventude tudo se perdoa, menos a pretensão de parecer velha. Nada mais pretensioso do que abusar da ponderada modéstia da velhice. A Academia é já entre nós uma tradição, mas uma tradição juvenil e poderia responder, a quem lhe pediu como o maior elogio um lugar na sua companhia, o que dizia Shakespeare: um elogio feito a idade avançada é um elogio estéril.

Ao recebê-lo, antes de considerá-lo estéril, não me prendem só o contentamento da gratidão, mas também o desejo de explicar a sua intenção.

Há em todas as coisas uma razão sutil, que é o direito da fatalidade. Sebastião Cícero dos Guimarães

288. Laurence Sterne (1713-1768), escritor e clérigo anglicano irlandês, famoso pelo romance *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*.

Passos foi a última fisionomia do romantismo. Dar-lhe idade seria diminuí-lo. Sobre a sua alma os anos não passavam, nem por eles o poeta pensava caminhar. Morreu quase jovem de corpo e com a alma de uma época que não envelhece, mas se classifica. Era egoísta fantasista, era o egoísta bom. Quem o substituiu trocou sempre a quimera pela curiosidade, o entusiasmo pelo fato, o próprio sentimento pela sensualidade dos sentimentos alheios. Veio para a vida ver. Ele foi ator. Eu sou espectador. Ambos vestíamos aquelas roupas que Carlyle no *Sartus resartus* dizia serem as ideias divinas ou infernais suscetíveis da Moda. Ele vestia uma casaca de cor, com bofes de renda. Eu visto uma casaca preta sem bofes. E está principalmente na escolha dessas vestimentas simbólicas que escondem a eterna Ideia Pura, a intenção da Academia. A obra de arte é inteiramente inútil quando não exprime, através de uma personalidade, as aspirações do mundo ou o reflexo dos sentimentos de moral e de beleza da época em que surge. Os grandes poetas refletiram sempre a aspiração universal, foram os vates, os que diziam as ânsias e ao mesmo tempo o imenso desejo de escalada da espécie humana. Os poetas descobriramos astros antes dos homens, e poetas como Dante adivinhavam constelações num hemisfério ainda por conhecer. Antes da realização das ousadias da mecânica, os poetas sonhavam o vapor, o telefone, o fonógrafo, a máquina, o automóvel, o aeroplano, que é o mais velho sonho da humanidade. Guardas das tradições sentiam a natureza plasmada e dominada pelo homem. E, enquanto o poeta ficava assim reflexo incentivo da humanidade e

os pequenos aedos serviam à satisfação dos egoísmos limitados, o homem penava, sofria, fazia do sangue suor e materializava o sonho.

Quando a inspiração ficou abaixo da mecânica e as fantasias delirantes não ultrapassaram a conquista do conforto, os grandes poetas tornaram-se analistas, e a poesia pessoal, repetindo com convicção pequenas coisas particulares, passou à confecção de bugigangas industriais, em que o molde é tudo. O sonho particular não interessa mais, porque todos nós vivemos num extraordinário sonho de Beleza e de Força. Nunca houve na vida humana um momento igual ao presente, o momento em que todos são poetas e a poesia vive nos menores gestos, nas menores ideias, em cada canto, em cada corpo, em cada cidade. O ritmo mecânico regra como uma apoteose a beleza, todos os delírios, o do prático que descobre, o do rico que esbanja, o do ladrão que mata, o do anarquista que incendeia, o da mulher que perde, o da multidão que freme com a fúria da satisfação na beleza. Tudo quanto parecia impossível ao mundo antigo e não passava de símbolo e de ficção, a imensa e infinita aspiração dos homens desde os árias para conhecer e fixar, domar os elementos, criar, gerar, inventar, realizar, descobrir o mundo onde habita e os outros mundos e o seu próprio ser e a sua própria alma, sentir o inanimado, e animar o aço, descer ao oceano, subir aos ares, consciente e seguro — tudo o homem realizou materializando o sonho. É o milagre permanente, é a maravilha normal. Nada pode ser impossível, e o impossível desaparece na lenta audácia secular dos demiurgos. O artista

sente os velhos processos ridículos, o vazio de repetir diante da imensidade atual. O presente criou as coisas que se não veem mas se presumem, a atmosfera de assombro em que todos nós, sem espanto, erguemos alto o archote da visão. O presente personalizou o inerte, deu cérebro e pensamentos às máquinas, descobriu a não sonhada vida das profundidades oceânicas, a vertigem vencida dos espaços livres, fez a estética da velocidade, a fúria metálica da rapidez, e ao cérebro deu força infinita e o sentimento do impalpável. Os oceanos ele os estreitou, o aço e o ferro animou-os com o calor para correr parado, para voar deitado, pensado. As grandes florestas, onde outrora os semi-deuses moravam, ele as desfez; os montes ingalzáveis, galgou-os; as entranhas da terra e o fundo do mar impenetráveis, penetrou; dos rios fez estradas, das quedas d'água tremendas força represa; e, com todas as energias dispersas reunidas, criou o conforto, que é maravilha da rua, da casa, da roupa, do conjunto, das cidades, das sociedades em que a vida parece acudida por um bando de fadas legendárias. E pensando, querendo ser mais. Em cada crânio há uma partícula de um metal mais forte que o mundo, que é a ideia. E jamais cansado, o homem possuidor do Egoísmo, a qualidade fundamental que cria a solidariedade pelo interesse e o amor pela satisfação mútua, o homem tem mais ambição. É a aspiração máxima, um conjunto exasperante em que todos querem ter mais, ser mais, vencer mais, do artífice ao que mais pode — em pleno sonho, o sonho ainda maior de superar, de criar o super-homem, de ser maior que a espécie.

A arte é a placa sensível da vida. Phidias²⁸⁹ diz o mundo grego como Rodin,²⁹⁰ o mundo de agora. Uma estética nova surge, a estética do milagre animador. A natureza é outra, utilizada pelo homem, vista na corrida dos automóveis. A vida das cidades tem esse frenesi de saber, esse desespero orgíaco do domínio, de audácia, de energia cerebral. O homem é outro com os instintos aguçados e os sentidos duplicados. A mulher é ainda mais mulher.

Para que repetir o que disse o venerável Lamartine? Para que reproduzir os desesperos de Byron? Para que fingir lágrimas e escrever sonetos contando velhas coisas cômicas que já se não usam e sabem tanto a recantos de antigas bibliotecas? A vida fez a renovação de todas as figuras estéticas, dos velhos moldes literários.

A paisagem com a vegetação dos canos das usinas, as sombras fugitivas dos aeroplanos e a disparada dos automóveis, os oceanos sulcados rapidamente, desventrados pelos submarinos, os dramas que esses ambientes novos dão às cidades cortadas de aço, cachoeirando, por cima, por baixo, em borbotões, as multidões apressadas, a exibição do luxo, a nevrose do reclamo em iluminação de mágica, os negócios, o caráter, as paixões, os costumes, em que o sentimento das distâncias desaparece, o crescente esmagamento do inútil, a flora formidável do parasitismo e do vício, o amor, a vida dos nervos centuplicada obrigam o artista a sentir e ver de outro feitio, amar de outra forma, reproduzir de outra maneira. Faz-se um poema

289. Escultor da Grécia Antiga (séc. V a.C.).

290. François-Auguste-René Rodin (1840-1917), escultor francês.

de maravilha visível e de emoção aguda vendo uma fábrica. Têm-se todos os horrores e todas as delícias do mundo, sentindo uma rua. E em tão dramático deslumbramento, no *maelstrom* do sonho realizado, no excesso de poesia ativa que diminuiu os poetas, o artista é, mais do que em outra qualquer época, o primeiro, porque vê enquanto os outros agem, reflete enquanto os outros sentem, e, dominador, guarda consigo a imensa e suave força transformadora, a força que mostra os ridículos, indica as falhas, reduz a vaidade, diminui os poderosos, mata os imbecis, esmorece os fracos, incentiva os fortes e julga o mundo, a força da ironia que nas figuras de Leonardo é o sorriso da esfinge, nos bronzes de Benevenuto o desafio voluptuoso, nos mármore gregos a placidez inquietante, e se torna o cunho da obra de arte perdurável e fixa a imortalidade, num pequeno poema, numa página, numa frase – porque é o sorriso complacente da cultura, a flor do espírito sutil, o ceticismo tranquilo do raro, a divina ironia, que nem os deuses tiveram, a ironia poliforme que sorri em Luciano e faz pensar em Cristo, a ironia de que um escritor disse – sem a ironia o mundo seria uma floresta sem pássaros.

A Academia – para que dizer cousas por todos sentida? – é o escol mental do país. Renan²⁹¹ disse que um país vale pelo seu escol. Neste momento, o país entra na grande corrente humana, com a força e a ingenuidade de um gigante criança, que muito tempo passou sem nada fazer além de castelos no ar e versos

291. Joseph Ernest Renan (1823-1892), filósofo, filólogo e historiador francês.

à sombra das palmeiras. E a transformação nos hábitos, nos costumes, nas ideias, um súbito grito de triunfo, a grande força do progresso que é a força de fugir de si mesmo. Da vida desapareceram os boêmios líricos. Na arte extinguiu-se o sentimentalismo. A aspiração dos artistas novos seria a de fixar através da própria personalidade o grande momento de transformação social de sua pátria na maravilha da vida contemporânea; a de refletir a vertiginosa ânsia de progresso, esse aspecto incompleto, pouco constituído, agregado heteróclito de apetites bárbaros e delicadezas civilizadas da raça, agora; a de gravar o instante em que os velhos sonhos afundam, com todas as valetudinárias superstições de outrora, inclusive a da moral, na eclosão de uma vida frenética e admirável.

Não quisestes em tal hora, senhores meus, chamar para vossa companhia e para a cadeira de Laurindo Rabello²⁹² alguém que, como Laurindo e Guimarães, fosse na vida o prisma azul, por onde não se vê a vida. Preferistes o espectador incompleto dessa sociedade que se constitui. Em vez da obra perfeita e de sabor conhecido, tomastes como exemplo da época na Academia aquele que fixa tumultuariamente alguns aspectos do esplêndido espetáculo. A ironia é também incentivo, quando generosa. Há intenções sutis que esperançam e deliciam. Ao entrar na Academia sob o louro deste acolhimento, quero ver apenas no vosso gesto para o companheiro muito jovem a doce e boa ironia de um incentivo amigo.

292. Laurindo José da Silva Rabelo (1826-1864), médico, professor e poeta romântico brasileiro.



Imagem da capa

Detalhe de ex-libris de Carl Neumann Reichenberg (1907)
da “Coleção de Ex-Libris” v. 8 – Área de Iconografia da
Fundação Biblioteca Nacional

CADERNOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

Volumes publicados

1. *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Matias Aires.
2. *Swift*, Rui Barbosa.
3. *Os meus balões*, Alberto Santos Dumont.
4. *O bibliotecário do rei*. Trechos selecionados das cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos. Marcus Venicio Ribeiro e Mônica Auler (Org.).
5. *Senhora das imagens internas*. Escritos dispersos de Nise da Silveira. Martha Pires Ferreira (Org.).
6. *Caderneta de campo*, Euclides da Cunha. Olímpio de Souza Andrade (Org.).
7. *Escorço biográfico de Dom Pedro I*, Maria Graham.

8. *O Japão*, Aluísio de Azevedo.
9. *Diário Carioca*: o jornal que mudou a imprensa brasileira, Cecília Costa.
10. *O pós modernismo*: Graciliano Ramos e José Lins do Rego, Nelson Werneck Sodré.
11. *Doze horas em diligência*: guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora, Revert Henry Klumb.

Agradecemos aos sucessores dos direitos autorais das imagens aqui reproduzidas o licenciamento para usá-las nesta publicação.

Aos herdeiros por nós não localizados solicitamos que se manifestem.

Os Editores

Impresso pela Editora e Papéis Nova Aliança Ltda.

Composição em Bodoni MT

Capa em papel Kraft 300 g/m²

Miolo em papel Pólen Soft 80 g/m²

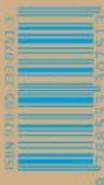


João do Rio, mais famoso e definitivo pseudônimo de João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921), nasceu na rua do Hospício, atual Buenos Aires, no centro do Rio de Janeiro. Célebre cronista da cidade, então capital federal, notabilizou-se por suas

modernas crônicas e reportagens, testemunhos vibrantes da mudança de valores e costumes que ocorriam na “hedonista” sociedade carioca de seu tempo.

Ingressou no jornalismo aos 17 anos de idade, tendo sido repórter, redator, diretor e colaborador em vários periódicos fluminenses, além de fundar *O Rio Jornal*, *A Pátria* e *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*. João do Rio foi também tradutor, crítico, teatrólogo e membro da Academia Brasileira de Letras. Morreu de infarto em 1921, dentro de um táxi, nas ruas da cidade cuja imagem ajudou a construir.

Psicologia urbana, publicado em 1911 e pela primeira vez reeditado, reúne quatro conferências feitas por ele na época, além do seu discurso de posse na ABL. As conferências tratam dos “estados d’alma” da cidade, como o amor, o figurino, o flirt e a mentira – falas divertidas e provocantes em que filosofia e mundanismo se misturam, gerando uma de suas obras mais intensas.



40
5
RIO
450



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA